UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TAÍTALO EDUARDO GOMES GENTIL

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Delmiro Gouveia
2023

TAÍTALO EDUARDO GOMES GENTIL

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Kleber Costa da Silva

Delmiro Gouveia

2023

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia
Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

G338r Gentil, Taítalo Eduardo Gomes

Rugosidades e imagens de Paulo Afonso – BA: os lugares histórico-geográficos como sínteses de consolidação da terra da energia / Taítalo Eduardo Gomes Gentil. - 2023.
131 f. : il.

Orientação: Kleber Costa da Silva.
Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Historiografia. 2. História. 3. Geografia. 4. Paulo Afonso – Bahia. 5. Geografia urbana. 6. Geografia cultural. 7. Geografia simbólica. 8. Terra da energia. I. Silva, Kleber Costa da. II. Título.

CDU: 911.3(813.8)

FOLHA DE AVALIAÇÃO

TAÍTALO EDUARDO GOMES GENTIL

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia – Licenciatura – submetida ao corpo docente da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, e aprovada em 02 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Profº Me Kleber Costa da Silva, Campus do Sertão, UFAL
(Orientador)

Profª Drª Francisca Maria Teixeira Vasconcelos, Campus do Sertão, UFAL
(Examinadora Interna)

Profº Dr Flávio Augusto de Aguiar Moraes, Campus do Sertão, UFAL
(Examinador Externo)

“A paisagem urbana é, para além de outras coisas, algo para ser apreciado, lembrado e contemplado”.

(*Kevin Lynch*)

“Não se pode planejar o amanhã sem conhecer o ontem”.

(Antônio Galdino)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, ao meu Deus, Pai todo-poderoso, e a Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, por estarem presentes em cada momento da minha vida e por permitirem chegar até aqui.

À minha família, base primordial de minha caminhada, em especial à minha querida mãe, Cícera Gomes Gentil; à minha irmã, Rafaela Tamires; e ao meu sobrinho, Erick Rennan, que por diversas vezes me chamava para brincar e que me ajudava a aliviar a tensão que é escrever um TCC, por todo o amor, apoio e confiança que me deram até aqui, e por transmitirem o verdadeiro sentido da palavra família, e ao meu pai, Rafael Barbosa Gentil, sou eternamente grato por tê-los em minha vida.

Ao professor e orientador, Kleber Costa da Silva, obrigado por tudo, por estar ao meu lado na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, agradeço imensamente pela orientação precisa e pelas indicações de leitura, por suas contribuições e colocações e por "apresentar" a Geografia Simbólica, como também, ao Grupo de Estudos Sociedade e Natureza – GESN, sob sua coordenação.

À professora Francisca Maria Teixeira Vasconcelos, pela sua orientação durante a monitoria na disciplina de Introdução à Ciência Geográfica e por contribuir no processo da minha formação enquanto monitor e futuro professor da educação básica.

À Universidade Federal de Alagoas, ao Campus do Sertão, que me concederam experiências únicas e enriquecedoras durante a minha formação acadêmica durante esses quatro anos e meio de graduação, assim também como aos demais professores do curso de Licenciatura em Geografia, aos colegas da turma 2018.1 e ao Sertão de Alagoas.

Ao Colégio Estadual Polivalente de Paulo Afonso, meu antigo ambiente de trabalho, onde pude vivenciar de perto o contexto escolar, contribuindo na minha escolha pelo curso de Geografia-Licenciatura, como futuro professor da disciplina, em que me auxiliou na conciliação entre a vida profissional e a vida acadêmica, entre eles, equipe gestora, professores e demais colegas de trabalho, que abriu suas portas diversas vezes para a prática dos estágios supervisionados, em especial à professora Marilene Castro de Souza, que durante o período do estágio supervisionado contribuiu na minha formação.

À Biblioteca Pública Municipal Natalice Barreto, em Paulo Afonso, pelo empréstimo de livros acerca da história pauloafonsina.

Ao Memorial Chesf em Paulo Afonso, em nome da Sra. Ceiça, pela excelente recepção, que mesmo fechado por reformas e impossibilitado para visitação, abriu suas portas

apresentando o acervo de fotos históricas da instalação da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – Chesf.

À Casa da Cultura de Paulo Afonso, em nome do seu então diretor, João de Sousa Lima, com seu acervo de fotos históricas da cidade de Paulo Afonso que enriqueceram significativamente esta produção acadêmica.

Ao Núcleo de Atendimento ao Turista - NAT, em nome de José Antônio de Souza, pela receptividade, pelas histórias contadas e por proporcionar uma visita ao Complexo Hidroelétrico da Chesf, conhecendo de perto as instalações e o trabalho da Companhia na cidade.

Aos participantes que colaboraram no último subcapítulo e que dedicando seus tempos através de suas narrativas, enriqueceram a essência deste trabalho.

E a todos que contribuíram nessa longa estrada, meus agradecimentos!

RESUMO

Este trabalho busca apresentar um estudo da historiografia urbana com enfoque nas paisagens culturais a partir de imagens representativas da cidade de Paulo Afonso, Sertão da Bahia. A pesquisa tem como objetivo geral analisar, mediante um aporte teórico, os fundamentos históricos e geográficos da paisagem pauloafonsina, representada pelo viés da Geografia Urbana e da Geografia Cultural, em especial, as rugosidades e as imagens locais como lugares sínteses da cidade, que nortearam este trabalho no sentido da Geografia das formas simbólicas. Através da percepção e da afirmação, sustentadas pela história e pela literatura, a cidade é conhecida pela produção de energia elétrica, estando inserida em seu território a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – Chesf, o que lhe confere o título de Terra da Energia. A metodologia utilizada neste trabalho, baseou-se na pesquisa exploratória e no levantamento bibliográfico, articulada aos fundamentos teóricos de autores da Geografia e das categorias de análise, paisagem e lugar, e de outras áreas, como Callai (2002), Corrêa (2007 e 2011), Fortuna (1997), Holzer (1999), Lynch (2005), Santos (1988 e 2006) e Tuan (1977 e 1979), além de fundamentos históricos de pesquisadores e historiadores locais e regionais como Galdino (2017) e Lima (2017). Ademais, a leitura imagética, a essência que dá o título a este trabalho, ou seja, a análise e a interpretação de imagens, faz parte ao longo desta produção. O processo prático de investigação foi composto, também, por narrativas de personalidades locais que trabalham e que fizeram parte da história pauloafonsina, no que inclui diferentes agentes sociais, articulado por elementos do empírico e apoiado em suas experiências vividas, com a finalidade de coletar narrativas que enriqueceram este trabalho e contribuíram na afirmação acerca da história local da cidade de Paulo Afonso, consolidada como a Terra da Energia. O desenvolvimento histórico entre a cidade de Paulo Afonso e a Companhia, deixaram marcos representativos, símbolo da presença do homem do passado, hoje, objeto de compreensão, afirmação e percepção do homem do presente. Para mais, o trabalho foi desenvolvido em cinco capítulos, cada, com seus objetivos, particularidades e contribuições ao longo deste problema de investigação.

Palavras-chave: Paisagem. Lugar. Cultura. Simbólico.

ABSTRACT

This paper seeks to present a study of urban historiography with a focus on cultural landscapes from representative images of the city of Paulo Afonso, Sertão da Bahia. The general objective of the research is to analyze, through a theoretical contribution, the historical and geographical foundations of the Paulo Afonso's landscape, represented by the Urban Geography and Cultural Geography, especially the roughnesses and the local images as synthesis places of the city, which guided this work in the sense of the Geography of symbolic forms. Through perception and affirmation, supported by history and literature, the city is known for the production of electricity, with the Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - Chesf being inserted in its territory, which gives it the title of Land of Energy. The methodology used in this work was based on exploratory research and bibliographic survey, articulated to the theoretical foundations of authors of Geography and the analysis categories, landscape and place, and other areas, such as Callai (2002), Corrêa (2007 and 2011), Fortuna (1997), Holzer (1999), Lynch (2005), Santos (1988 and 2006) and Tuan (1977 and 1979), in addition to historical foundations of researchers and local and regional historians such as Galdino (2017) and Lima (2017). Moreover, the imagetic reading, the essence that gives the title to this work, that is, the analysis and interpretation of images, is part throughout this production. The practical research process was also composed of narratives of local personalities who work and who were part of the history of Paulo Afonso, in what includes different social agents, articulated by elements of the empirical and supported in their lived experiences, with the purpose of collecting narratives that enriched this work and contributed in the statement about the local history of the city of Paulo Afonso, consolidated as the Land of Energy. The historical development between the city of Paulo Afonso and the Company left representative landmarks, symbol of the presence of the man of the past, today, object of comprehension, affirmation and perception of the man of the present. For more, the work was developed in five chapters, each, with its objectives, particularities and contributions along this research problem.

Keywords: Landscape. Place. Culture. Symbolic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização do município de Paulo Afonso-BA. 14
Figura 2 - Folha de rosto do Atlas e Relatório Concernente à Exploração do São Francisco. . 36
Figura 3 - Placa de bronze como registro da visita do Imperador D. Pedro II. 37
Figura 4 - Cachoeira de Paulo Afonso, óleo sobre tela de E. F. Schute, 1850. 38
Figura 5 - Usina Angiquinho em Delmiro Gouveia-AL, vista do lado baiano da cachoeira. .. 41
Figura 6 - Usina Piloto. 42
Figura 7 - Rua da Frente, atual Avenida Getúlio Vargas em 1972. 43
Figura 8 - Cerca que dividia o Acampamento Chesf da Vila Poty 46
Figura 9 - Feira livre na antiga Rua da Frente. 47
Figura 10 - Acampamento Chesf, à esquerda; e Rua da Frente, à direita. 50
Figura 11 - Av. Getúlio Vargas, centro comercial da cidade. 50
Figura 12 - Vestígios do muro erguido que dividia o Acampamento Chesf da Vila Poty. 51
Figura 13 - Etapa inicial do Sistema de Transmissão da Companhia. 54
Figura 14 - Entrada das obras das usinas em Paulo Afonso. 57
Figura 15 - Complexo Hidroelétrico de Paulo Afonso, ao fundo, a formação da cidade. 60
Figura 16 - Ilha de Paulo Afonso, ao centro. 62
Figura 17 - Usina Paulo Afonso IV. 62
Figura 18 - Registro antigo da Caixa d'Água Relógio. 66
Figura 19 - Registro antigo do Monumento a Amazonas e o Corcel. 67
Figura 20 - Monumento aos Trabalhadores em construção. 68
Figura 21 - Registro antigo do Monumento o Touro e a Sucuri. 69
Figura 22 - Registro antigo do Monumento 1º Decênio da Chesf. 69
Figura 23 - Caixa d'Água Relógio. 71
Figura 24 - Monumento aos Trabalhadores. 72
Figura 25 - Monumento Obelisco, à esquerda; e Monumento o Touro e a Sucuri, à direita. .. 73
Figura 26 - Monumento 1º Decênio da Chesf. 73
Figura 27 - Praça das Mangueiras e Parque Belvedere. 74
Figura 28 - Entrada do Complexo Hidroelétrico da Chesf. 75
Figura 29 - Torre de transmissão, próxima ao Memorial Chesf. 76
Figura 30 - Paredão da Usina Paulo Afonso IV. 76
Figura 31 - Igreja de São Francisco de Assis. 77
Figura 32 - Folders turísticos como valorização do turismo da cidade. 82

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Complexo de Usinas Hidrelétricas de Paulo Afonso.....63

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Imagens representativas dos lugares histórico-geográficos de Paulo Afonso.....65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL – Alagoas

BA – Bahia

CHESF – Companhia Hidro Elétrica do São Francisco

COLEPA – Colégio Paulo Afonso

COPA – Clube Operário Paulo Afonso

CPA – Clube Paulo Afonso

ELETROBRAS – Centrais Elétricas Brasileiras

HNAS – Hospital Nair Alves de Souza

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

MASP – Museu de Arte de São Paulo

PA I – Paulo Afonso I

PA II – Paulo Afonso II

PA III – Paulo Afonso III

PA IV – Paulo Afonso IV

PE – Pernambuco

SECULTE – Secretaria de Cultura e Esportes

SETIC – Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio

SUS – Sistema Único de Saúde

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS 18
2.1 Paisagem Geográfica 18
2.2 Paisagens e lugares 24
2.3 Lugares histórico-geográficos 28
2.4 Rugosidades 30
3 PAULO AFONSO-BA: A CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA 33
3.1 Desenvolvimento histórico da cidade de Paulo Afonso-BA 33
3.2 O papel e a relevância da CHESF 53
3.3 Lugares histórico-geográficos sínteses de consolidação da Terra da Energia 64
4 AFIRMAÇÃO E PERCEPÇÃO DOS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS DE PAULO AFONSO-BA 71
4.1 Lugares afirmados pela história e pela literatura: rugosidades e imagens locais ... 71
4.2 Os lugares percebidos enquanto imagens-síntese da cidade 78
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 84
REFERÊNCIAS 86
APÊNDICE 90

1 INTRODUÇÃO

A motivação para esta pesquisa nasce na necessidade de interpretar a formação da paisagem cultural da cidade de Paulo Afonso-BA, em especial a partir das formas simbólicas presentes em seu espaço por meio das contribuições da Geografia enquanto ciência. Ademais, a problemática busca investigar o espaço e a cultura pauloafonsina, cabendo à Geografia, a partir de um viés simbólico e representativo, considerar as múltiplas relações entre o homem e o seu meio. A princípio, a proposta do trabalho originou no interesse de sustentar a afirmação de estudos historiográficos que consolidam a cidade de Paulo Afonso, a ser reconhecida por meio da produção de energia elétrica, a partir das águas do Rio São Francisco, destacando os contextos econômicos e de desenvolvimento, porém, dando enfoque ao aspecto simbólico que sua história representa para o contexto local e regional.

O assunto a ser abordado rege acerca dos espaços simbólicos e das paisagens culturais que representam valiosos significados e que, em síntese, consolidam a cidade de Paulo Afonso, através da história construída, como a Terra da Energia. Por isso, como esses lugares percebidos e reproduzidos na paisagem - como categoria de análise da Geografia, simbolizam sua historiografia, interpretando a cidade de Paulo Afonso através do concreto e do simbólico.

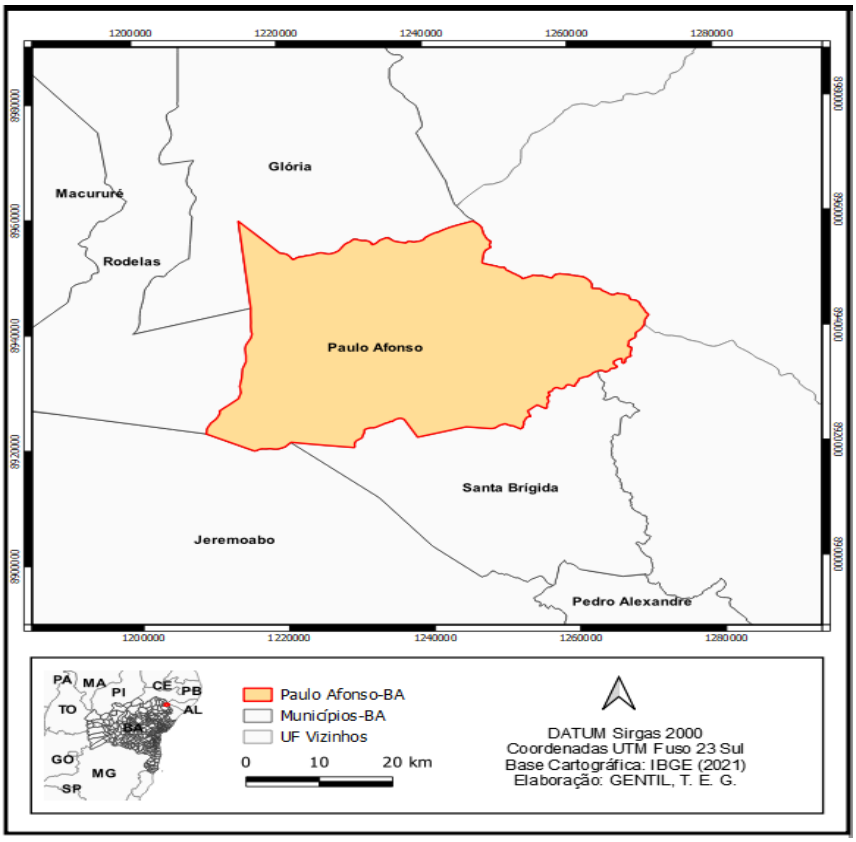
A cidade pertenceu ao município vizinho de Glória-BA, de onde foi emancipado de distrito à cidade de Paulo Afonso, em 28 de julho de 1958. Sua emancipação política permitiu crescimento populacional e econômico, apoiado nos planos de desenvolvimento da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – Chesf, ao longo de sua trajetória histórica e política em escala local e regional.

A história está simbolicamente atrelada na Cachoeira de Paulo Afonso e suas quedas d'água, condições naturais favoráveis ao aproveitamento hidroelétrico concretizada com a criação e instalação da Chesf, durante o Governo Vargas. Sua localização geográfica permitiu um contexto histórico de grandes transformações socioculturais e físico-naturais, devido ao potencial hidroelétrico que essas cachoeiras poderiam proporcionar como desenvolvimento para Paulo Afonso e região, resultando marcas significativas do homem na paisagem cultural da cidade.

O recorte espacial pesquisado, a cidade de Paulo Afonso, Sertão baiano, está inserida na margem direita do Rio São Francisco, na divisa com o estado de Alagoas, logo, tão próxima dos estados de Pernambuco e Sergipe, ocupando uma área territorial de 1.544,388 km², estando 243 m acima do nível do mar e distante 460 km de Salvador, capital do estado. Limita-se ao

norte com o município de Glória-BA; ao sul com os municípios de Jeremoabo-BA, Santa Brígida-BA e o estado de Sergipe; a leste com o Rio São Francisco e o estado de Alagoas; e a oeste com o município de Rodelas-BA.

Figura 1: Localização do município de Paulo Afonso-BA.



Fonte: Elaboração cartográfica do autor, 2022.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar por meio de fundamentos históricos e geográficos a paisagem cultural de Paulo Afonso, representada mediante os recursos simbólicos por meio das rugosidades e das imagens locais, articuladas na afirmação e percepção de narrativas de personalidades que auxiliam na compreensão de todo o contexto histórico da cidade.

Os objetivos específicos têm o propósito de identificar o processo de formação histórica da cidade de Paulo Afonso, com o papel e a relevância da Chesf; explicar através de uma abordagem teórico-conceitual as espacialidades representadas na paisagem urbana e cultural; realizar um levantamento de lugares histórico-geográficos dotados de significação, presentes na nova realidade urbana que descrevem a trajetória cultural e simbólica de Paulo Afonso; e apresentar narrativas significativas de personalidades que sustentem o estudo historiográfico

acerca da cidade, que corroborem na análise e no reconhecimento da cidade de Paulo Afonso como a Terra da Energia.

Ainda mais, a originalidade do trabalho considera um problema de investigação sustentado nas contribuições de caráter simbólico que o conhecimento geográfico exerce no campo cultural, com interesse nos significados que a paisagem urbana resguarda por meio das formas inseridas no espaço, contemplando, assim, valores simbólicos da história que nos auxiliam a entender o passado no presente, através desses espaços ditos simbólicos.

As categorias de análise geográfica que nortearam os pressupostos teóricos desta pesquisa foram paisagem e lugar. Os principais autores trabalhados foram Callai (2002), Corrêa (2007 e 2011), Holzer (1999), Santos (1988 e 2006) e Tuan (1977 e 1979). Como também, autores que trabalham com identidades, memórias, narrativas e patrimônio, como o sociólogo Fortuna (1997) e também fenômenos urbanos como o urbanista Lynch (2005). O percurso metodológico trabalhado é com base na pesquisa exploratória, envolvendo levantamento bibliográfico. Conforme afirma Gil (2002, p.41), "Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses (...)".

Ainda de acordo com Gil (2002, p.44), "A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (...)". Assim, a construção deste trabalho de pesquisa consiste no levantamento bibliográfico presente em livros, artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de informações relevantes encontradas nos sites Folha Sertaneja, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, Portal Corporativo da Chesf, Prefeitura Municipal de Paulo Afonso e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

A pesquisa foi subsidiada pelo método fenomenológico, trabalhado como um método de abordagem em que estuda determinado fenômeno da forma em que o mesmo se manifesta, pretendendo alcançar o objetivo de modo a compreender sua essência, ou seja, consiste em descrever o fenômeno. Lencioni (1999, apud Sposito, 2004, p.37), afirma que, "acima de tudo, é preciso ressaltar que a fenomenologia consiste num método e numa forma de pensar...".

Conforme Sposito (2004, p.37) apresenta, "Com essa perspectiva, o espaço vivido, como 'revelador das práticas sociais' passa a ser a referência central, colocando-se o lugar no centro de análise" (ibidem, 1999). Acrescenta Sposito (2004, p.38), que "No método fenomenológico, é o sujeito quem descreve o objeto e suas relações a partir do seu ponto de vista, depois dele se apropriar intelectualmente. O objeto torna-se elemento a jusante, correndo o risco de se tornar apenas o elemento a ser analisado".

Como parte do processo prático de investigação, foram utilizadas pesquisas de campo, dividida em coleta de material iconográfico na representação de imagens históricas e do presente, que compõem a paisagem urbana e cultural da cidade; e entrevistas com personalidades locais, diferentes atores sociais de Paulo Afonso, como diretores, responsáveis por instituições culturais da cidade, guias e agentes de turismo, professores em exercício e aposentados, escritores, palestrantes e chesfianos[1], que trabalham ou que fizeram parte da história da cidade, através da coleta de narrativas. Para Lakatos e Marconi (2003, p.186), "Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles".

A primeira seção deste trabalho corresponde a Introdução da pesquisa. A segunda seção está constituída a partir de fundamentos teórico-conceituais elencados com base em autores da Geografia Humana e Cultural e de outras áreas que dialogam com as mesmas, autores como Callai (2002), Corrêa (2011), Fortuna (1997), Holzer (1999), Lynch (2005), Santos (1988) e Tuan (1977) integram esta parte da pesquisa. Nesta seção, foram apresentados os conceitos de paisagem e lugar na Geografia, com ênfase nos lugares histórico-geográficos, e especialmente com o conceito de rugosidades, com destaque para Caetano e Bezzi (2011), Costa (2003), Machado e Machado (2018), Marconi e Presotto (2010), Name (2010), Ortigoza (2012), Santos (2006), Schier (2003), Silva (2021), Silva e Vieira (2014) e Vieira (2014 e 2016).

A terceira seção discorre acerca do desenvolvimento histórico de Paulo Afonso e da Chesf nesse contexto, até o momento, que lhe confere o título da Terra da Energia. Conteúdos acerca da exploração do Rio São Francisco, da emancipação política da cidade, das segregações espaciais formadas, lutas, reivindicações e poder, que caminham com a história da criação e instalação da Chesf nesta cidade e que fizeram parte do projeto de desenvolvimento pensado para Paulo Afonso, integram este capítulo. Ademais, o capítulo apresenta, no passado, lugares históricos e geográficos como imagens representativas de sua história e seus significados simbólicos, com ênfase nos marcos e monumentos inseridos na paisagem urbana e cultural, que representam à história da cidade de Paulo Afonso.

Com isso, foram encontradas diversas produções de pesquisadores e historiadores acerca da história local, como livros disponibilizados na Biblioteca Pública Municipal Natalice Barreto, em Paulo Afonso, com destaque para: *De Forquilha a Paulo Afonso: Histórias e*

[1] Nome designado aos colaboradores aposentados ou não da Chesf.

Memórias de Pioneiros, de Galdino (2017), além de diversas matérias de sua autoria na revista eletrônica Folha Sertaneja, *Paulo Afonso e o Sertão Baiano: Sua Geografia e seu Povo*, de Reis (2004) e *Paulo Afonso e a Vila Poty: A História não Contada*, de Lima (2017), além de artigos acadêmicos, trabalho de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado. A seção ainda é constituída de material iconográfico de imagens históricas que compõem o acerco do Memorial Chesf em Paulo Afonso e da Casa da Cultura de Paulo Afonso.

A quarta seção apresenta a cidade no presente, através das rugosidades e imagens locais encontradas na paisagem urbana e seus significados relacionados à história da cidade, compreendidas por lugares afirmados pela história e pela literatura acerca de Paulo Afonso.

O último subcapítulo desta seção, compreende os lugares percebidos e afirmados por diferentes personalidades relacionados à história da cidade, com isso, utilizou-se as entrevistas do tipo padronizada ou estruturada, conforme Lakatos e Marconi (2003, p.197), "É aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano". Em concordância a isto, Lodi (1974, apud Lakatos e Marconi, 2003, p.197), enfatiza a ideia de que, "O motivo da padronização é obter, dos entrevistados, respostas às mesmas perguntas, permitindo "que todas elas sejam comparadas com o mesmo conjunto de perguntas, e que as diferenças devem refletir diferenças entre os respondentes e não diferenças nas perguntas".

O sentido geral do trabalho, versa sobre uma pesquisa historiográfica da cidade de Paulo Afonso, consolidada como a Terra da Energia, contextualizada por rugosidades e imagens locais, pontos de apoio para análise e compreensão geográfica. A pesquisa trabalha elementos do empírico, como fatos apoiados em experiências vividas, através da experimentação e da observação; e epistemológica, na relação encontrada entre o homem, seu meio, e suas interações, que perpassam o objeto de estudo da análise da ciência geográfica.

Para mais, esta pesquisa contribui no processo de formação do autor, enquanto futuro professor de Geografia da educação básica, com os saberes e práticas constitutivos da formação docente, de forma consciente e crítica, contribuindo assim, na preservação da história e na valorização cultural de Paulo Afonso, posto em prática no exercício da profissão docente. Assim, no processo ensino-aprendizagem, contribuir na compreensão das realidades locais ligados à história e à geografia das cidades, nos contextos históricos e espaciais apresentados através da prática pedagógica em Geografia, com olhares voltados às paisagens urbanas e culturais, contemplando os lugares despercebidos inseridos na paisagem do presente que, muitas vezes, não nos concentramos a enxergar seus significados, valores e contribuições.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

2.1 Paisagem Geográfica

A ciência geográfica tem como estudo o entendimento das interações do homem com o seu meio. Essa ciência tem como objeto principal compreender as relações entre a sociedade e a natureza, materializadas no espaço geográfico. Além disso, apresenta, na sua constituição, distintos conceitos-chave que contêm diferentes fundamentos e abordagens teóricas, são eles: lugar, território, região e paisagem. Nesse sentido, conforme destaca Silva (2021, p.44):

> As categorias de análise geográficas representam valiosas contribuições à Geografia e às ciências em geral. Elas traduzem sentidos teóricos, focos e metodologias que definem o caráter de um campo de conhecimentos a dedicar-se à compreensão da dimensão espacial da realidade (...).

É como categoria de análise da Geografia, conforme os pressupostos de Silva (2021), que a paisagem se constitui por diversas formas de interpretação do espaço visto e sentido, além de ser uma categoria permeada pelo olhar do homem, fundamentado por suas percepções e vivências, ou seja, por tudo aquilo que nossos sentidos conseguem perceber e captar, que comportam elementos naturais e culturais. Por meio das dimensões espaciais nas quais estamos inseridos, a paisagem, enquanto representação, se desenvolve e se transforma através das relações existentes entre a sociedade e a natureza. Em consonância a essa compreensão de paisagem, Silva (2019, p.119) afirma que: “Uma característica interessante da geografia é que ela é uma ciência visual. A noção de paisagem na geografia está comumente relacionada ao sentido da visão, isto é, *paisagem* é aquilo que se consegue ver (...)”.

Nessa perspectiva, o conceito e estudo da paisagem não são restritos à ciência geográfica, pois percorrem diversas áreas do saber científico, apresentando longos percursos para a consolidação de sua compreensão, com diferentes contribuições de estudiosos acerca dessa categoria em um panorama de definições multidisciplinares. As discussões ensejadas em torno do conceito e estudo da paisagem na Geografia são antigas. Nesse viés, essas discussões intentam compreender as relações entre o homem e a natureza em um determinado tempo e espaço. Contribuindo para o diálogo em torno do conceito de paisagem, Mendonça e Venturi (1998, apud SCHIER, 2003, p.81), enfatizam que:

> as premissas históricas do conceito de paisagem, para a geografia, surgem por volta do século XV no renascimento, momento em que o homem, ao mesmo tempo em que começa a distanciar-se da natureza, adquire técnica suficiente para vê-la como algo passível de ser apropriado e transformado.

O contexto histórico atribuído a origem do conceito dessa categoria remete ao termo alemão *Landschaft*[2], que na língua portuguesa significa paisagem. Essa palavra, bem como os acontecimentos em seu contexto histórico, enseja contribuições e concepções que atribuem ao conceito de paisagem sentidos relacionados a fatores naturais e estéticos, que evidenciam as diferentes interpretações e maneiras de representação ligadas ao conceito. Nesse sentido, as contribuições da geografia alemã, de ordem positivista, adotaram a paisagem como uma união de aspectos naturais e humanos. Essa definição se consolidou como uma categoria de análise fundamentada a partir de contribuições na construção teórica da paisagem, na interação do homem com o ambiente e os resultados dessas interações (ecologia da paisagem).

Conforme Silva e Vieira (2014, p.39):

> A paisagem pode ser entendida como uma dimensão representativa da existência dos seres humanos, através da complexidade de suas vivências atuais e pretéritas, verdadeiras evidências do modo de ser e de viver, de valorizar permanências e mudanças e de moldar o mundo segundo o curso da sua história e das suas tradições.

Portanto, acerca da paisagem na ciência geográfica, entendemos que a mesma é cenário de existências e das ações realizadas pelo homem em um contexto de vivências atuais e passadas, ressaltadas pelos modos de ser e de viver, valorizando assim, permanências e transformações.

Na percepção paisagem-espacialidade, análise e descrição se tornam fundamentos relevantes na apreciação da realidade do espaço geográfico. A partir dessa pressuposição, é possível ponderar que a representação de determinado recorte da dimensão espacial encontra sua relevância no imaginário dos que a observam por meio da paisagem. Como exemplo, é que em registros perceptíveis em um processo de proximidade no fato da relação concedida entre o homem e o seu meio, podem existir conexões e relações inseridas no espaço. Sobre essa justificativa, Ortigoza (2012) considera que a paisagem é a síntese das heranças herdadas na relação encontrada entre sociedade e o espaço.

Para compreender a paisagem apenas analisar não basta, é necessário descrever. Mediante essa discussão, Silva (2021) afirma que, um aspecto relevante para essa categoria de análise da Geografia, está referente à percepção, à apreciação e à interpretação das paisagens e segundo os pressupostos da ciência geográfica em questão, podemos considerar que a leitura de aspectos visíveis é um dos primeiros passos ao encontro com a espacialidade em nosso meio.

[2] "Na língua alemã, quer *Land* quer *Landschaft* se podem traduzir por região, mas *Land* significa uma área com limites administrativos, enquanto *Landschaft*, do mesmo modo que o termo inglês *landscape* (paisagem), significa uma região definida cientificamente" (FERREIRA; SIMÕES, 1986, p.76).

Com o intuito de evidenciar a diferença entre paisagem e espaço, Santos (1988) salienta que os mesmos de complementam e se opõem, como a paisagem um conceito distinto do espaço, a primeira é, portanto, a materialização de um instante da sociedade. Seria, a realidade de homens fixos, parados como uma representação. Para o autor, o espaço geográfico é resultado da relação da sociedade com a paisagem, no espaço contém todo o movimento e, por isso, paisagem e espaço são um par dialético nas suas múltiplas relações.

Assim, a paisagem é representada como um recorte da dimensão espacial centrada em determinados conteúdos do espaço geográfico, como marcas e registros. Diante dessa definição, Ortigoza (2012, p.52) enfatiza que: "Nela, a identidade sócioespacial ganha vida. Vista desse modo, ela representa uma síntese temporal que deve ser historicamente contextualizada".

Santos (1988) frisa que as dimensões percebidas na paisagem configuram a dimensão da percepção representada pelo homem, conforme o autor, à percepção faz parte da apreensão dos sentidos humanos, onde cada um observa a paisagem como aspecto de maneira diferenciada na tentativa de interpretar a paisagem para chegar ao seu significado. Conforme afirma Silva (2021, p.24), "A percepção se apresenta como um processo através do qual o sujeito conduz as suas relações com o meio externo concreto e simbólico". Portanto, podemos considerar que à percepção permite aos sujeitos um processo de proximidade simbólica no entorno do espaço geográfico.

Considerando a paisagem como retrato do espaço constituído no decorrer da Geografia enquanto ciência, diversos autores apresentam definições acerca dessa categoria, pois a mesma se apresenta de forma diversa nas discussões de seus pressupostos teóricos. Na Geografia Física, há variedade no conceito com relação à sua construção morfológica propriamente natural; já na Geografia Humana, a paisagem é imaterializada culturalmente como resultado considerável na investigação de compreender as formas inseridas e estabelecidas no espaço geográfico. Mesmo que opostas, ambas as conceituações se complementam, sendo, ao todo, o resultado da paisagem como um conjunto unificado de relações e significações. Assim, "A paisagem, contudo, não é apenas forma material resultante da ação humana transformando a natureza. É também forma simbólica impregnada de valores (...)" (CORRÊA, 2011, p.10).

Comumente, os geógrafos interessados pelo estudo da paisagem tornam distinto o estudo dessa categoria em paisagem natural e paisagem cultural: sendo a natural, apresentada por aspectos físicos na formação da paisagem; e a cultural, representada pelo domínio do homem no meio físico mediante as transformações onde os fatores temporais e espaciais respondem à relação conjunta e estruturada da cultura na paisagem. Ainda sobre a paisagem cultural, Silva (2019, p.122) salienta que: "É importante destacar que a ideia de paisagem

cultural não está relacionada apenas à questão da paisagem construída, mas a um todo que envolve também a paisagem natural (...)". De acordo com Schier (2003), o aspecto cultural fundamenta a relação da sociedade na natureza:

> O aspecto cultural tem desempenhado um papel importante na determinação do comportamento das pessoas em relação ao ambiente. Determinadas paisagens apresentam, na sua configuração, marcas culturais e recebem, assim, uma identidade típica (...) (SCHIER, 2003, p.80).

Partindo dos pressupostos teóricos da Geografia Humana, Padilha (2018) confere as paisagens como impressões de uma cultura materializada e/ou imaterializada no espaço, assim, dependendo de suas dimensões, a cultura registrará marcas servindo de exemplo para outras culturas e gerações que surgirão ao longo do tempo.

O conceito de paisagem determinado e voltado aos preceitos históricos da Geografia Humana, com referências ligadas na perspectiva simbólica dessa ciência, articula a necessidade da Geografia Cultural em compreender a interação do homem na natureza no entorno de suas relações no espaço. Em consonância a essa compreensão, Corrêa (2011, p.13) ressalta que: "A paisagem não é apenas o produto, mas um agente ativo que desempenha importante papel na reprodução da cultura".

Segundo Padilha (2018), a Geografia Cultural é consolidada através da palavra-chave significado. Sendo assim, a cultura é moldada segundo os sentidos que o homem atribui às coisas, seu fundamento teórico consiste, portanto, em analisar os significados concedidos pelos grupos sociais/culturais, partindo das práticas e representações na dimensão tempo-espaço.

Santos (1988) contribuiu na construção desse conceito elencando várias interpretações acerca da paisagem como análise da ciência geográfica. Esse autor define a paisagem como uma união de formas e processos resultantes de acumulativas visões que compreendem o espaço e suas significações, que ressaltam a rica importância que essa análise representa no contexto e relação encontrada entre o homem e o seu meio. Segundo o autor: "Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca (...)" (SANTOS, 1988, p.21). Ainda em concordância com os postulados de Santos (1988), a paisagem apresentada por ele pode ser natural, mas no momento em que ela é transformada se considera uma paisagem artificial. Sendo assim:

> A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas (...) (SANTOS, 1988, p.23).

Onde ainda acrescenta acerca dessa dimensão que:

> A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, já que é formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre trabalho morto (...) (SANTOS, 1988, p.24).

Sobre a discussão motivada por Santos (1988) depreende-se que a técnica e o trabalho apresentado nas transformações adquiridas no tempo-espaço, introduziram dimensões e processos permanentes no entendimento da paisagem. Esse estudo é resultado de mudanças provocadas pela força do trabalho humano no espaço, influenciadas e construídas como necessidade na relação encontrada entre a paisagem e a acumulação da técnica do homem. A paisagem submetida na técnica do trabalho humano estaria sujeita a processos e transformações contínuas resultantes em determinado aspecto como consequência.

Para Callai (2002), as relações sociais constituídas pelo trabalho humano determinam a dinâmica das paisagens por meio de suas ações, essas atividades relacionam e transformam a natureza materializando o espaço habitado, produzindo assim, formas e funções influenciando na aparência das paisagens.

Segundo Caetano e Bezzi (2011, p.454): “A paisagem intocada pelo homem é formada, apenas, pelos elementos naturais e passa a receber a “marca” humana quando os grupos sociais desenvolvem técnicas que alteram esse meio natural”. Conforme acrescentam as autoras (2011, p.459):

> O estudo da paisagem enfatiza o caráter humanístico das investigações geográficas, antes sustentado pela observação e descrição dos caracteres naturais. A relevância de uma paisagem marcada também, pela imaterialidade, conferiu maior subjetividade ao conceito de paisagem, ou seja, ela é, portanto, o resultado da interação entre a materialidade das formas e o sentimento que desperta nas pessoas que a observam e a vivenciam no cotidiano de suas vidas.

A paisagem natural, pura e intocável, submetida às transformações e marcada pelas vivências e adaptações do homem, agregada a um valor simbólico na paisagem, apresenta-se como um instrumento de perda da formação concreta de sua naturalidade, representada na essência da cultura na paisagem. Nesse sentido, “A paisagem, como objeto de interpretação da Geografia, permite a leitura da cultura e da história de um povo através da manifestação dos valores, crenças e demais atributos que os identificam” (CAETANO; BEZZI, 2011, p.454).

A interpretação da paisagem pode partir de diferentes domínios de atuação da ciência geográfica. Associado à natureza, o entendimento da paisagem é resultado de uma formação de sistemas naturais atribuídos ao espaço físico-natural; à cultura, compreende as visões de mundo

significadas, percebidas e transformadas pelo homem mediante a necessidade de compreender a paisagem de forma única, mas também diversificada. Conforme afirma Vieira (2014), a paisagem é uma combinação de diversos atributos na composição do espaço:

> As paisagens podem ser identificadas como dimensões simbólicas e significados, representação da existência do homem - projeção das vivências antigas e atuais – que deixam marcas do modo de vida existente, identidades, afetividades, valores; imagens de um mundo no qual vive em transformação (VIEIRA, 2014, p.23).

A paisagem natural e a paisagem cultural direcionam um olhar minucioso para a compreensão dessa categoria, e evidenciam sua consolidação em busca de expressar marcas registradas e enfatizadas por uma representatividade contribuinte da presença humana. Sendo assim, a paisagem não se refere somente a elementos naturais percebidos, e sim ao encontro desses elementos com a cultura, manifestadas por traços e vivências, uma união de símbolos e singularidades. Essa é a verdadeira representação da cultura consolidada na paisagem, portanto, cabe a nós compreendermos a paisagem através da sua naturalidade, partindo da contribuição da cultura nesses espaços. Ortigoza (2012) compreende a paisagem urbana como encontro dessas relações no contexto histórico de formação das cidades:

> A paisagem urbana é, portanto, a materialização das complexas relações entre sociedade, natureza, política e economia construídas no tempo-espaço da cidade. Ou seja, essa paisagem é produto dos conflitos gerados por essas inter-relações, ao mesmo tempo em que é produto, também reproduz novas contradições (ORTIGOZA, 2012, p.55).

Santos (1988) afirma que a paisagem não é formada em uma única vez, é resultado de acréscimos e substituições ocorridas ao longo de dimensões temporais e espaciais, onde ressalta que os objetos inseridos em tempos considerados passados, era a lógica possível de produção daquele período, e que hoje presentes no espaço são resultados de acontecimentos como heranças de diferentes períodos.

A paisagem como centro de interesses ideológicos se funde e se concretiza em ideias econômicas, políticas, sociais e culturais e se compreende como unidade espacial em diferentes escalas. Ela é um conjunto de formas e funções em tempos distintos representados, é uma pluralidade de definições e conceitos teóricos na constituição do espaço.

No que se refere a paisagem no campo da ciência geográfica, são apresentadas diversas abordagens existentes e firmadas em distintas e variadas concepções para entender as dinâmicas acerca de seu conceito. Diversificando esse conceito, não é destacada uma única definição da paisagem como resultado das relações do homem em seu meio concebido. Assim, é possível entendermos a paisagem como uma representação do espaço geográfico.

2.2 Paisagens e lugares

A paisagem como categoria mais próxima do espaço geográfico nos concede diversas interpretações da nossa realidade, carregada de recursos simbólicos e de significados. Mediante essa discussão, Silva (2021, p.76) nos traz o seguinte: “O espaço geográfico se revela, em especial através das paisagens, por meio de formas e expressões espaciais, imagens, símbolos e narrativas que conduzem a percepção, a apreensão e a interpretação (...)”. Segundo Ortigoza (2012, p.52), “(...) é possível entender a paisagem como materialidade das relações sociais. Aliás, quando analisada no contexto do cotidiano, a paisagem revela as representações da natureza e dos seus significados”.

Em nosso meio as paisagens se modificam em razão das ações do homem. Podemos considerar as paisagens como humanizadas, sendo, consequentemente, transformadas, estando presentes nas dimensões simbólica e cultural que constituem determinadas memórias dos lugares visitados e percebidos, como um conjunto que configura a paisagem constituída de símbolos. Para Marconi e Presotto (2010, p.30), “Símbolos são realidades físicas ou sensoriais às quais os indivíduos que os utilizam lhes atribuem valores ou significados específicos. Comumente representam ou implicam coisas concretas ou abstratas”. Esses símbolos representam muitas histórias em relação a determinada paisagem observada. Sendo assim, para Vieira (2016), a sociedade reproduz modos de vida que ao longo do tempo-espaço deixam marcas como forma de representação na paisagem transformada.

Lynch (2005) atribui à percepção das cidades, características singulares da imagem de cada uma nos olhares do homem como suas próprias identidades. Portanto, o imaginário que os indivíduos criam dos lugares estabelece significados que determinam o reconhecimento das cidades por parte desses indivíduos.

Ainda de acordo com Lynch (2005), a paisagem pode desempenhar um papel social, como um ambiente identificado que pode ser conhecido por todos, em que pode fornecer lembranças e símbolos presentes nos espaços entre os sujeitos, permitindo a comunicação. Posto isto, a paisagem é fundamentada em um sistema carregado de memórias e símbolos bem visíveis, aptos a retenção de ideais e da história dos grupos sociais do presente e do passado.

Em vista disso, a significação dos símbolos presentes no espaço reúne discussões nos estudos relacionados as categorias de análise da paisagem e do lugar na Geografia, discussões essas sendo constituídas e conhecidas pelas análises geográficas. Como afirma Costa (2003), os símbolos representam significados que podem transmitir realidades de tempos passados presentes nos lugares:

> O caráter simbólico dos lugares revela-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão discursiva, apresentando assim determinados aspectos do real, enfatizando as relações entre o simbólico e o lugar. Estas relações são mediatizadas pelos símbolos que podem ser uma realidade material e que une-se a uma ideia, um valor, um sentimento (...) (COSTA, 2003, p.149).

As categorias - paisagem e lugar são conceitos-chave da ciência geográfica, no entanto, só tornaram de grande relevância em seus estudos com o surgimento da Nova Geografia Cultural. No campo de investigação da ciência geográfica, onde a categoria de análise da paisagem é sempre discutida, a mesma remete à sua relação na percepção do homem, vivenciada por meio do afeto e aproximação em um lugar específico e construída na Geografia por meio da paisagem cultural, onde:

> A paisagem cultural, nesses estudos, perde um pouco de seu caráter estritamente material (cultura como marcas do ser humano no espaço) e vai pouco a pouco sendo analisada como valor simbólico, artístico ou moral (cultura como expressão da mente humana, de um pequeno grupo ou de um único indivíduo). Mas há que se ressaltar que a paisagem é um conceito de menor importância na geografia humanista – os debates intensos vão posteriormente fazer com que o "lugar" ganhe muito mais relevância e se torne a síntese de suas muitas vertentes de pensamento (...) (NAME, 2010, p.173).

Como destacado, a categoria de análise lugar[3], possui maior relevância humanista no campo da Geografia Cultural do que a paisagem. A categoria lugar estaria mais próxima dos sentidos de cada indivíduo. Para Tuan (1977, p.179), "O lugar pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas, esta: lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção. Quando olhamos uma cena panorâmica, nossos olhos detêm em pontos de interesse (...)". Os lugares, segundo o autor, seriam pontos específicos que atraem a nossa concentração.

Conforme Padilha (2018), os estudos relacionados a categoria de análise lugar, buscou, na maior parte do tempo, relacionar à tentativa de trazer ao longo da trajetória do pensamento geográfico a subjetividade encontrada nas relações entre o homem e seu espaço mais profundo de vivência. A autora ainda ressalta que, ao lugar, é concedido diversas atribuições associadas na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, ligados na realidade aquilo que é singular e que é a partir dessas atribuições que podemos conferir os significados materiais e imateriais, associados na cultura, dando sentido ao espaço vivido enquanto tempo, podendo o espaço ser transformado em lugar quando atribuímos sentidos e significados, onde somente poderá ser desenvolvido mediante a experiência.

[3] "Hoje o "lugar" é um conceito fundamental para o estudo da geografia. No entanto ele só ganhou importância para a disciplina a partir da década de 1980. Desde a implantação da geografia como disciplina acadêmica – a partir de uma ideia positivista da ciência – o lugar foi eventualmente estudado pelos geógrafos, mas sempre em um plano secundário" (HOLZER, 1999, p.67).

De acordo com Callai (2002, p.88), “O lugar como categoria de análise pressupõe que se vislumbre o espaço geográfico – objeto de estudo – considerando em seus aspectos relativos e relacionais ao contexto em que se insere (...)”. Ainda segundo a autora, “(...) o lugar mostra através da paisagem, a história da população que ali vive, os recursos naturais de que dispõe e a forma como se utiliza de tais recursos” (CALLAI, 2002, p.97).

Podemos a partir das contribuições de Callai (2002) compreender a construção da identidade cultural através de manifestações e memórias construídas por meio das relações sociais, apoiadas em experiências vividas. Os aspectos históricos influenciam na formação cultural dos indivíduos, determinados pelos fenômenos ocorridos na organização do espaço.

O lugar, como a menor escala geográfica entre as categorias de análise da Geografia, considera as relações significativas dos lugares. Refere-se, ao lugar, não enquanto localização, mas sim como encontro de significados, como pressupõe Tuan (1979, apud Holzer, 1999, p.70):

> (...) o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto ‘especial’, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado.

Partindo das compreensões da paisagem urbana em nossos olhares e concepções, as cidades se constituem de inúmeros lugares compostos de símbolos que representam suas identidades no conhecimento daqueles que nela convivem ou ao menos visitam, dando-as um sentido único e singular, atribuindo reconhecimento e valorização para as mesmas.

Nesse sentido, conforme Fortuna (1997), as cidades, como também os indivíduos, possuem as suas próprias identidades, nelas estariam presentes lembranças passadas. Corrêa (2011, p.178) afirma que, “Mas a cidade é também, ela própria, uma forma simbólica que, em certos casos, foi criada ou transformada visando a criar valor, contido nas próprias formas da cidade (...)”. Assim, segundo Vieira (2016), a memória está simbolizada na paisagem, transformada e apropriada por meio das ações dos grupos na sociedade ao longo do tempo-espaço. Para Costa (2003), a paisagem e a memória estão alinhadas pela geografia da percepção, onde os símbolos encontrados revelam a relação entre o homem e o espaço cercada de interpretações pelo homem do presente:

> A relação entre paisagem e memória, está assentada na geografia da percepção, na existência de um conjunto de signos que estruturam a paisagem segundo o próprio sujeito e refletindo uma composição mental resultante de uma seleção plena de subjetividade a partir da informação emitida por seu entorno (COSTA, 2003, p.150).

Conectando a paisagem ao lugar, compreendemos um mundo de significações que juntas revelam contextos históricos e culturais que contribuem para a compreensão das cidades,

ricas de interpretações por cada indivíduo e carregadas de representações e sentimentos. Portanto, considera-se que, "(...) o lugar passa a ter seu interesse ampliado como referência da identidade e ao mesmo tempo adquire um valor simbólico (...)" (COSTA, 2003, p.155). Como afirma Tuan (1977, p.198), "O lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar (...)". O lugar estaria relacionado a algo sem movimento, mas repleto de significados existentes.

Segundo Vieira (2016), é por meio da paisagem que podemos identificar os símbolos existentes e resultantes das ações situadas no passado e no presente, importantes na representação da sociedade. A compreensão dos símbolos no campo das reflexões geográficas e em nosso cotidiano, transcendem as representações dos lugares percebidos onde se constitui a essência das cidades, assim:

> O símbolo presente na paisagem pode também ser definido como um elemento mediador entre os diferentes registros da experiência e a comunicação humana. A experiência e a comunicação humana têm uma dimensão irredutivelmente espacial: o mundo conhecido e imaginado que as atividades humanas convertem em um complexo de significados, manifestos em uma realidade geográfica que são representadas através de suas categorias paisagem e lugar, suportes privilegiados do processo de simbolização, da conversão em símbolos dos elementos concretos presentes no cotidiano (COSTA, 2003, p.151).

São as transformações ao longo de dimensões temporais e espaciais que, por vezes, alteram o significado e a estrutura das paisagens urbanas. O desenvolvimento, seja a passos longos ou curtos, traz modificações ao cotidiano dos espaços da cidade.

Conforme Fortuna (1997), a classificação das cidades é sempre ambivalente, ou seja, impreciso. Assim como a sociedade, as cidades são passíveis de transformações consideradas mais ou menos intensas ao longo do tempo, logo, a sua identidade, como também a identidade dos sujeitos, encontram-se sujeitas e vulneráveis a processos de contínua recomposição.

Nesse sentido, a paisagem, em meio às intenções econômicas, políticas, sociais e culturais, tende a evoluir, mas a essência do lugar deve permanecer. Para Costa (2003), os lugares e seus símbolos podem ser entendidos inclusive como uma necessidade do passado. A paisagem condicionada no espaço é como marca de uma acumulação histórica e social remetida aos lugares, onde se fixa raízes e se constrói memórias e relações significadas por vivências e pertencimento, sendo assim, conservadas e lembradas pelo passado no imaginário dos sujeitos.

Os lugares trazem recordações e possibilitam reflexões que intentam entender determinados convívios e relações. Lynch (2005, p.11) comenta que: "(...) como uma obra arquitectônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala,

algo apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo". O homem percebe os lugares como parte de um todo do espaço, como fragmentos da paisagem, um local repleto de sentidos e significados singulares.

2.3 Lugares histórico-geográficos

Os lugares nos dizem muito acerca dos processos históricos a partir de um viés geográfico na formação das cidades, portanto, a união desses conceitos pode explicar muitas histórias. Para tanto, "O entendimento dos lugares, em sua situação atual e em sua evolução, depende da consideração do eixo das sucessões e do eixo das coexistências" (SANTOS, 2006, p.104). Nessa perspectiva, os lugares constituem-se de contextos históricos que seguem um processo de continuidade em dimensões temporais e espaciais. Conforme ressalta Tuan (1977, p.191) "A cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo". Os lugares, como objeto dos estudos historiográficos do espaço construído, auxiliam em meio às percepções geográficas esses processos históricos.

Esses lugares rememoram as transformações do espaço a tempos passados por meio da atividade humana e sua relação com o meio, que considera um conjunto de estruturações que influenciam na história cultural de um local e de um povo. Os lugares podem ser representados por meio da cultura material alinhada a objetos, ou da cultura imaterial por meio das ações expressadas e manifestadas no espaço, como resultado de modos de vida predominantes na atualidade. Conforme ressaltam Silva e Vieira (2014, p.36):

> O sentido de reflexão pressupõe ainda a relação entre espaço e sociedade. Tal direcionamento se justifica diante da possibilidade de ler-se o fenômeno urbano como configuração ligada às dinâmicas sócio-espaciais. Além disso, considera-se inicialmente que o espaço geográfico é fruto, ao menos a partir de uma ótica moderna, da relação entre sociedade e meio físico-natural que, ao longo do tempo histórico, molda a configuração espacial urbana, legando-lhe formas e conteúdos oferecidos como possibilidade de expressão da produção social e cultural.

Portanto, refletir a relação existente entre natureza e sociedade nos permite compreender as transformações que perpassaram o espaço habitado através dos fenômenos existentes na esfera cultural. O espaço geográfico se encarrega então de apresentar os eventos que ocorreram em tempos passados, através de formas expressas e permanentes na nova realidade urbana.

Sendo os lugares simbolizados por memórias que transmitem tempos passados, podemos citar, por exemplo, lugares históricos que possuem diversas manifestações entre

formas e funções. São lugares únicos que detém uma significativa expressão histórica e cultural como os monumentos e os patrimônios. Tais locais, registram as formas de intervenção da ação humana no passado, partindo de trajetórias e progressos, entendidos como objetos de compreensão do homem do presente, pois "(...) A história real de vida dos lugares mostra que os objetos são inseridos num meio segundo uma ordem, uma sequência, que acaba por determinar um sentido aquele meio (...)" (SANTOS, 2006, p.103).

Fortuna (1997), nos traz um questionamento acerca dos lugares históricos:

> Serão as ruínas, os monumentos e os museus manifestações espaciais e artefatos que decoram a cidade que habitamos, ou ao contrário, serão eles elementos históricos, artísticos e culturais que atualizam o passado e lhe dão vida? Com eles temporalizamos o espaço ou especializamos o tempo? (FORTUNA, 1997, p.130 - 131).

Nessa linha de questionamento, os lugares históricos como representações do passado transmitem a realidade dos antigos grupos sociais de determinado espaço temporalizados e retratados na imagem das cidades, sendo assim, como marcas do passado registradas no presente e na resistência do percebido apresentado pelos lugares. Para Fortuna (1997), os lugares têm o intuito de revelar um contexto histórico, ainda conforme o autor, esses lugares são apenas representações antes existentes de um passado.

A imagem percebida e reproduzida na historiografia do espaço urbano, como recursos simbólicos, submete ao principal agente transformador, o homem, à trajetória simbólica e cultural na compreensão da realidade dos espaços públicos. Sobre essa concepção, Santos (2006, p.36) diz que, é no lugar que histórias retratam tempos passados das cidades, segundo o autor: "É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica (...)".

Os lugares seriam instituídos em decorrência de eventos ocorridos ao longo da dimensão tempo-espaço, portanto, determinados lugares são consequências da ação e do acontecimento. Conforme Santos (2006), o lugar é o depositário final, sendo assim, obrigatório, do evento. Onde acrescenta sobre os lugares que:

> Em cada lugar, os sistemas sucessivos do acontecer social distinguem períodos diferentes, permitindo falar de hoje e de ontem. Este é o eixo das sucessões. Em cada lugar, o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos (...) (SANTOS, 2006, p.104).

Para compreendermos o conceito de evento dentro das reflexões geográficas e no contexto da historiografia urbana, Santos (2006, p.94) nos traz o seguinte: "Os eventos são, todos, presente. Eles acontecem em um dado instante, uma fração de tempo que eles qualificam.

Os eventos são, simultaneamente, a matriz do tempo e do espaço", assim sendo, os eventos e as ações constituem um fator notável na consolidação dos lugares ditos históricos como marcas da história. Santos (2006) apresenta a seguir, os eventos históricos como a ação humana, em que evento e ação são apresentados como sinônimos.

> Os eventos históricos supõem a ação humana. De fato, evento e ação, são sinônimos. Desse modo, sua classificação é, também, uma classificação das ações. Os eventos também são ideias e não apenas fatos. Uma inovação é um caso especial de evento, caracterizada pelo aporte a um dado ponto, no tempo e no espaço, de um dado que nele renova um modo de fazer, de organizar ou de entender a realidade (SANTOS, 2006, p.96).

Sendo assim, conforme destaca Vieira (2016, p.53), "As ações que ocorreram e ocorrem no espaço resultam em bens que representam o vivido e construído cronologicamente, sendo esses símbolos imagens/representação dos lugares". Assim, os lugares históricos retratam consequências de acontecimentos passados, hoje, presentes no espaço. Os lugares históricos e geográficos, nos convidam a um encontro com histórias de em um passado distante e, simultaneamente, presente, pertencendo e cabendo aos lugares históricos a busca de uma representação do passado em que retrata a interação do homem com o seu meio.

2.4 Rugosidades

Para Santos (2006), o espaço geográfico é constituído por um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, logo, não se podem dissociar. Os objetos, correspondem ao que existe no espaço como matéria, as ações, correspondem a ação do homem, logo, o espaço é resultado dessa intrínseca relação constituída pela técnica do homem. Sua consolidação, parte de uma variedade de tempos distintos, dessa forma, os objetos e as ações formados e instituídos no espaço geográfico podem variar em todo o seu contexto histórico, como exemplo, as rugosidades presentes no espaço.

Compreendemos o conceito de rugosidades como marcas do tempo fixas na sociedade, considera-se que, "(...) Na paisagem encontramos as rugosidades – símbolos que representam a historicidade no espaço – que se relaciona também com as relações sociais, sendo essa paisagem símbolo das vivências, características das culturas que ali são expressas" (VIEIRA, 2014, p.24). Ademais, Santos (2006) ressalta a relação entre tempo e espaço representada por rugosidades como a permanência das formas espaciais de modos de produção em tempos passados, presentes em tempos atuais e que lhe permitem acompanhar a sociedade atual. Ainda

segundo o autor, em cada lugar, o tempo atual se depara com o tempo passado, fixado em formas no espaço. Conforme as palavras do autor:

> O que na paisagem atual, representa um tempo do passado, nem sempre é visível como tempo, nem sempre é redutível aos sentidos, mas apenas ao conhecimento. Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço –fator (...) (SANTOS, 2006, p.92).

Como visto, as formas de organização do espaço geográfico se modificam a cada período, sendo que a cada passo à história é registrada no espaço. Nesse sentido, ao observar a paisagem ao nosso redor é possível perceber construções e objetos de diferentes períodos, anteriores a nossa existência, que compõem o espaço presente. Essa experiência é possível, pois "(...) As rugosidades, vistas individualmente ou nos seus padrões, revelam combinações que eram as únicas possíveis em um tempo e lugar dados" (SANTOS, 2006, p.92).

Conforme afirmam Machado e Machado (2018), as formas espaciais e as ações humanas, constituídas da força do trabalho humano em tempos distintos, estabelecem um espaço formado de diferentes períodos:

> Cada forma ou objeto espacial é a impressão de forças de produção e relações sociais de produção datadas, de sistemas técnicos impressos no meio geográfico e que convivem à revelia das suas diferenças. Contudo, o espaço não é feito apenas de formas, ou seja, o espaço não se reduz à materialidade, mas também se refere àquilo que a anima, as ações humanas que fornecem o conteúdo do espaço expresso pelas funções que cada forma desempenha (MACHADO; MACHADO, 2018, p.28).

Em continuidade acerca dos objetos inseridos na paisagem, podemos considerar, mediante as contribuições de Padilha (2018), que os objetos, como exemplo as rugosidades, são marcas de outros tempos, que nos permitem a comunicação com momentos passados diferente do que estamos vivendo atualmente, sendo assim, os objetos tornam-se uma conexão entre o passado e o presente:

> Os objetos do passado são como provas vivas de outros tempos, de outras sociedades e culturas. Eles nos permitem certa comunicação, uma espécie de diálogo com momentos diferentes daquele que estamos vivendo. Dessa forma, tais objetos podem ser considerados elos entre os diferentes períodos da história e o presente (PADILHA, 2018, p.221).

Vieira (2014), que trabalha com essa concepção, ressalta que as rugosidades no espaço seriam resultantes das antigas técnicas do homem que resistiram as novas técnicas na paisagem atual em meio ao espaço geográfico. A autora ressalta que as rugosidades são formas geográficas inseridas e resistentes no espaço atual, herdadas como consequências do passado enquanto objetos que trabalham na afirmação e na demonstração de eventos ocorridos,

presentes na atualidade como lugares de memória, constituídos pelos modos de produção anterior e que ao longo do tempo resistiram a modernização do espaço.

A especificidade das rugosidades e das imagens locais, inserida na análise geográfica, direcionam ao sentido das múltiplas relações existentes entre a sociedade e a natureza na constituição dos espaços ditos simbólicos, permanentes na nova realidade. Santos (2006) aponta que esses lugares fazem parte como herança na formação da sociedade, construída a partir de um viés histórico-geográfico e inserida como parte das paisagens culturais, em suas palavras, "As rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas" (SANTOS, 2006, p.25).

Para melhor entender, Silva e Vieira (2014, p.40) apresentam que:

> As rugosidades – ou, a historicidade no espaço – revelam a tradição sendo revista e mudada no movimento social do cotidiano. Os traços culturais indicadores do passado e do presente ajudam a leitura geográfica dos lugares. Símbolos da dinâmica sócio-espacial, podem as rugosidades colaborar para mostrar os objetos, as ações, as funções, as intenções e valores, e, os sentidos mesmos de organização de determinada sociedade.

Partindo dessa análise, as rugosidades, como formas e conteúdos, são objetos espaciais antigos, que independentemente da época em que elas foram concebidas, estariam presentes no espaço representadas como um acúmulo que correlaciona o passado ao presente e, que por intervenção da técnica do homem, culminaram em algo que restou e que acabaram vivendo mais tempo do que as relações sociais sob as quais foram criadas, sendo, então, uma herança passada em um novo conjunto de formas e funções do espaço geográfico que vem a se desenvolver constantemente.

Ademais, essas rugosidades e imagens presentes na paisagem urbana atual, buscam representar e resgatar uma história através do tempo e do espaço frente as novas materializações presentes no conjunto urbano e suas constantes transformações. Partindo das interpretações desses lugares a partir de uma análise geográfica, torna-se de grande relevância os significados que esses lugares/símbolos representam na interação do homem com o seu meio.

Assim, tendo feito toda essa discussão acerca de conceitos fundamentais à Geografia, a próxima seção adentrará na historiografia urbana da cidade de Paulo Afonso-BA, visando enfatizar o desenvolvimento histórico da cidade, onde a Chesf possui considerável contribuição. Além disso, intentamos, nas discussões subsequentes, compreender os acontecimentos históricos que foram determinantes no processo de significação dos lugares histórico-geográficos pauloafonsino, que apresentam à história como síntese e que consolidam Paulo Afonso como a Terra da Energia.

3 PAULO AFONSO-BA: A CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

3.1 Desenvolvimento histórico da cidade de Paulo Afonso-BA

Segundo o que pressupõe Corrêa (2000), a representação do espaço geográfico estaria no que lhe concerne, relacionada a uma porção da superfície terrestre, constituída em sua organização pela natureza e pelos modos em que o homem registrou suas marcas no tempo-espaço, retratada como um campo de significados em seu entorno e como sustento das múltiplas relações. Ainda segundo Côrrea (2011), o conceito de urbano pode ser analisado em diversas dimensões e, para isso, compreender a relação entre espaço e cultura é essencial para analisarmos a formação das sociedades em termos econômicos, sociais e políticos, ocasionadas diante das espacialidades e temporalidades expressadas no contexto das cidades e nos processos que originaram as mesmas.

Para Barrios (1986 apud Braga, 2007, p.70), as práticas espaciais no espaço geográfico envolvem ao menos três níveis: a) o nível econômico, campo da produção de bens e serviços, do valor associado ao trabalho humano; b) o nível cultural-simbólico, formado entre o homem, seus significados e suas representações; e c) o nível político, discutido pelos interesses dos grupos sociais e envolvidos pelas relações de poder, muita das vezes geradoras de conflitos. Estes três níveis estão atrelados na construção histórica de Paulo Afonso, Sertão da Bahia, sendo neste contexto que se origina a cidade.

A força do homem e da natureza sempre estiveram presentes na história da cidade de Paulo Afonso, para o domínio da natureza, se fez necessário que a técnica do trabalho humano não medisse esforços quanto à construção histórica da cidade de hoje. Antes de adentrar no atual contexto simbólico, é fundamental compreender os acontecimentos históricos que deram origem a cidade e os agentes pioneiros que foram determinantes para a construção de sua história. Paulo Afonso, é conhecida por seu Complexo Hidroelétrico, como também, por seus aspectos naturais e seus acidentes geográficos como sua cachoeira e por estar localizada na região dos cânions do São Francisco, rio de fundamental importância nessas terras sertanejas, levando oportunidades de desenvolvimento por onde passa.

Há várias contribuições impostas ao nome do rio, entre os povos ameríndios que viviam em suas margens, como também os colonizadores portugueses que desbravando o território brasileiro “descobriram” o rio em 4 de outubro de 1501, batizando com o nome de São Francisco, descoberto no dia do santo católico, como também dos povos ribeirinhos que vivem na região. “... o São Francisco assume uma importância estratégica, pois ajuda a diminuir os

agravantes índices desta que é uma das áreas mais secas e pobres do território brasileiro, e fica no chamado "polígono da seca" do alto sertão nordestino" (SOUZA, 2003, p.3).

> Os indígenas o chamavam de "Pará" ou "Opará", que significa rio, água grande e mar, em tupi-guarani, o rio-mar, o grande rio de águas caudalosas. Os colonizadores portugueses o denominaram de São Francisco. Os ribeirinhos de suas margens o chamam carinhosamente de "Velho Chico" (FERREIRA, 2012, p.79).

A cidade durante o século XVIII foi habitada por bandeirantes portugueses que, comandados pela chefia de Garcia d'Ávila, ao conhecerem o Rio São Francisco, chegaram a essas terras em que hoje está localizada a cidade.

> A região sempre serviu de rota para viajantes, a travessia do rio era feita na cidade de Santo Antônio das Glórias, atualmente "Nova Glória", da qual Paulo Afonso fazia parte (e que só viria a se emancipar em 1958), por ali passou a "rota dos bois" no período de colonização, "Curral dos bois" foi o nome dado à região e "rio dos currais" era como chamavam o São Francisco neste período, que servia de pouso de boiadas nas longas viagens, os viajantes e seu gado matavam a sede e o cansaço nas margens do rio, era caminho dos colonizadores que povoaram e cultivaram as terras dos sertões (SOUZA, 2003, p.3).

Conforme Ferreira (2012), a região de Santo Antônio de Glória, era uma região extensa e abrangia os estados da Bahia, Alagoas, Pernambuco e Sergipe, formada por povoamentos espalhados e reduzidos, a principal atividade econômica era a agricultura e o pastoreio onde ganhou novos ares a partir da construção da Estrada de Ferro de Paulo Afonso, ordenada pelo Imperador D. Pedro II, inaugurada no ano de 1882. A finalidade da ferrovia tinha o intuito de permitir a integração comercial entre o Submédio e o Baixo São Francisco naquela época, antes realizada de forma fluvial, visto os obstáculos pelo trecho da cachoeira nesta região, ligando Jatobá-PE, antes pertencente ao município de Petrolândia-PE, até Piranhas-AL.

De acordo com Reis (2004), a origem do nome da Cachoeira de Paulo Afonso remete às primeiras expedições direcionadas ao Vale do São Francisco, porém, o nome da cachoeira possui diversas histórias contraditórias denominando seu nome por meio dos saberes populares:

> (...) Uma delas, baseada certamente em dados históricos retirados de arquivos advindos tanto de Portugal como do Brasil, fala da existência de dois frades por nome Paulo e Afonso que descendo o rio São Francisco em suas contínuas viagens de catequese, tiveram a embarcação em que viajavam engolida pelas quedas d'água. O nome Paulo Afonso, então, foi possivelmente dado em lembranças a esses dois religiosos (REIS, 2004, p.16).
>
> Uma outra história fala da existência de um comerciante estabelecido nas proximidades da cachoeira por nome Paulo Afonso. Muitos viajantes ligavam esse local e esta queda d'água ao seu nome. Daí dizer-se o nome "Cachoeira de Paulo Afonso". Ainda há uma terceira versão, ligada à denominação desta cachoeira. Fala-se que esse nome pertencia a um suposto integrante da comitiva de Martin Afonso de Souza, posteriormente donatário de uma das sesmarias, o qual, casualmente teria descoberto esta cachoeira em 1553 (REIS, 2004, p.16).

Como visto, a origem do nome está cercada de versões contrárias que fundamentam sua história, entre a mais aceita, segundo Lima de Oliveira (2017), é que a origem do nome da cachoeira esteja relacionada à presença do sesmeiro Paulo Viveiros Afonso, tornando-se donatário dessas terras, em 3 de outubro de 1725.

> De acordo com o professor Antônio Galdino, um dos mais antigos estudiosos dos costumes e tradições do município de Paulo Afonso, entre todas essas versões a que merece mais crédito é a de que o nome da cachoeira de Paulo Afonso – que terminou dando também nome a este município – deveu-se a Paulo Viveiros Afonso, que foi donatário de uma sesmaria, dentro da qual ficavam as grandes quedas d'água. Segundo suas pesquisas, esta sesmaria lhe foi entregue pelo alvará de 3 de outubro de 1725, e só a partir dessa data são encontrados registros nos arquivos de Brasil e Portugal com referência de existir nesta área, as cachoeiras com o nome "Paulo Afonso". Até então, as quedas d'água de Paulo Afonso eram conhecidas pela denominação de Cachoeira Grande, Sumidouro e Forquilha nome esses que, felizmente, perduraram por um bom tempo bem próximo aos nossos dias (REIS, 2004, p.16).

A sesmaria cedida a Paulo Viveiros Afonso pertencia ao donatário Duarte Coelho, da Capitania de Pernambuco, esta sesmaria estaria situada na margem esquerda do Rio São Francisco, abrangendo as terras alagoanas da cachoeira, não se conformando com a área recebida, o donatário ocupou as terras baianas existentes na margem direita.

Ocupando as terras baianas, o donatário construiu um arraial, onde posteriormente, passou a se chamar Tapera de Paulo Afonso, a região foi local procurado como pouso de boiadas naquela época, onde começou a se desenvolver comercialmente atendendo dessa forma aos anseios de viajantes como também da população local, o povoado possuía até então um expressivo núcleo demográfico do município de Glória-BA, de onde foi emancipado de distrito da cidade vizinha à cidade de Paulo Afonso, adquirindo autonomia política em 28 de julho de 1958. Anterior a esta data, em 1945, o Governo Vargas criou a Chesf, para aproveitar a energia da cachoeira, posteriormente, o acampamento das obras localizou-se nas terras da fazenda chamada Forquilha, em torno das instalações das primeiras usinas a cidade se desenvolveu.

> Estas magníficas quedas já eram conhecidas séculos antes e até 1725, quando as terras onde estavam essas cachoeiras foram doadas pelo governador da Capitania de Pernambuco, a quem estas terras pertenciam, ao português Paulo Viveiros Afonso e a maior das quedas d`água passou então a ser chamada de Cachoeira de Paulo Afonso. Antes disso eram conhecidas como Sumidouro, Forquilha (que era também o nome de uma das ilhas próximas da cachoeira) e Cachoeira Grande (GALDINO, 2021).

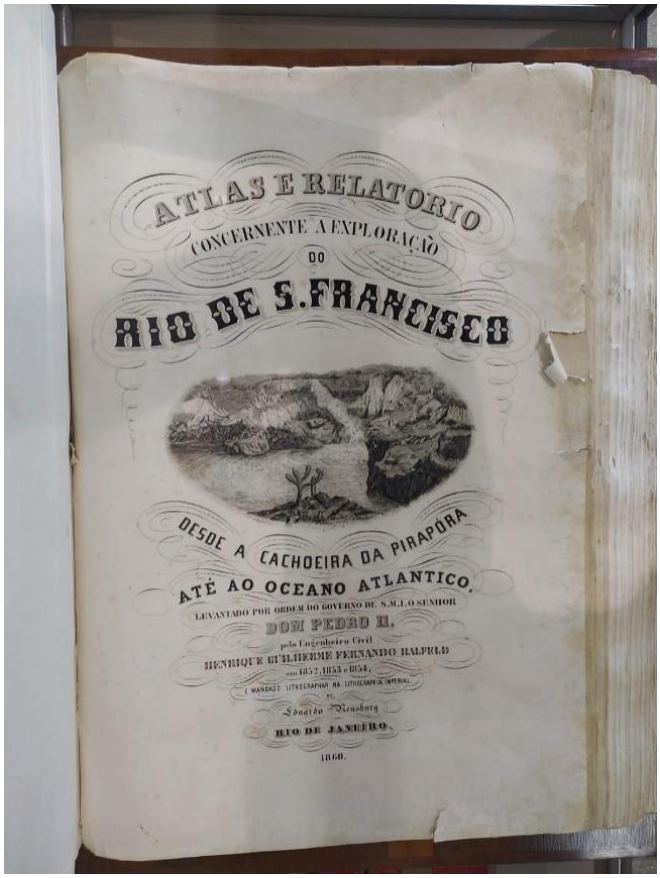
A maioria dos estudos referentes à cachoeira não se preocupavam na origem de seu nome, e sim em estudar e descrever de natureza geográfica essas cachoeiras que compõem à história do São Francisco. *Paulo Afonso I: Imagens de uma Epopéia*, publicado em 2008, pelo Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, descreve bem suas características fisiográficas:

> A cachoeira de Paulo Afonso está localizada no final do trecho submédio do São Francisco, a 270 quilômetros de sua foz, em área de clima tipicamente semi-árido. Seis quilômetros a montante da cachoeira, o rio se dividia em vários braços, formando um arquipélago fluvial com numerosas ilhas e canais, por alguns dos quais não passava água no período de estiagem. O braço principal esquerdo constituía o rio propriamente dito (...) (CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL, 2008, p.8).

A cachoeira era a principal queda d'água do Rio São Francisco antes do empreendimento da Chesf, entre a divisa dos estados da Bahia e de Alagoas, nessa região inicia os cânions do Rio São Francisco, sua localização foi estratégia encontrada pela Companhia para posteriormente iniciar a construção do complexo de usinas hidrelétricas, após estudos apresentarem condições naturais e geográficas favoráveis nessa região.

Segundo Centro (2018), o primeiro estudo de Paulo Afonso foi realizado pelo engenheiro e geógrafo alemão, naturalizado brasileiro, Henrique Guilherme Halfeld, a mando do Imperador D. Pedro II, entre os anos de 1852 e 1854. O estudo do Rio São Francisco foi realizado desde a Cachoeira da Pirapora, até o Oceano Atlântico, por meio de um atlas e relatório, publicado em 1860, descrevendo em alguns trechos a Cachoeira de Paulo Afonso.

Figura 2: Folha de rosto do Atlas e Relatório Concernente à Exploração do São Francisco.



Fonte: Acervo Memorial Chesf em Paulo Afonso-BA. Registro fotográfico do autor, 2022.

Segundo Galdino (2021), quando os estudiosos chegaram perto do final do rio, faltando, segundo seus relatos, 300 quilômetros para a sua foz, no trecho em que os pesquisadores registraram compreendendo as léguas 325 e 326 do rio, todos aqueles estudiosos ficaram assombrados com o que viam, a imensidão das quedas d'água do Rio São Francisco formando a Cachoeira de Paulo Afonso, dando o início da formação do grande cânion.

> *É interessante observar esta maravilha pela manhã, quando os reflexos dos raios solares produzem um magnífico arco-íris, penetrando o vapor elevado sobre as águas da cachoeira; o estrondoso ruído que causa esta catadupa é tão forte que, falando uma pessoa a outra junta ao pé de si, nada se pode ouvir, e vê-se somente mover a boca da pessoa que fala; a pressão do ar produzida pelo tombo da imensa massa d´água do rio faz um efeito maior do que centenares de ventaneiras unidas de uma fábrica de ferro.* Halfeld (1860, apud Centro, 2018, p.18).

Na história da Cachoeira de Paulo Afonso, o Imperador D. Pedro II, entre suas expedições e entusiasmado, visita em 20 de outubro de 1859 as quedas d'água, sendo afixada uma placa de bronze como lembrança de sua visita (figura 3). De início, o bronze se encontrava presente no lado alagoano da cachoeira, mas pelo descaso sofrido pela peça, foi transferida para o lado baiano, onde hoje se encontra no Complexo Hidroelétrico de Paulo Afonso.

Segundo Galdino (2014), os preparativos naquela época demoraram meses, coordenados pelo Dr. Jacobina, Dom Pedro II saiu do Rio de Janeiro, sede da corte, para Salvador, dali seguiu para Maceió, em embarcações menores chegou ao interior de Alagoas em Penedo e seguiu até Piranhas, pelo Rio São Francisco.

Figura 3: Placa de bronze como registro da visita do Imperador D. Pedro II.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

Posteriormente, várias comissões foram realizadas a fim de estudar as dimensões do Rio São Francisco, entre elas a Comissão Hidráulica do Império e a Comissão de Melhoramentos do Rio São Francisco, tendo integrado as duas comissões, o engenheiro e geógrafo baiano Theodoro Sampaio, que ao conhecer as belezas da Cachoeira de Paulo Afonso, ficou impressionado com o que viu: "*Paulo Afonso vê-se, sente-se, não se descreve"*, Santos (2010, apud Centro, 2018, p.20).

Conforme afirma Lima de Oliveira (2017), os estudos citados evidenciam por várias questões um sentido que qualifica o Rio São Francisco por meio das características da Cachoeira de Paulo Afonso pela sua barreira natural à navegação, em contrapartida, representa meios de desenvolvimento para potencializá-las por meio da força hidráulica, para tempos depois, utilizar essas quedas d'água na produção de energia elétrica visando o desenvolvimento dessa região do Vale do São Francisco.

Os encantos da Cachoeira de Paulo Afonso ganharam conhecimento e alcançaram a arte do pintor estrangeiro E. F. Schute, presente na exposição "Arte do Brasil até 1900" do Museu de Arte de São Paulo - MASP, inclusive, da literatura brasileira pelo poeta baiano Castro Alves, onde escreveu um poema em 1870 e publicado no ano de 1876, que ao fim cita a visita do imperador D. Pedro II como nota incorporada ao fim do texto do poema.

Figura 4: Cachoeira de Paulo Afonso, óleo sobre tela de E. F. Schute, 1850.

Fonte: Museu de Arte de São Paulo – MASP (acervo digital).

> **A Cachoeira de Paulo Afonso**[4]
> Lê-se no Dezesseis de Julho: "Depois de quatorze léguas de viagem, desde a foz do Rio S. Francisco, chega-se a esta cachoeira, de que se contam tantas grandezas fabulosas.
> Para bem descrevê-la, imaginai uma colossal figura de homem sentado com os joelhos e os braços levantados, e o rio de S. Francisco caindo com toda sua força sobre as costas. Não podereis ver sem estar trepado em um dos braços, ou em qualquer parte que lhe fique ao nível ou a cavaleiro sobre a cabeça.
> Parece arrebentar de debaixo dos pés, como a formosa cascata de Tivoli junto a Roma. Um mugir surdo e continuado, como os preparos para um terremoto, serve de acompanhamento à música estrondosa de variados e diversos sons, produzidos pelos choques das águas. Quer elas venham correndo velocíssimas ou saltando por cima das cristas de montanhas; quer indo em grandes massas de encontro a elas, e delas retrocedendo: caindo em borbotão nos abismos e deles se erguendo em úmida poeira, quer torcendo-se nas vascas do desespero, ou levantando-se em espumantes escarcéus; quer estourando como uma bomba; quer chegando-se aos vaivéns, e brandamente e com espandanas ou em flocos de escuma alvíssima como arminhos — é um espetáculo assombroso e admirável.
> A altura da grande queda foi calculada em 362 palmos. Há 17 cachoeiras, que são verdadeiros degraus do alto trono, onde assentou-se o gigante de nome Paulo Afonso. Muitas grutas apresentam os rochedos deste lugar, sombrias, arejadas, arruadas de cristalinas areias, banhadas de frígidas linfas.
> S.M, o imperador visitou esta cachoeira na manhã de 20 de outubro de 1859. O presidente, Dr. Manuel Pinto de Souza Dantas, teve a idéia de erigir um monumento à visita imperial."

A Cachoeira de Paulo Afonso deu nome a um dos livros do poeta baiano, onde não se encontra registros que o mesmo chegou a conhecer essas quedas d'água, abaixo, uma das estrofes mais conhecida sobre a Cachoeira da sua obra:

> A cachoeira! Paulo Afonso! O abismo!
> A briga colossal dos elementos!
> As garras do Centauro em paroxismo
> Raspando os flancos dos parcéis sangrentos.
> Relutantes na dor do cataclismo
> Os braços do gigante suarentos
> Aguentando a ranger (espanto! Assombro!)
> O rio inteiro, que lhe cai do ombro.
> (CASTRO ALVES, 1976)

O engenheiro Antônio José Alves de Souza, que veio a ser o primeiro presidente da Chesf, descreve essas quedas d'água detalhadamente visando o aproveitamento de seu potencial hidráulico:

> Destaca-se, entretanto, pela imponência do espetáculo que oferece obrigando as águas do São Francisco a se despenharem de mais de 80 metros de altura, em três saltos que se sucedem imediatamente, pelos quais elas violentamente se precipitam, entre-chocando-se, atirando-se contra as margens, em borbotões que sobem e descem espumejando; redemoinhando e revoluteando entre as pedras que eriçam o fundo do rio; desfazendo-se, nos choques e entrechoques que sofrem no tumulto frenético com que se lançam no abismo, em fina névoa, que paira sôbre a voragem fragorosa, brilhando ao sol e, às vêzes, propiciando a formação de múltiplos arco-iris, que, com sua beleza, dão uma nota encantadora à paisagem portentosa. [...] Mas a cachoeira de

[4] Transcrita do Diário da Bahia e disponível para consulta em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000015.pdf. Acesso em: 2 de março de 2022.

> Paulo Afonso não se destaca dos outros desníveis do São Francisco nêsse trecho apenas por seus singulares e deslumbrantes aspectos paisagísticos. Destaca-se também por sua maior potência e por seu mais fácil aproveitamento econômico (ALVES DE SOUZA, 1955, apud LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.106).

As atenções se voltavam à Cachoeira de Paulo Afonso devido ao grande potencial hidroelétrico que essas cachoeiras poderiam proporcionar como desenvolvimento econômico para a região, aproveitada pelo pioneiro cearense Delmiro Gouveia, na Usina Angiquinho[5], primeira usina hidrelétrica do Nordeste (figura 5).

É importante salientar que, nesse período, de acordo com Lima de Oliveira (2017, p.106), algumas intenções são direcionadas à Cachoeira apoiada nos planos de desenvolvimento da época no período desenvolvimentista:

> Através de diversos relatos, percebe-se que são atribuídos alguns valores à Cachoeira de Paulo Afonso, do ponto de vista estético e de suas potencialidades para o desenvolvimento da região, mas também a qualificam como desafio ao homem na tentativa de domar as forças da natureza e de transformar o território em função dos planos de desenvolvimento da época (...)

Vários estudos levaram a colocar essas cachoeiras na divisa dos estados da Bahia e Alagoas, mais precisamente os limites entre as cidades de Paulo Afonso e Delmiro Gouveia, no centro de interesses políticos e econômicos visando o progresso em pleno Sertão nordestino. Entre as ideias para tirar proveito a do cearense Delmiro Gouveia colheu bons frutos, representado como símbolo de luta pela industrialização e modernização do Nordeste brasileiro naquela época, seu projeto serviu como exemplo para a construção do complexo de usinas pela Chesf décadas depois. “A ideia precursora de Delmiro Gouveia abriu as perspectivas ao desenvolvimento hidroenergético com aproveitamento das potencialidades da bacia hidrográfica do rio São Francisco (...)” (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.108).

> Tantos estudos improfícuos e o tempo passando em vão levaram um escritor nordestino a lançar um repto que fez época: *“Paulo Afonso está ficando rouca de tanto clamar aos engenheiros do país para aproveitarem sua energia”* (Souza, 1950, p.94) apud Centro, 2018, p.25.

[5] Conforme os estudos historiográficos de Malta e Muccini (2007), a Usina Hidrelétrica de Angiquinho, hoje desativada, situada na margem alagoana do rio São Francisco, foi o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial hidráulico da cachoeira de Paulo Afonso, construída no paredão rochoso do cânion em um lugar de difícil acesso e considerada a primeira usina hidrelétrica do Nordeste. Sendo inaugurada em 23 de janeiro de 1913, pelo industrial pioneiro nessa região, o cearense Delmiro Augusto da Cruz Gouveia, a pequena usina tinha como objetivo acionar as máquinas de sua fábrica independente de linhas e fios, a Cia. Agro Fabril Mercantil, localizada no município alagoano de Pedra, atual cidade de Delmiro Gouveia. A energia produzida também era utilizada para fornecer energia elétrica à vila operária nas dependências da fábrica. O cearense chegou a iniciar mais uma etapa de construção da sua usina, porém, foi interrompida em circunstâncias da sua morte em 10 de outubro de 1917.

Figura 5: Usina Angiquinho em Delmiro Gouveia-AL, vista do lado baiano da cachoeira.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

O povoado de Forquilha, mesmo antes de Paulo Afonso se tornar município, foi palco de grandes transformações, como relatado pelas pesquisas históricas locais e regionais vindas com a instalação da Chesf na construção da primeira usina de Paulo Afonso, da barragem denominada Delmiro Gouveia, como também da estruturação urbana nas imediações.

> Em 1948, a Chesf chegava em Forquilha trazendo um plano de grandes dimensões à época, necessitando de edificar uma cidade pois, naquele momento, o pequeno povoado não dispunha de infraestrutura para abrigar a quantidade de pessoas que chegavam, todos os dias, em busca de trabalho nas obras da companhia. Assim, a aglomeração urbana crescia desordenada e improvisada, no sentido de estruturas provisórias, tendo em vista a expectativa criada pela construção do acampamento da nova companhia (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.127).

Conforme Lima de Oliveira (2017), em 1945, após os estudos realizados apresentarem condições favoráveis para aproveitar o potencial hidroelétrico que a região oferecia, foi iniciado à construção de uma pequena usina geradora de energia elétrica como projeto-piloto, anterior a construção do complexo, denominado pelo engenheiro e diretor técnico Otávio Marcondes Ferraz de “usininha”, sob supervisão de Apolônio Sales e autorizada por Getúlio Vargas.

A Usina Piloto (figura 6) foi importante para o fornecimento de energia na construção das primeiras usinas, ficando responsável por estimular a vinda dos primeiros trabalhadores que chegavam de outras regiões se alocando no entorno da Cachoeira de Paulo Afonso, no antigo povoado de Forquilha.

Figura 6: Usina Piloto.

Fonte: Acervo Casa da Cultura de Paulo Afonso.

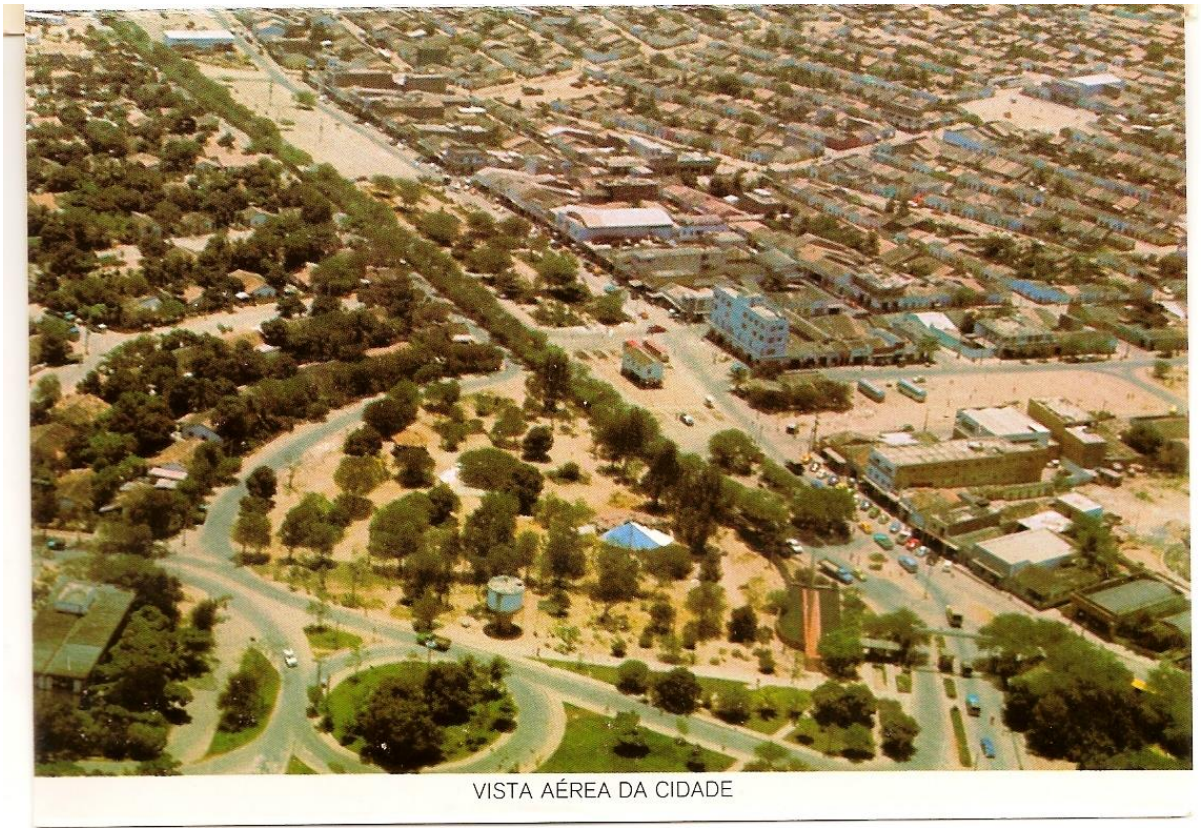
Em meio ao empreendimento que se instalava, as transformações e dinâmicas na região caminharam de forma acelerada em um curto espaço de tempo, a partir da construção dos acampamentos sob ordem da Companhia, alterando as ordens econômicas e socioculturais.

Sendo assim:

> A construção dos acampamentos teve início em outubro de 1948. O acampamento da margem baiana, conhecido como "cidade Chesf", reuniu a maioria das instalações da empresa. Paulo Afonso, um lugarejo praticamente desabitado, pertencente ao município de Glória, sofreu uma transformação radical com as obras do grande aproveitamento hidrelétrico (...) (CENTRO, 2018, p.42).

De acordo com Lima de Oliveira (2017), o povoado Forquilha, como já mencionado, situado na margem direita do Rio São Francisco e da cachoeira, no estado da Bahia, até então era considerado um pequeno povoado pertencente ao município de Glória, distante cerca de 30 km da antiga sede municipal antes da implantação do complexo das usinas situadas na atual cidade de Paulo Afonso. O lugar estava localizado a cerca de 480 km de Salvador, e tão próxima dos estados de Alagoas, Pernambuco e Sergipe. "(...) Segundo Galdino (2012), o povoado Forquilha era localizado onde hoje existe a Avenida Getúlio Vargas, no centro comercial de Paulo Afonso, antes denominada de Rua da Frente" (FERREIRA, 2012, p.122).

Figura 7: Rua da Frente, atual Avenida Getúlio Vargas em 1972.



Fonte: Acervo Casa da Cultura de Paulo Afonso.

> O pequeno povoado de Forquilha vivia na sua centenária letargia econômica de pequenas fazendas de gado e de caminho de boiadas, que acorriam até esta cidade, até que, em 1945, foi sacudido pela chegada de centenas de homens e máquinas que lá se instalaram para construir a Usina Piloto. Depois, vieram as obras do acampamento da Chesf e da Usina Paulo Afonso I, atraindo ainda mais gente para a localidade. Vinha gente de todo lugar: a mão de obra especializada era oriunda do Sudeste e Sul do país, além de alguns vindos de capitais nordestinas e de estrangeiros; a mão de obra sem especialização, os "cassacos", era composta de gente do entorno da região de Paulo Afonso e dos demais estados nordestinos. Para Forquilha rumaram, aos milhares, pernambucanos, alagoanos, sergipanos, baianos, paraibanos, e, em menor número, cearenses, piauienses, maranhenses, dentre outros (FERREIRA, 2012, p.122-123).

Em vista disso, segundo os estudos de Ferreira (2012), o pequeno e pobre povoado teve um alto crescimento populacional em decorrência das obras da Chesf, porém, o mesmo não tinha estrutura para receber e abrigar os trabalhadores que vinham de diversas regiões com suas famílias, às condições básicas eram das piores que se podiam imaginar, cabendo à Companhia ficar responsável pelas demandas. O povoado foi elevado à categoria de Vila, e logo após denominou-se Paulo Afonso em 1958, passando a realizar suas primeiras eleições municipais após constantes lutas na Câmara Municipal de Glória, pelos vereadores eleitos Abel Barbosa, Amâncio Pereira, Hélio Garagista e Otaviano Leandro de Morais. A primeira Câmara

Municipal de Vereadores estava localizada na Rua da Frente, onde hoje está localizada a Casa da Cultura de Paulo Afonso, na Av. Getúlio Vargas.

> Em 10 de outubro de 1956, após diversos debates entre os vereadores, o projeto de emancipação política de Paulo Afonso, de autoria do vereador Abel Barbosa, foi aprovado pela Câmara de Vereadores de Glória, sendo encaminhado para Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, tramitando até a sua aprovação em 28 de julho de 1958, com sanção da respectiva Lei número 1 012/1958 pelo então governador Antônio Balbino de Carvalho, assim criando o município de Paulo Afonso. Souza (2012, apud LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.131).

Tal contexto de décadas atrás refletem a atual situação dos dois municípios, Paulo Afonso, cresceu em decorrência de sua emancipação do pequeno município de Glória, com todo o apoio que a Chesf exerceu em sua trajetória histórica e política.

Como afirma Nascimento (2019, p.82):

> A chegada da Chesf a Forquilha, instalação do acampamento, envolvimento de grande número de trabalhadores nas obras de construção do acampamento e das usinas, fundação de hospital, clubes e criação de escolas para os filhos dos seus funcionários imprimiu uma dinâmica social à região do Sertão do São Francisco, estabelecendo nova configuração na vida dos sertanejos incorporados pela empresa no "seu" projeto de "modernização" para o Nordeste levado a cabo pelo Estado brasileiro no período desenvolvimentista.

Conforme Lima de Oliveira (2017), Abel Barbosa conseguiu grande apoio da população enquanto vereador, onde tentou a eleição para prefeito de Paulo Afonso defendendo a derrubada da cerca que separava o Acampamento Chesf da Vila Poty, onde será apresentado mais adiante (figura 8). Essa ideia era contrária a diretoria da empresa pretendendo manter a segurança e o isolamento do acampamento, assegurando assim, o patrimônio da Companhia.

A primeira eleição para prefeito de Paulo Afonso passou por grandes influências políticas da Chesf em nome de seu presidente Alves de Souza, onde se posicionou a favor do candidato Otaviano Leandro de Morais, que acabou vencendo as eleições sendo o primeiro prefeito da cidade, posteriormente, após sua eleição, não conseguiu o apoio esperado da Chesf em seu exercício como prefeito.

Em vista disso, Lima de Oliveira (2017), ainda ressalta que sob a liderança de Abel Barbosa, o grupo de vereadores em meio a tantas lutas por muitos anos defenderam a emancipação política de Paulo Afonso, que segundo o historiador Galdino (2014), almejavam derrubar os contrastes da segregação causadas pela construção do Acampamento da Chesf e da Vila Poty, muitos acreditavam que com a emancipação da cidade, a mesma seria unificada, melhorando assim, a infraestrutura urbana da Vila Poty e das condições de vida da população que ali residia, sua população já era considerada maior do que a população de sua sede, o município de Glória-BA. Já segundo os estudos de Melo da Silva (1985), com o município

emancipado, a administração municipal enfrentou grandes dificuldades para resolver seus problemas urbanos e socioeconômicos, o Governo do Estado, ignorando o novo município criado, delegou suas responsabilidades à Chesf, em que passou a contribuir com algumas ações para o melhoramento da Vila Poty somente anos depois.

O autor Lima de Oliveira (2017) destaca que o desenvolvimento histórico da cidade de Paulo Afonso caminhou com à obra das usinas e a instalação da Companhia na cidade. Como fenômeno das segregações espaciais, agravadas por problemas sociais naquela época, cabe ressaltar, que parte da formação urbana não foi nada planejado devido à cidade ter se desenvolvido em duas circunstâncias distintas.

A primeira, construída por meio dos planos de uma cidade planejada pela própria Companhia, estando associada às usinas, sendo historicamente conhecida como Acampamento da Chesf ou Cidade da Chesf, como as chamadas "*company town*"[6], desenvolvida de forma ordenada e desejada; e a outra conhecida como "Vila Poty"[7], uma cidade-livre, ocupada e expandida de forma exagerada pela população precária entusiasmada pela construção das usinas, desordenada e rejeitada pelos padrões da Companhia. "(...) As relações entre esses assentamentos representam, a princípio, conflitos gerados por sua segregação socioespacial e, com o desenvolvimento de sua história, verificar-se-á o seu processo de unificação urbana" (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.98).

[6] Em português, "Cidade da Empresa", é caracterizada como uma vila ou cidade, onde praticamente quase tudo construído, como residências, estabelecimentos comerciais, instituições de ensino, unidades de saúde e outras edificações, pertencem a uma única empresa, eram geralmente conhecidas por seu isolamento e pela excelente qualidade de vida que oferecia aos seus habitantes.

[7] Segundo Lima (2017), o nome do bairro "Vila Poty", se denominou em razão da infraestrutura precária de suas moradias que eram cobertas com os sacos vazios do cimento Poty, utilizado na construção das usinas e reaproveitado pelos moradores.

Figura 8: Cerca que dividia o Acampamento Chesf da Vila Poty.

Fonte: Acervo Casa da Cultura de Paulo Afonso.

A Companhia adotou medidas de contenção para proteger o seu grande empreendimento que se formava, delimitando assim, sua área de domínio, entre as medidas adotadas foram instituídas guaritas de acesso que controlavam o acesso e a permanência, uma vez que, somente pessoas e funcionários autorizados mediante identificação poderiam ter acesso nas áreas pertencentes da Chesf. Posteriormente, em meados da década de 1960, no período que compreende o regime militar, tais medidas se tornaram mais rígidas. Por outro lado:

> A Rua da Frente como um suporte físico de manifestações foi fundamental à efetivação das conquistas dos cidadãos pauloafonsinos, que lutaram por seus direitos como trabalhadores e como moradores de uma vila marginalizada. Ali se fundou uma cultura de lutas e sociabilidades pela busca de cidadania, culminando em conquistas populares e democráticas. Mas, a maior luta travada pela população da Poty está relacionada ao processo de reivindicações e efetivação da derrubada do muro, que conservava a company town isolada de todos os ataques políticos (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.230).

Conforme Galdino (2014), entre as lutas e reivindicações, cabe destacar, com um grande apoio de comerciantes locais, a Feira Livre que ocorria no Mercado do Acampamento da Chesf sendo transferida para a Rua da Frente, em 1960. A feira permaneceu nessa área por muitos anos, sendo direcionada para outras localidades, esse desejo antigo começou ainda no tempo em que Paulo Afonso era distrito de Glória.

Figura 9: Feira livre na antiga Rua da Frente.

Fonte: Acervo Casa da Cultura de Paulo Afonso.

De acordo com Souza (2003), as desigualdades sociais daquele período entre o Acampamento Chesf e a Vila Poty, tornaram ainda mais o sentimento de superioridade por parte dos chesfianos em relação aos moradores sem qualificação, ocasionando na instalação de uma cerca provisória e, posteriormente, substituída pela construção de um muro de pedras nas imediações, fortalecendo ainda mais essa divisão social. Mesmo depois de Paulo Afonso se tornar município, a situação precária da Vila Poty persistiu por muitos anos. A seguir, um relato de Abel Barbosa, para o historiador Antônio Galdino:

> *A discriminação revoltante entre a cidade da Chesf, dos ricos, e a Vila Poti, dos miseráveis, irmãos separados por uma cerca de arame farpado, que conseguiu ser piorada quando em seu lugar ergueram um grotesco muro de pedras, o muro da vergonha, motivou muito a nossa luta. Esta foi a minha bandeira de campanha para Vereador pelo Distrito de Paulo Afonso na Câmara de Glória, em 1954.* ABEL BARBOSA (GALDINO, 2014, p. 99).

Lima de Oliveira (2017, p.208) cita as praças públicas da cidade como encontros de movimentos e de socialização, sendo suas localizações na Rua da Frente estratégicas e centrais:

> As suas praças desempenham um papel importante como espaço de permanência e de encontro, onde se desenvolvem práticas sociais relacionadas aos movimentos festivos, culturais e políticos da cidade, sendo também espacializações de lutas marcadas pelos comícios políticos, protestos e celebrações, como é o caso da Praça do Trabalhador ou da Praça da Tribuna, ambas localizadas na Rua da Frente (...)

Segundo o autor, a partir do Golpe Militar em 1964, à cidade de Paulo Afonso foi classificada como "área de segurança nacional", por abrigar em seu território o complexo de usinas hidrelétricas consideradas áreas estratégicas aos interesses do Estado, no lugar da cerca, foi construído um muro de pedras, o acampamento permaneceu amuralhado controlando o acesso e a permanência das pessoas em suas dependências.

> Em 4 de julho de 1968, em obediência à lei federal, de nº 5.449 do período da Ditadura Militar, esta cidade tornou-se área de segurança nacional. Através do decreto-lei federal de nº 2.183, de 19 de dezembro de 1984, foi revogada a lei anterior, após 16 anos de intervenção (...). (REIS, 2004, p. 27).

Ferreira (2012, p.125) relata detalhadamente a precária situação vivida pelos moradores da Vila Poty, que também eram definidos como "além-muro"[8]:

> Nas suas imediações começava a se constituir um aglomerado de barracos, onde se amontoavam milhares de pessoas, entre elas operários sem qualificação, empregadas domésticas, lavadeiras, prestadores de pequenos serviços, prostitutas e desempregados em busca de uma colocação. Sem qualquer planejamento urbanístico, os barracos eram improvisados com o material disponível: tábuas, latas e barro. Eram cobertos com palha, lata ou sacos de cimento vazios, daí advindo o nome Vila Poty que o aglomerado tomou, por conta do cimento Poty utilizado nas obras da hidrelétrica. Por conta disso, os incêndios eram comuns. Só depois começam a surgir imóveis construídos em alvenaria, os primeiros estabelecimentos comerciais e algumas casas dos mais aquinhoados. Sem água e com os esgotos correndo a céu aberto, as doenças infecto-contagiosas grassavam. A Vila Poty não tinha água, luz, esgoto, escola ou qualquer dos outros benefícios existentes no acampamento da Chesf.

As desigualdades sociais presentes na formação da história pauloafonsina naquele período, fundaram à cidade de Paulo Afonso em aspectos de vida social distintos entre o Acampamento da Chesf e a Vila Poty.

> Enquanto a CHESF dispunha de água tratada, rede sanitária, energia, ruas projetadas e outros serviços, a Poty cresceu desordenadamente, sem planejamento algum, dependendo da água de três chafarizes e sem energia elétrica (mesmo estando ao lado de um grande complexo hidrelétrico, a energia só chegaria em 1958-59), as casas de sopapo foram substituídas aos poucos por casas de alvenaria. O que antes parecia uma favela, vai dando lugar ao comércio, que aos poucos vai se fortalecendo, numa relação de *autopoiesis* com a CHESF, que passa a depender da variedade dos serviços do comércio da vila Poty, que por sua vez dependia dos salários dos chesfianos para sua manutenção (SOUZA, 2003, p.9).

Conforme o ex-prefeito de Paulo Afonso, José Ivaldo de Brito Ferreira (2012), naquela época, a Prefeitura realizou durante muitos anos várias obras contemplando urbanização, pavimentação, saneamento, eletrificação e iluminação, mesmo diante de todos os investimentos as ações não eram suficientes para atender à população que crescia expansivamente. Os recursos

[8] Segundo Lima (2017), foi um termo designado para definir os moradores da Vila Poty que ficavam separados do Acampamento da Chesf por um muro de arame farpado e, tempos depois, foi constituído de uma base alta de pedras com cactos e arames farpados na parte superior, conhecido também como "muro da vergonha" por dividir Paulo Afonso em duas situações distintas.

que o município arrecadava eram considerados insuficientes para atender as demandas da população. Paulo Afonso foi se desenvolvendo e tornou-se responsável na época pelo abastecimento de energia elétrica de todo o Nordeste, entretanto, em uma escala local, não possuía recursos financeiros para resolver os problemas da cidade que recebia diversos trabalhadores com suas famílias em busca de melhores condições de vida.

> *Lembro como se fosse hoje o sofrimento daquela gente e de todos nós da Vila Poty. Do lado de lá da cerca, piorada com o muro, as ruas calçadas, clubes sociais com cinema, piscinas, quadras de jogos, entretenimento, lazer, praças, farta iluminação. Do lado de cá, poeira, escuridão e esgotos escorrendo no meio da rua.* ABEL BARBOSA (GALDINO, 2014, p.66).

Galdino (2021) destaca que mesmo com a chegada da Companhia e a estrutura urbana se inchando de trabalhadores e suas famílias, disse um jornalista em reportagem para a extinta Revista Manchete, o seguinte: "*Não convém que Vila Poty exista no mapa*" (Revista Manchete N.º 233, de outubro de 1956).

> No lado do Acampamento da CHESF, as vias eram apenas estradas de rodagem, que ligavam um lugar a outro, não havia grandes avenidas, largos ou grandes espaços abertos que permitissem a aglomeração de pessoas. Por sua vez, na Poty, a Rua da Frente tinha uma estrutura física que permitia a concentração de multidões, de manifestações e realização de práticas sociais em grande escala (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.225).

Considera-se a segregação entre as classes sociais caracterizada como um espaço de dominação de diferentes grupos, determinado pelo modo de produção capitalista, principalmente por situações socioeconômicas, sendo o espaço social habitado em razão das dimensões temporais na formação da sociedade. Segundo Lima de Oliveira (2017, p.85), as segregações espaciais faziam parte dos grandes empreendimentos da época:

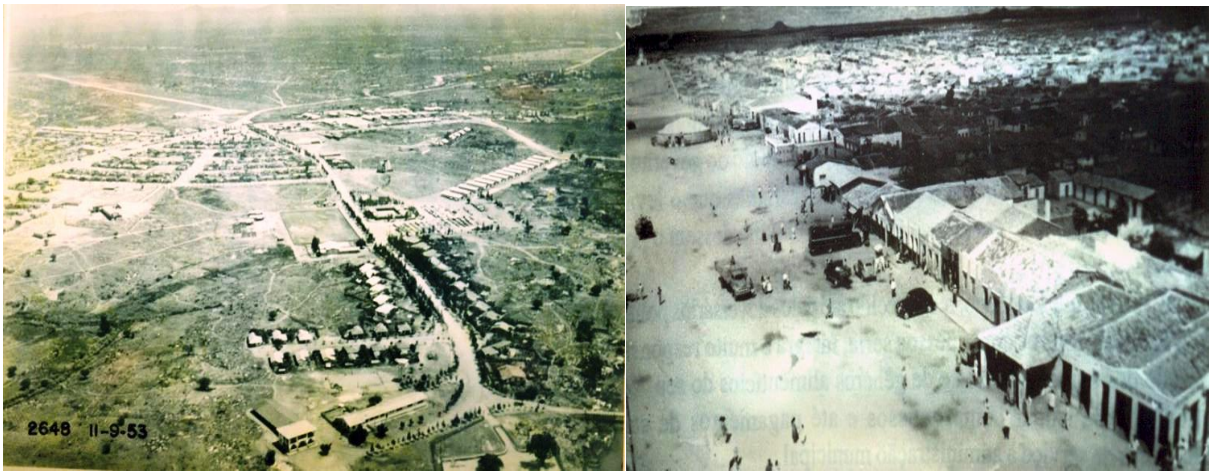
> A segregação também era patente, interna e externa, ou seja, internamente essas mini-cidades (no caso de company towns) eram organizadas e continham vilas segregadas por categorias funcionais, e como conjunto se separavam de assentamentos espontâneos formados por pessoas atraídas pelo empreendimento. Em consequência, essa segregação socioespacial provocou tensões sociais e movimentos políticos que impulsionaram ou contribuíram com o processo de integração dessas partes distintas de cidade e territórios ao longo do tempo.

O autor destaca que a segregação ocorria também internamente no Acampamento Chesf, dividido em três áreas dentro do Acampamento: Vila Operária, designada aos operários; Vila Alves de Souza, para os técnicos de nível médio; e General Dutra, para os engenheiros, médicos, advogados e outros funcionários com titulação de nível superior da diretoria.

Na figura a seguir, (figura 10), a cidade de Paulo Afonso na década de 1950, dividida em "duas cidades", o Acampamento de propriedade da Chesf de excelente qualidade de vida, e a Rua da Frente, na Vila Poty, formada desordenadamente e com condições de vida precárias,

assim, as disparidades espaciais perpetuaram ao longo de várias gerações na formação da história pauloafonsina, em meio ao empreendimento que se instalava na cidade.

Figura 10: Acampamento Chesf, à esquerda; e Rua da Frente, à direita.



Fonte: Acervo Casa da Cultura de Paulo Afonso.

Ao longo dos anos e das gestões municipais, em decorrência das lutas constantes dos emancipacionistas a derrubada no muro se concretizou, hoje nas imediações do muro o centro da cidade se desenvolveu, passando por reformas, pavimentação e constituído principalmente pelo desenvolvimento do comércio local, residências, praças e demais espaços públicos no entorno da antiga Vila Poty e da Rua da Frente, atual Av. Getúlio Vargas (figura 11).

Figura 11: Av. Getúlio Vargas, centro comercial da cidade.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

Considerando as transformações urbanas como também político-administrativas, a derrubada do muro representou para a gestão municipal, assim, a transição da cidade segregada para uma cidade unificada, ainda hoje, é possível ver vestígios históricos do muro que dividia Paulo Afonso contornando alguns trechos em meio a cidade que se desenvolveu (figura 12). “A unificação urbana significou vantagens para o município, não apenas pelo aumento da arrecadação de tributos, mas porque também democratizou o uso de equipamentos localizados dentro do Acampamento da Chesf” (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.239).

Figura 12: Vestígios do muro erguido que dividia o Acampamento Chesf da Vila Poty.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

A Companhia muito buscou contribuir historicamente no desenvolvimento de Paulo Afonso e na organização espacial do núcleo urbano da cidade em sua constituição, relacionado a suas usinas hidrelétricas em todos os aspectos, seja na geração de emprego e renda, educação, saúde, lazer e de outros serviços. Terrenos, escolas, hospitais, clubes sociais e hotéis, antes construídos, administrados e pertencentes da Chesf, que fizeram parte da Companhia, foram doados e repassados para outras repartições públicas e associados por meio de várias reformulações na estrutura da empresa, hoje, direcionada apenas para a geração e transmissão de energia.

Como citado, as instituições de ensino repassadas se tornaram escolas municipais, universidades e instituto, citamos como exemplo: Escola Adozindo Magalhães de Oliveira, hoje Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Colégio Paulo Afonso - COLEPA, hoje Instituto

Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA; e o terreno cedido para a construção do campus da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

Cabe destacar também, clubes sociais construídos, como o Clube Paulo Afonso – CPA, antes designado aos profissionais titulados com nível superior e ao pessoal da direção da Companhia, e o Clube Operário Paulo Afonso – COPA, destinado aos operários, ao pessoal de nível médio e suas famílias, o Estádio Ruberleno Oliveira, e prédios sem ocupação como a Casa de Hóspedes e o Grande Hotel, este último, hoje desativado, colocado em leilão e ainda sem destino certo, e mais recentemente o Hospital Nair Alves de Souza – HNAS, antes administrado pela Chesf com recursos do Sistema Único de Saúde – SUS, repassado à Prefeitura Municipal, são alguns exemplos. Conforme o que Lima de Oliveira (2017, p.141) afirma:

> Percebe-se, portanto, que o crescimento de seu núcleo urbano se relacionava à ampliação de seu empreendimento. Cabe também observar que os investimentos na sua cidade tinham relação com o montante de recursos disponibilizados pelas políticas governamentais para a realização das hidroelétricas, que requeriam um alto nível de aplicação tecnológica, demandando volumosos recursos (...)

Lima de Oliveira (2017), também cita que a Cidade da Chesf contou com a construção de um aeroporto, se fazendo necessário o deslocamento dos funcionários entre a sede da Companhia, as usinas hidrelétricas em Paulo Afonso e seus escritórios, o Hangar foi construído pela Chesf e inaugurado em 1960, localizado próximo à área do antigo aeroporto, hoje desativado e instalado nessa área o Espaço Cultural Lindinalva Cabral, localizado na Av. Apolônio Sales. Anos depois, um novo aeroporto foi construído distante do centro de Paulo Afonso, sendo atualmente administrado pelo Governo do Estado, localizado na BA – 210.

> Nesse cotidiano, desenvolveram-se diversas práticas sociais que, de certa forma, isolava a cidade Chesf, tendo em conta que os equipamentos disponibilizados nesse núcleo supriam satisfatoriamente as necessidades básicas dos trabalhadores e de suas famílias, que também tinham os melhores meios de lazer à época. Diante de tais recursos, ser morador da cidade-companhia significava ter uma espécie de identidade que lhe concedia *status* na cidade. Em outras palavras, a Chesf além de transformar o território municipal, também imprimiu a sua marca nessa comunidade, autodenominada chesfiana (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.198-199).

Atualmente, essas áreas ainda recebem o nome de Acampamento Chesf, apresentando ainda as características de vias e espaços públicos de pouca movimentação e de lindas paisagens naturais, uma região habitada geralmente por chesfianos aposentados e de alguns locais pertencentes à Companhia, como o Memorial Chesf, resguardando histórias que na cidade foram construídas, e prédios administrativos e operacionais, diferente do centro comercial que se expandiu significativamente ao longo da antiga Rua da Frente e da Vila Poty, refletindo ainda hoje o passado e seus diferentes contextos espaciais.

Paulo Afonso se desenvolveu em diversos aspectos sociais e econômicos, sendo considerada uma cidade de porte médio, na Bahia e na região, seu crescimento populacional estimado em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, era de 119.213 habitantes, sendo o 15º município mais populoso entre os 417 municípios da Bahia.

Apesar de todo o progresso causado pelo protagonismo da Chesf na história local e regional, a consolidação da Companhia e a implantação de suas usinas também causaram muitos impactos negativos, centrada em críticas e injustiças sociais, como os problemas socioambientais sofrido pelas comunidades tradicionais que foram desassistidas, a exemplo da população ribeirinha, atingida diretamente pela construção e enchimento das barragens e pelas águas da represa, onde foram expulsos e forçados a sair de suas terras sem receberem nada em troca ou indenizações injustas, como também outros danos causados no ecossistema local.

3.2 O papel e a relevância da CHESF

Para Malta e Muccini (2007, p.74) "A história de uma organização é a história dos seus colaboradores e da região a que se serve". O propósito da Chesf, subsidiária da Eletrobras, de gerar e transmitir energia elétrica para o Nordeste brasileiro, foi um empreendimento pioneiro e revolucionário para a época, considerada por muitos um marco na engenharia brasileira. A vinda da Chesf, na década de 1950, trouxe desenvolvimento para esta região, alcançando um considerável crescimento populacional, como também econômico para Paulo Afonso. Políticas de desenvolvimento que promoviam a Companhia e a região era o foco da Chesf para o setor elétrico brasileiro.

Conforme Lima de Oliveira (2017), os passos iniciais do setor de produção de energia elétrica foram instituídos com a finalidade do uso da eletricidade na iluminação de centros urbanos, na alimentação de linhas de bondinhos elétricos em capitais e para a energia de pequenas fábricas têxteis, como também usinas de beneficiamento de produtos agrícolas.

> A Companhia Hidrelétrica do São Francisco nascia, portanto, sob a égide do desafio, do sacrifício. Não é difícil compreender a profunda identificação que se estabeleceu desde os primórdios, entre a Companhia e a hidrelétrica de Paulo Afonso, entre o criador, o executor e a criatura, sua obra. Os elos se tornaram cada vez mais estreitos na medida em que se ombreavam no canteiro de obras, operários de todas as matrizes, não só do ponto de vista étnico, mas cultural, social, intelectual, numa confraternização profunda de emoções e de experiências vivenciadas no dia-a-dia de suas realizações (MALTA; MUCCINI, 2007, p.84).

A obra *Chesf 70 anos de História*, relata o passo inicial de implantação da Companhia para aproveitar o potencial hidroelétrico da Cachoeira de Paulo Afonso, abrangendo 347

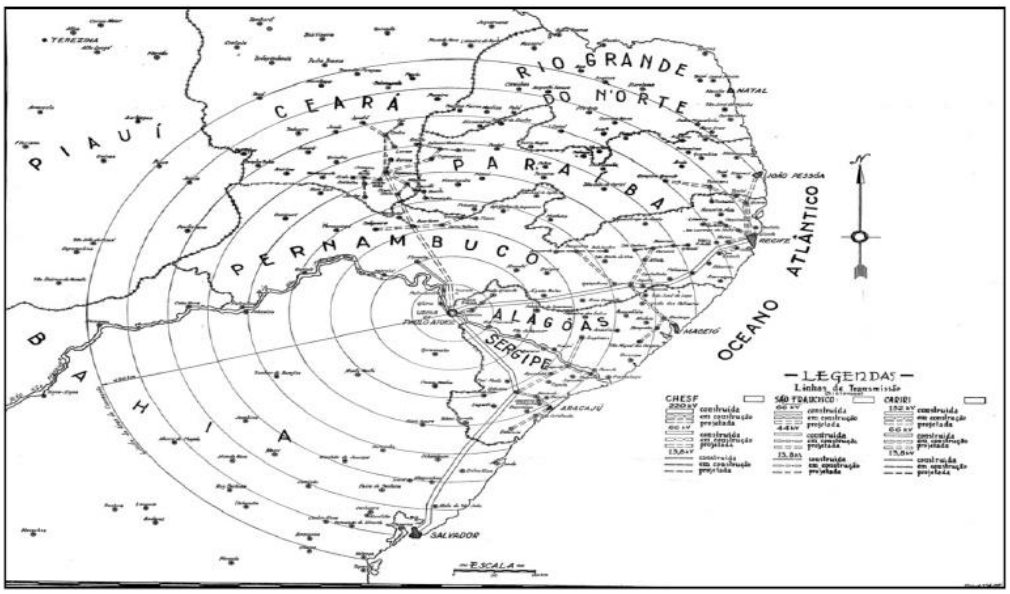
municípios dos estados no Nordeste, exceto o Maranhão, para então superar o déficit energético que a região enfrentava, comandada pelo engenheiro Apolônio Sales, o ministro aproveitou e destacou a necessidade de desacelerar o desequilíbrio entre as regiões Nordeste e Sudeste.

> O Decreto Lei número 19 706, de 3 de outubro de 1945, delimitava a área de atuação da CHESF numa circunferência de 450 quilômetros de raio com centro na Cachoeira de Paulo Afonso, abrangendo os municípios dos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Ao longo dos anos, com a efetiva operacionalização das duas primeiras usinas (PA I e PA II), portanto, houve aumento do capital da empresa e a sua área de atuação cresceu para 700 quilômetros de raio, conforme um novo decreto de 20 de outubro de 1964, chegando ao Maranhão e ao norte de Minas Gerais. Galdino (1981, apud Lima de Oliveira, 2017, p.118).

Segundo Malta e Muccini (2007), apesar das dificuldades de natureza técnica para um projeto pensado para Paulo Afonso, encontradas na época nas obras de infraestrutura da primeira usina na região, a principal dificuldade vista foi controlar e reverter o fluxo das águas do rio. Diferente do que pensaram os pioneiros da Companhia, foi construído entre os anos 1949 e 1985, cinco usinas hidrelétricas, formando a maior área de capacidade construída de hidrelétricas no Brasil, possuindo assim, um enorme parque gerador de energia elétrica.

Ademais, o crescimento econômico impulsionado pelo complexo hidroelétrico estimulou o comércio e os serviços, instituindo, dessa forma, uma região econômica em expansão no Sertão nordestino. Para Lima de Oliveira (2017, p.121) “A construção do complexo de hidroelétricas de Paulo Afonso foi um marco para o desenvolvimento da indústria na região Nordeste do Brasil, modificando também os modos de vida das populações que foram beneficiadas com a "luz de Paulo Afonso".

Figura 13: Etapa inicial do Sistema de Transmissão da Companhia.



Fonte: Alves de Souza, 1955 (apud LIMA DE OLIVEIRA, p.118).

O historiador Antônio Galdino descreveu em suas palavras para o 10º prefeito de Paulo Afonso, José Ivaldo de Brito Ferreira, na construção de sua dissertação de mestrado intitulado *O Direito que Emerge da Água: As Barragens de Paulo Afonso e a Invenção dos Royalties*, defendido em 2012, pelo Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus VIII – Paulo Afonso, um elo existente entre o passado, antes da vinda da Chesf ao se concretizar nessas terras sertanejas, e o presente, depois da Companhia se instalar para tirar proveito do potencial da Cachoeira de Paulo Afonso. Nas palavras de Galdino:

> *Antes da Chesf, toda a região Nordeste estava a anos luz atrás, no desenvolvimento, em relação a outras regiões do país. Todos os índices, do analfabetismo à mortalidade infantil, do desenvolvimento humano às modernas tecnologias inexistentes, tudo fazia crer que tínhamos pelo menos dois ou mais brasis: aquele da pujança, dos grandes avanços tecnológicos, das grandes indústrias e o do povo abandonado, esquecido, morrendo à míngua, assinando com o dedão, sem opções de crescimento. Assim era o Nordeste antes da Chesf, onde os lampiões de gás iluminavam as praças e pequenos geradores, nas cidades maiores tinham hora marcada para serem desligados. Era assim, o Nordeste estava desligado do progresso e do desenvolvimento.* Galdino (2012, apud Ferreira, 2012, p.116).

> *Depois da chegada da Chesf, quando a energia elétrica iluminou as ruas e as casas do Recife e suas linhas de transmissão foram se espalhando por toda a região, como uma gigantesca teia de aranha não só foram iluminadas as cidades, as casas, energizadas as fábricas. Sobretudo, a luz irradiou dos olhos de pessoas sem esperança que passaram a crer em dias melhores que, de fato, vieram.* Galdino (2012, apud Ferreira, 2012, p.116).

A ideia da construção de uma extensa central geradora de energia elétrica em Paulo Afonso foi impulsionada por Apolônio Sales, ministro da Agricultura durante o Governo Vargas, partindo do ministro a proposta de criação da Companhia, sendo uma empresa pública responsável pela construção do empreendimento, sob controle da União. Como afirma Malta (2008, p.51):

> Em 1945, já era difícil a situação de abastecimento de energia elétrica no Brasil. Particularmente, no Nordeste do Brasil, eram frequentes os racionamentos de energia, isto em decorrência dos atrasos no fornecimento de energia para atender, sobretudo, ao consumo industrial desse insumo. Nesse contexto dramático, a União mostrava-se interessada no desenvolvimento de projetos hidrelétricos de grande envergadura (...)

Apesar de haver contestações pela implantação do empreendimento dentro do Governo de Getúlio Vargas, o presidente assinou o decreto de criação da Chesf em outubro de 1945 na finalidade de aproveitar o potencial energético da Cachoeira de Paulo Afonso, entretanto, somente com o apoio do presidente Eurico Gaspar Dutra a Companhia foi constituída finalmente em assembleia em 15 de março de 1948, no Rio de Janeiro, onde ficaria inicialmente sediada, hoje, a sede da Companhia está localizada na cidade do Recife, estado de Pernambuco.

Segundo Galdino (2021), em julho do ano de 1947, a Revista O CRUZEIRO acompanhou a visita do presidente à Cachoeira de Paulo Afonso com sua comitiva, composta por ministros e governadores de estados do Nordeste.

> Contudo, mesmo diante de tais pressões políticas, graças ao ministro Apolônio Sales o projeto de Paulo Afonso foi à frente. Com efeito, os planos do ministro iam além da geração de energia elétrica, mas tinha o setor elétrico como um dos instigadores do desenvolvimento da região Nordeste e a Chesf como agente para realização desse plano (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.110).

Em vista disso, segundo Centro (2018), a criação da Chesf e a construção da usina Paulo Afonso I clamava pela expansão das usinas geradoras de energia elétrica no Brasil na primeira metade do século XX. Marcada pelos agravantes índices de desigualdade entre as regiões do país, como exemplo da situação, no Nordeste, apenas as capitais e alguns centros urbanos vizinhos possuíam serviços de energia elétrica pouco estruturados.

> A construção do complexo de usinas hidroelétricas em Paulo Afonso ocorreu no período de aproximadamente 30 anos. A expansão das usinas ocasionou o crescimento da cidade, impactou o desenvolvimento da região e a consolidação da Chesf como maior empresa do setor elétrico do Nordeste e uma das maiores do Brasil. O período de construção das usinas imprimiu transformações socioculturais em caráter acelerado para Paulo Afonso e a região Nordeste (NASCIMENTO, 2019, p.104).

Ainda de acordo com Centro (2018), a organização da Companhia caminhou em passos lentos em razão da deposição de Getúlio Vargas em 29 de outubro de 1945, aguardando por dois anos para receber o apoio do então presidente Eurico Gaspar Dutra e de seu ministro da Agricultura, Daniel de Carvalho. O apoio ganhou forças em outubro de 1947, designado pelo ministro, quando o engenheiro Antônio José Alves de Souza, que já atuava durante um bom tempo na Divisão de Águas do Ministério, onde visitando Paulo Afonso em seus estudos, ficou encarregado de estruturar a Companhia, elaborando o Manifesto[9] da Chesf. Galdino (2021) relata bem o momento vivido, em sua coluna na revista eletrônica Folha Sertaneja:

> Por causa de uma destas crises políticas por que tem passado o Brasil ao longo de sua história, os Decretos, assinados por Getúlio Vargas, ficaram dormindo em alguma gaveta do palácio do governo, no Rio de Janeiro, uma vez que, no final daquele mês de outubro, Getúlio Vargas foi deposto, o Brasil ficou sendo governado pelo presidente do STF até o final do ano quando aconteceu a eleição indireta do Presidente General Eurico Gaspar Dutra, que governou o Brasil de 1946 até 1951, quando teve início o período conhecido como Quarta República Brasileira. Esse período iniciou-se com a deposição de Getúlio Vargas (em 29 de outubro de 1945) e se estendeu até 1964, quando ocorreu o Golpe Militar.

[9] Conforme Malta (2008), o Manifesto da Chesf foi um documento que apresentava os objetivos da Companhia, como também a forma em que o Governo Federal iria conseguir apoio e os recursos financeiros para o empreendimento. O Manifesto determinava a exclusão do estado da Bahia como área de concessão da Companhia, causando protestos da bancada baiana no Congresso Nacional, sendo questionado a exclusão da Bahia entre os estados beneficiados com a primeira etapa da energia de Paulo Afonso, causando resistência à aprovação, onde foi posteriormente aprovado o estado.

Segundo Reis (2004), Alves de Souza, como primeiro presidente da Chesf, veio praticamente morar em Paulo Afonso no intuito de supervisionar de perto o desenvolvimento da obra. O projeto do Acampamento da Chesf previa a construção de duas vilas e um bairro, dentro da cidade da Chesf, capaz de suprir toda a necessidade de infraestrutura básica, como água, energia, telefone e esgoto.

O projeto do acampamento destinou especialmente na estruturação de um núcleo urbano em meio ao grande empreendimento da Companhia, situando a localização da feira, mercados, unidades de saúde, instituições de ensino, como também de áreas residenciais, da cadeia e postos de combustíveis. Com isso, a Chesf demarcou sua área de domínio, de início com uma cerca de arame farpado, e depois com um muro de cimento e pedra, visto que a região tinha fama de violenta[10].

Figura 14: Entrada das obras das usinas em Paulo Afonso.

Fonte: Acervo Casa da Cultura de Paulo Afonso.

De acordo com Lima de Oliveira (2017), após a composição da Companhia, em 1948, o engenheiro e diretor técnico Otávio Marcondes Ferraz, estruturou a sua equipe técnica organizada por engenheiros como também desenhistas, nas quais foram responsáveis pelo desenvolvimento dos projetos executivos, como também pelo gerenciamento das obras civis e

[10] De acordo com Reis (2014), um dos fatores da região ser violenta é que no período do Cangaço, Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, considerado o Rei do Cangaço, esteve em Paulo Afonso fugindo com seu bando atribuindo crimes por onde passavam, nessas passagens o cangaceiro conheceu Maria Gomes de Oliveira, vulgo Maria Bonita, nascida no povoado de Malhada da Caiçara, pertencente à cidade de Paulo Afonso.

eletromecânicas, nesse momento, a Chesf não contratou nenhuma empreiteira durante suas obras nas primeiras usinas do complexo, a equipe foi própria e especializada contando com um grande número de técnicos de nível médio e operários na obra de sua primeira usina.

Conforme afirma Lima de Oliveira (2017), foi por meio da criação da Companhia em 1945, que à Cachoeira de Paulo Afonso teria o seu potencial aproveitado de maneira intensificada, posterior a ideia precursora de Delmiro Gouveia. Como visto anteriormente, apenas no governo de Eurico Gaspar Dutra, em 1948, a Chesf foi organizada institucionalmente, dando prosseguimento no mesmo ano a construção do canteiro das obras, sendo o acampamento servindo de apoio ao empreendimento.

Um ano depois, em 1949, foi dado o início da primeira grande obra, a Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso I, inaugurada em 1955 pelo presidente Café Filho, o marco inicial da consolidação da empresa. Galdino (2021) descreveu o momento:

> Em outubro de 1954 o rio foi desviado e suas águas começaram a fazer girar as máquinas e a energia das águas do rio São Francisco, a luz de Paulo Afonso, começou a percorrer os milhares de quilômetros das linhas de transmissão para mudar a vida do povo sofrido do Nordeste e permitir à toda a região nordestina a condição de desenvolvimento que a coloca em nível de igualdade com as outras regiões do país.

No ano de inauguração da primeira usina de Paulo Afonso, Luiz Gonzaga e Zé Dantas, em autoria conjunta, celebram o sucesso do primeiro empreendimento da Chesf na cidade chamada de “Paulo Afonso”, relatando sua trajetória e os principais agentes que fizeram parte da mesma:

> Delmiro deu a idéia
> Apolônio aproveitou
> Getúlio fez o decreto
> E Dutra realizou
> O Presidente Café
> A Usina inaugurou
> E graças a esse feito
> De homens que têm valor
> Meu Paulo Afonso foi sonho
> Que já se concretizou
>
> Olhando pra Paulo Afonso
> Eu louvo o nosso engenheiro
> Louvo o nosso cassaco[11]
> Caboclo bom, verdadeiro
> Pois vejo o Nordeste
> Erguendo a bandeira
> De ordem e progresso
> A nação brasileira
> Vejo a indústria gerando riqueza
> Findando a seca
> Salvando a pobreza

[11] Cassaco era o nome atribuído aos operários da construção das usinas considerados não qualificados.

Ouço a usina feliz mensageira
Dizendo na força da cachoeira
O Brasil vai, O Brasil vai,
O Brasil vai, O Brasil vai,
Vai, vai
Vai, vai...

(Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1955)

Malta e Muccini (2017) relatam os desafios enfrentados na construção do empreendimento e as primeiras conquistas alcançadas:

> As obras de desvio do São Francisco, que tiveram de superar grandes obstáculos de natureza técnica, devido à profundidade do leito do rio e à força de suas águas, foram concluídas em setembro de 1954. Com o fechamento do rio, procedeu-se ao enchimento do reservatório. Em outubro girou a primeira turbina e ao longo de novembro as linhas de transmissão para Recife e Salvador foram submetidas a testes. Finalmente, em dezembro, entraram em operação as duas primeiras unidades de Paulo Afonso e teve início a utilização da eletricidade por elas gerada (MALTA; MUCCINI, 2017, p.84).

A inauguração da primeira usina foi um sucesso na época para a engenharia nacional vivenciada e entusiasmada pelos operários, técnicos e engenheiros da Companhia, a ideia de levar luz para todo o Nordeste viveu períodos de expansão e progresso na região, Recife, Salvador e Aracaju, foram às primeiras cidades nordestinas beneficiadas com a energia produzida em Paulo Afonso. Entre as finalidades das usinas hidrelétricas, além de estimular o progresso, foi a de desativar usinas termelétricas com custo de geração de energia elevado, como relata Centro (2018, p.51):

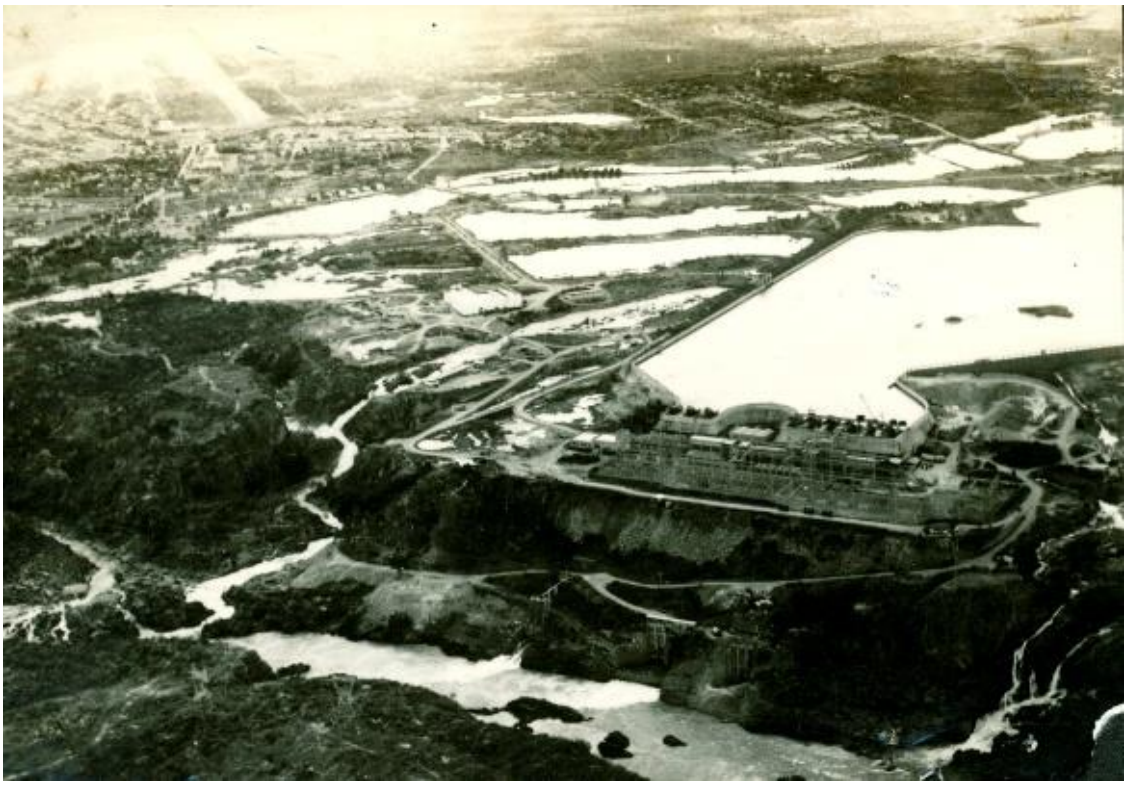
> A inauguração de Paulo Afonso I foi o ponto de partida da Chesf como grande empresa supridora de energia elétrica da região Nordeste. Para se ter uma ideia da importância do empreendimento, basta comparar a potência instalada da usina (180 MW) com a capacidade geradora preexistente na área de atuação da Companhia (110 MW). De fato, a hidrelétrica ampliou significativamente a oferta de energia a cidades com demanda insatisfeita ou reprimida, permitiu a desativação de pequenas termelétricas que funcionavam à base de combustível importado e, mais do que isso, abriu a perspectiva do atendimento a numerosas localidades que mal conheciam a eletricidade.

Ainda de acordo com Centro (2018), os suprimentos de energia da Companhia no primeiro ano de operação da Usina Paulo Afonso I permaneceram limitados somente aos estados de Pernambuco, Bahia e Sergipe, somente em 1956, os centros consumidores de Alagoas e Paraíba e suas cidades Maceió, Campina Grande e João Pessoa foram atendidas. O fornecimento de energia elétrica se direcionou principalmente a consumidores industriais, incluindo fábricas de tecidos, usinas produtoras de açúcar, e posteriormente, a refinaria de petróleo de Mataripe, no Recôncavo Baiano. No ano de 1961, o sistema de transmissão da Companhia alcançou o sul do estado do Ceará, abastecendo Juazeiro do Norte, Crato e outras

localidades da região do Cariri cearense. Somente no início do ano de 1963, o estado do Rio Grande do Norte começou a receber energia de Paulo Afonso, ao fim desse ano, sua capital Natal, tornou-se a sexta capital no Nordeste a receber os serviços da Companhia.

O projeto de aproveitamento energético de Paulo Afonso, idealizado pelo engenheiro e diretor técnico Otávio Fernandes Ferraz, projetou a construção de mais duas usinas subterrâneas no mesmo represamento da Usina PA I, denominadas de PA II e PA III, as duas usinas tiveram um custo bastante reduzido em razão do investimento já realizado no canteiro das obras e na barragem da primeira usina.

Figura 15: Complexo Hidroelétrico de Paulo Afonso, ao fundo, a formação da cidade.



Fonte: Biblioteca IBGE – Acervo dos Municípios Brasileiros.

As contribuições do acervo histórico do Centro da Memória da Eletricidade do Brasil (2018), destaca que a Chesf se expandiu significativamente entre os anos de 1955 e 1974, momento em que concluiu a primeira etapa de aproveitamento energético de Paulo Afonso nos anos de seu planejamento inicial. A Companhia tornou-se como a principal empresa do setor elétrico na região Nordeste, considerando dois fatores: a extensão da área suprimida, como também pela expansão notável de seu sistema de geração e transmissão de energia. Ao interiorizar sua malha de transmissão, à Chesf construiu também suas extensas redes de subtransmissão, atingindo assim, um grande mercado consumidor. “A par das grandes obras

em geração e transmissão, a Chesf promoveu a instalação de centenas de subestações para atendimento de pequenas concessionárias e prefeituras com energia de Paulo Afonso" (CENTRO, 2018, p.65). Em 1970, suas linhas de transmissão ultrapassaram a marca de mais de 10 mil quilômetros de extensão.

> Em agosto de 1964, no primeiro ano do governo chefiado pelo general Humberto Castello Branco (1964-1967), a área de atuação da Chesf foi ampliada pelo Decreto nº 54.160, passando a ser delimitada por um círculo de 700 km de raio com centro em Paulo Afonso. Com esse redimensionamento, todos os municípios do Rio Grande do Norte e da Paraíba e a grande maioria dos municípios do Ceará (entre os quais, Fortaleza), Piauí (inclusive Teresina) e Bahia (notadamente Vitória da Conquista e Ilhéus) foram incorporados à sua área de atuação (CENTRO, 2018, p.61).

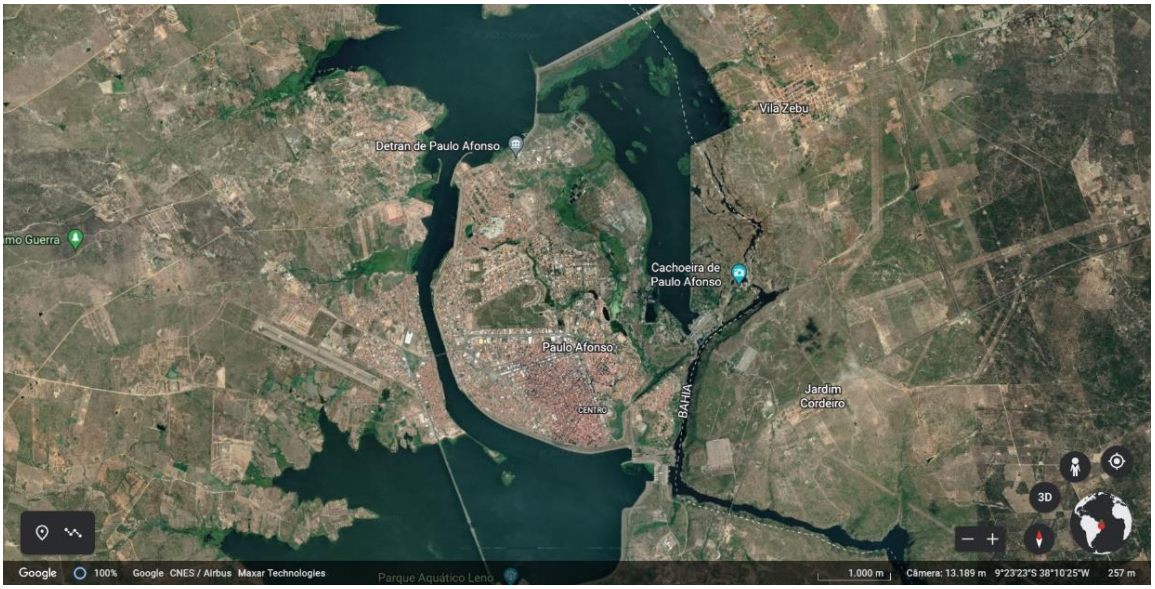
Segundo Centro (2018), os novos aproveitamentos hidroenergéticos no Rio São Francisco desencadearam novos desafios para a Companhia, diferente das usinas PA I, PA II e PA III, alimentadas por uma pequena bacia de decantação, o reservatório Delmiro Gouveia. Os aproveitamentos posteriores de suas novas usinas: Moxotó - Apolônio Sales (única não subterrânea do Complexo de Paulo Afonso), onde começou a operar em 1977, inundaram áreas pertencentes dos municípios de Delmiro Gouveia-AL, Jatobá-PE e Glória-BA, como também é chamada de Nova Glória, reconstruída pela Chesf, causando impactos negativos a esses municípios.

A Usina PA IV começou a operar em 1979, inaugurada pelo presidente João Batista Figueiredo, atingindo a capacidade de 2.462 MW em 1983, tornando-se naquele período a maior usina da Companhia em funcionamento. No início das obras, no ano de 1972, a Companhia construiu sua última vila, conhecida pelo nome de Vila Nobre, esta, destinada aos funcionários técnicos de nível médio que trabalhariam nessa última hidrelétrica.

> Com relação à construção da Usina PA IV, ao contrário das outras usinas do complexo hidroelétrico de Paulo Afonso, sua execução ficou sob responsabilidade de empreiteiras. Nesse momento, a empresa já se voltava à sua atividade-fim, terceirizando as atividades-meio, limitando-se ao planejamento e fiscalização de suas obras (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.145).

Conforme Lima de Oliveira (2017), à construção do canal da Usina PA IV se tornou decisiva na transformação dos territórios ocupados pelo Acampamento da Chesf e pela Vila Poty, tornando esses primeiros núcleos urbanos habitados praticamente ilhados (figura 16). Como consequência, a grande parte que hoje constitui o centro da cidade, áreas até então pertencentes à Chesf e outros bairros adjacentes situaram abaixo do nível do canal da usina, o barramento é constituído como uma muralha conhecida popularmente como paredão da PA IV, cercado pelas águas do canal e dos reservatórios construídos.

Figura 16: Ilha de Paulo Afonso, ao centro.



Fonte: *Google Earth*, 2022.

> A partir desse momento, houve a necessidade de construção de pontes de acesso à cidade, a qual passou a ser um artefato urbano produzido pela Chesf ou, pelo menos, teve a sua paisagem urbana vinculada, simbolicamente, ao negócio da empresa. Nesse sentido, isolou-se a parte original da cidade dos bairros periféricos que se formaram, posteriormente, fora da ilha (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.146).

Figura 17: Usina Paulo Afonso IV.

Fonte: Severino Silva – Acervo Chesf (apud CENTRO, p.72).

Galdino (2019) apresentou um acontecimento relatado por João de Sousa Lima, da luta de movimentos religiosos representados por renomados padres da cidade a favor da população

prejudicada pela construção da usina PA IV, a última construída do Complexo Hidroelétrico, após a aprovação do empreendimento:

> Tempos depois, quando começaram os trabalhos de escavação do canal, conta João de Sousa Lima que, foi necessária a intervenção do Padre Alcides que se colocou à frente das máquinas que estavam derrubando as casas dos moradores. E o Padre Alcides mandou um recado aos seus colegas Padre Mário Zanetta e Lourenço Tori que não poderia participar da celebração da missa com eles naquele dia por esse motivo. Conta João que quem estava na missa, pois era muito religioso, era o Dr. Apolônio Sales, presidente da Chesf que, procurado pelos padres e ciente da situação mandou suspender o trabalho.

Ainda segundo Galdino (2019), medidas tomadas, a Chesf passou a construir um loteamento onde foi posteriormente criado o bairro Mulungu, distante do centro da cidade, hoje o populoso e desenvolvido Bairro Tancredo Neves. Com a construção do canal da usina PA IV, a área da Chesf e da cidade mais antiga se transformaram em uma ilha artificial, fazendo surgir outros bairros fora da ilha.

> Com o início da operação da Usina Paulo Afonso IV em 1979 e de sua conclusão em 1983, quando se instalou o seu último gerador, completou se o complexo hidroelétrico de Paulo Afonso, sendo constituído assim pelas Usinas PA I, PA II, PA III, pela Usina Moxotó (atual Apolônio Sales) e pela Usina PA IV. Esse complexo marcou a história da cidade, dando-lhe uma identidade relacionada à produção de energia elétrica, ficando conhecida também como a "capital da energia" (LIMA DE OLIVEIRA, 2017, p.144-145).

Conforme se observa na tabela 1, é apresentado as usinas que compõem o complexo hidroelétrico, o início de operação, unidades geradoras e sua potência instalada.

Tabela 1: Complexo de Usinas Hidrelétricas de Paulo Afonso.

Hidrelétrica	Data Operação	Unidades	Potência total/kW
Paulo Afonso I	1954	3	180.001
Paulo Afonso II	1961	6	443.000
Paulo Afonso III	1971	4	794.200
Apolônio Sales (Moxotó)	1977	4	400.000
Paulo Afonso IV	1979	6	2.462.400

Fonte: Portal Corporativo da Chesf. Composição do autor.

De acordo com Centro (2018), para o pleno aproveitamento do Complexo Hidroelétrico, tornou-se necessário a regularização da descarga sofrida pelo Rio São Francisco, onde apresentava grandes variações entre os períodos de cheias e de estiagem, a solução encontrada, segundo o relatório do Comitê de Estudos Energéticos do Nordeste, foi a construção da

barragem de Sobradinho, na Bahia, na região do Médio São Francisco, aproximadamente 470 km de Paulo Afonso.

Segundo Ferreira (2012), em função dos vários barramentos construídos no entorno de Paulo Afonso, a cidade perdeu o seu maior atrativo, encantada e citada por muitos, as quedas d'água da cachoeira perderam força, principal reflexo da força do homem no domínio da natureza. O historiador Antônio Galdino relatou, para Ferreira (2012), a perda simbólica da Cachoeira:

> *A perda da Cachoeira de Paulo Afonso. Esse é um impacto bastante forte. A perda da cachoeira é a maior de todas as perdas, principalmente por ser um patrimônio natural da humanidade. A Cachoeira de Paulo Afonso já teve vazão de dezoito mil metros cúbicos por segundo. Quer dizer, oito, nove vezes a vazão que hoje as usinas precisam pra funcionar. Houve um tempo em que, durante alguns dias, aquelas pontes de acesso à ilha do urubu ficaram interditadas, porque a água passava por cima das pontes. Era muita água. E de repente você não tem mais nada! Entende? Então, a Cachoeira de Paulo Afonso foi uma perda grande. Não existe uma palavra capaz de expressar o quanto foi ruim.* Galdino (2012, apud Ferreira, 2012, p.116).

Somente nos períodos de grandes cheias ela reaparece, em razão, à Companhia possibilita a visita de moradores e turistas ao Complexo Hidroelétrico, a qual é de acesso restrito, mediante agendamento prévio e com acompanhamento de guias de turismo. Em síntese, à Chesf imprimiu sua marca na paisagem pauloafonsina atribuindo diversas transformações físico-naturais e socioculturais, materializadas no território de Paulo Afonso ao longo do tempo, configurando a mesma a ser conhecida como a Terra da Energia.

3.3 Lugares histórico-geográficos sínteses de consolidação da Terra da Energia

A história contada e relembrada por muitos, consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia, seus aspectos naturais e os agentes pioneiros, constituem um contexto histórico que pode ser percebido como também apreciado através de sua historiografia urbana, estando presente em praças e espaços públicos, marcos simbólicos materializados no espaço urbano de Paulo Afonso. Assim, segundo Côrrea (2011, p.179), "A paisagem urbana permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos histórico-culturais, envolvendo diferenças sociais, poder, crenças e valores".

Consideramos os lugares histórico-geográficos das cidades como um espaço/campo símbolo de representações e das relações sociais na paisagem, ou seja, são referenciais como resultado de interferências na dinâmica e na organização do espaço habitado, que na paisagem urbana observada se destacam, e que, simultaneamente, nos ajudam a analisar as dimensões simbólicas e políticas desses espaços carregados de diversas interpretações. Assim, acrescenta

Corrêa (2007, p.9), “Formas simbólicas grandiosas como estátuas, obeliscos, colunas, memoriais e templos, os monumentos são representações materiais de eventos passados. Integram o meio ambiente construído, compondo de modo marcante a paisagem de determinados espaços públicos da cidade”.

Explica Silva e Vieira (2014, p.38), sobre esses objetos simbólicos como marcas na lembrança do passado que, “A relação entre homem e natureza representa o espaço e se expressa na configuração das formas (objetos) resultantes de ações e/ou transformações produzidas pelos seres humanos”.

Parafraseando Corrêa (2007), é através da Geografia Cultural, considerada renovada e centrada a partir da década de 1980, com interesse nos significados existentes na natureza e nas construções antigas, que os geógrafos surgem interessados na discussão entre os significados atribuídos pelo estudo dos monumentos relacionados entre sua construção, localização e iconografia. Já segundo Morais (2016), para um estudo de caráter geográfico sobre os monumentos, é necessário apontar a temporalidade desses lugares e suas formas simbólicas, considerando dois fatores em sua criação: o contexto histórico e os agentes sociais envolvidos em todo esse processo.

Com foco na cidade de Paulo Afonso, os monumentos erguidos compõem a paisagem, atribuem um valor estético e constituem uma considerável contribuição na história preservada da cidade, dotados de simbolismo, a maioria desses marcos de caráter expressivo e relevante, encontram-se inseridos dentro do Acampamento da Chesf, como apresentado por Lima (2017).

Quadro 1: Imagens representativas dos lugares histórico-geográficos de Paulo Afonso.

Marcos e Monumentos	Localização
Caixa d’Água Relógio	Av. Apolônio Sales, Praça das Mangueiras (Centro)
Monumento a Amazonas e o Corcel	Praça das Bandeiras – Centro de Formação Profissional de Paulo Afonso (CFPPA)
Monumento aos Trabalhadores	Praça 1º de maio / Praça dos Trabalhadores, Av. Getúlio Vargas (Centro)
Monumento Obelisco	Av. Maranhão, Bairro General Dutra
Monumento o Touro e a Sucuri	Parque Balneário Abelardo Wanderley, Bairro Alves de Souza
Monumento 1º Decênio da Chesf	Av. das Algarobas, Parque Belvedere, Bairro General Dutra

Fonte: Elaborado pelo autor.

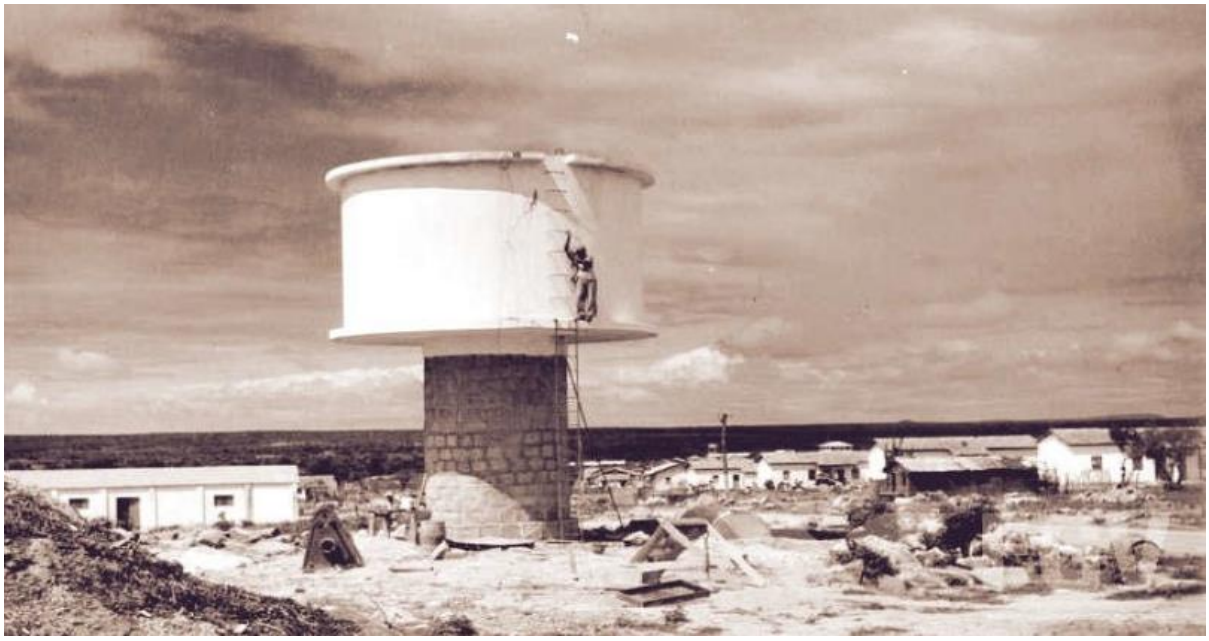
Os marcos e monumentos determinam fundamental importância na paisagem urbana como também cultural das cidades, esses lugares histórico-geográficos contemplam significativos valores simbólicos no espaço habitado, bem como auxiliam na compreensão da história construída. Corrêa (2007, p.11) apresenta diversos atributos dos monumentos:

> A análise geográfica dos monumentos pode estar centrada em dois focos principais, identidade e poder. Ambos manifestam-se de diferentes maneiras, entre elas, por intermédio dos monumentos. A espacialidade necessária que apresentam, implicando em localizações fixas e de longa duração, ao lado da iconografia[12] de que são portadores, conferem aos monumentos o caráter de poderosos meios de comunicação de valores, crenças e utopias, assim como de afirmação do poder daqueles que os construíram. Dotados de alcance espacial limitado (...) os monumentos têm um papel fundamental na criação e permanência de determinadas paisagens urbanas, impregnando lugares de valores estáticos e simbólicos. As paisagens e os lugares constituem parte da espacialidade dos monumentos (...)

No contexto das cidades, os lugares histórico-geográficos podem ser de fácil compreensão e outros podem exigir do observador uma apreciação mais detalhada. De acordo com Morais (2016, p.166):

> A sociedade está repleta de formas simbólicas, muitas com significados mais explícitos e outras na qual o simbolismo exige um conhecimento prévio para ser percebido; à geografia, as formas simbólicas são importantes objetos de estudo quando são dotadas de espacialidade (...)

Figura 18: Registro antigo da Caixa d'Água Relógio.



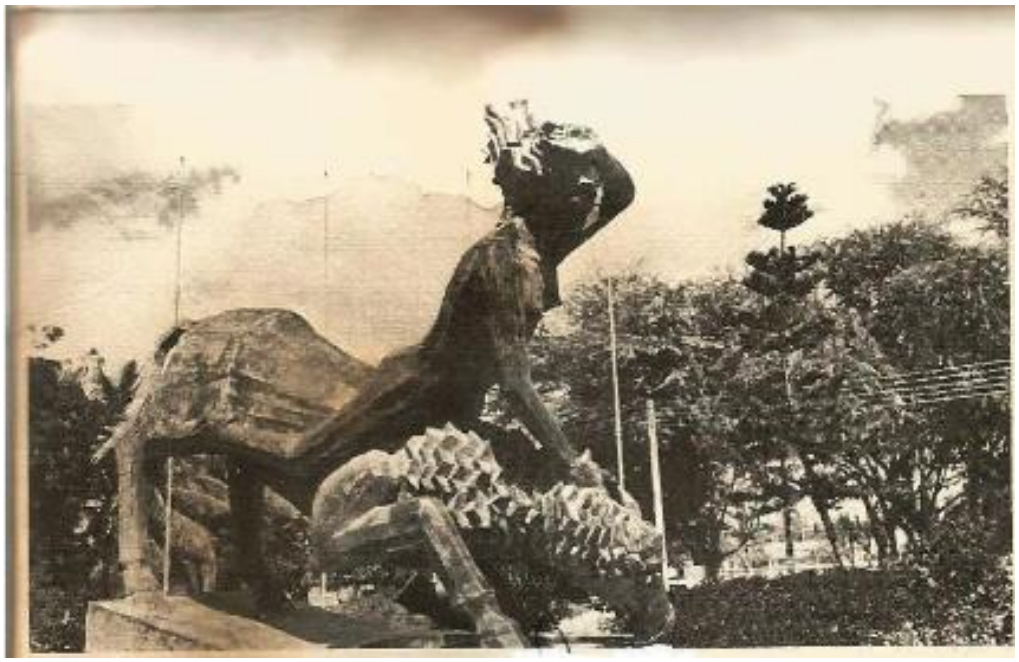
Fonte: Acervo Memorial Chesf em Paulo Afonso-BA.

[12] Estudo de maneira descritiva de representações artísticas e visuais, constituída de símbolos e imagens, não fundamentada apenas em seu valor estético, mas sim, relacionado aos seus significados.

O lugar estabelece uma ligação na história da Chesf e dos trabalhadores na construção do complexo hidroelétrico, a caixa d'água possui uma sirene que emitia um som histórico, ouvido pelas primeiras populações da cidade, determinando os horários de entrada e saída de trabalho dos operários por muitos anos, o som era ouvido por diversos pontos.

A sirene, considerada patrimônio histórico e cultural, foi reativada pela Prefeitura de Paulo Afonso no ano em que a Companhia comemorava seu 70º aniversário. Durante o dia, o som é emitido como lembrança às 8h, 12h, 14h e 16h, estando localizada na Praça das Mangueiras, onde se situava a "Guarita Principal", porta de entrada para o acampamento como também para o canteiro de obras da Chesf, situada no centro da cidade, atribuindo assim, um valor simbólico. No lugar, uma mensagem se destaca: "O som da história, uma homenagem aos desbravadores de ontem, hoje e sempre. O soar da sirene é o recordar de toda uma geração que com muita bravura e dedicação transformou Paulo Afonso na Redenção do Nordeste (...)".

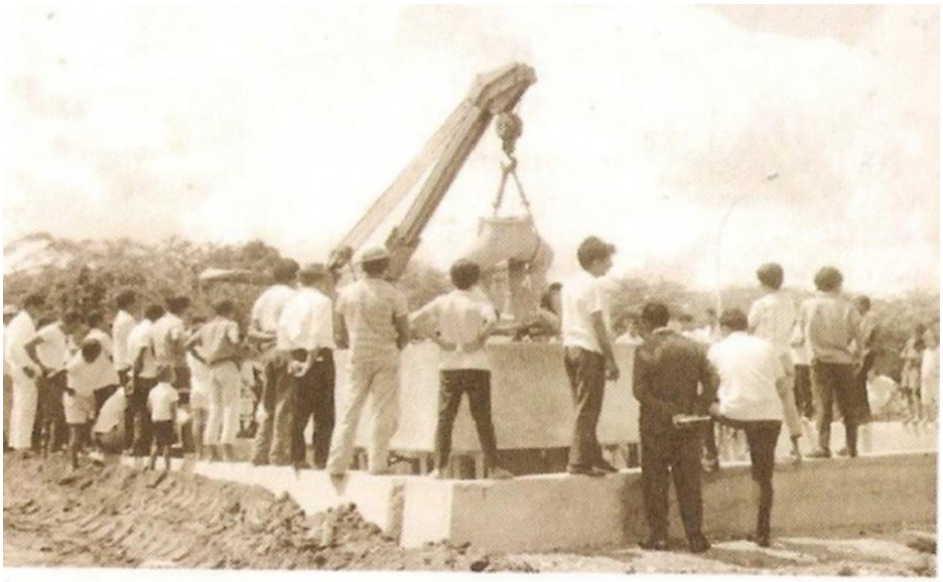
Figura 19: Registro antigo do Monumento a Amazonas e o Corcel.



Fonte: Acervo Casa da Cultura de Paulo Afonso.

O Monumento a Amazonas e o Corcel é classificado como uma estátua equestre, carregado de significados relacionado ao contexto histórico e cultural pauloafonsino. Segundo Lima (2017), a Amazonas (homem) simboliza a queda d'água em forma de cachoeira precipitando nas rochas graníticas presentes na região, simbolizadas pelo Corcel (cavalo). O monumento está localizado na Praça das Bandeiras, no antigo Centro de Formação Profissional de Paulo Afonso – CFPPA, conhecida como Escolinha da Chesf.

Figura 20: Monumento aos Trabalhadores em construção.



Construção do Monumento em homenagem ao Trabalhador, na Av. Getúlio Vargas

Fonte: Revista eletrônica Folha Sertaneja.

O Monumento aos Trabalhadores, um dos mais conhecidos, localiza-se na Praça 1º de maio, mais conhecida como Praça do Trabalhador, foi pensada em ser erguida na antiga Rua da Frente, na Vila Poty, atual Av. Getúlio Vargas e inaugurada em 1º de maio de 1960. As imediações do lugar passaram por reformas e qualificações pelo então prefeito Abel Barbosa e Silva, símbolo das lutas da emancipação política da cidade e por representar as reivindicações da Vila Poty e seus trabalhadores.

Segundo Lima (2017), o monumento é uma homenagem aos homens sertanejos que trabalharam na perfuração das rochas abrindo caminhos para a construção das usinas, representado por dois "marteleteiros", uma placa ao lado enaltece, "O monumento é uma homenagem aos que trabalharam na perfuração das rochas abrindo caminho para a construção da maior obra de infraestrutura hídrica já realizada no Brasil, um dos maiores complexos hidrelétricos da América Latina, homens que ajudaram a criar um novo cenário em que a natureza e tecnologia se unem gerando progresso...".

Dando destaque a outro marco, conforme Lima (2017), o Monumento Obelisco foi construído e erguido pelos operários, técnicos e engenheiros da Chesf no início da construção das usinas, o monumento representa a primeira concretagem das barragens das usinas PA I, PA II e PA III, inaugurado em 12 de agosto de 1949, foi confeccionado em concreto armado e possui um formato pontiagudo.

Figura 21: Registro antigo do Monumento o Touro e a Sucuri.

Fonte: Acervo Casa da Cultura de Paulo Afonso.

O monumento o Touro e a Sucuri, conhecido também como Boi e a Cobra, está relacionado com as transformações realizadas pelo homem, o principal agente transformador da paisagem, para desviar o curso do Rio São Francisco aproveitando as quedas d'água. No monumento, a força da natureza é representada pela Sucuri e o Touro representa o esforço do homem que através da técnica tenta dominá-la, é considerado um dos pontos turísticos de grande visibilidade nas proximidades dos lagos artificiais da cidade.

Figura 22: Registro antigo do Monumento 1º Decênio da Chesf.

Fonte: Biblioteca IBGE – Acervo dos Municípios Brasileiros.

Conforme Lima (2017), a fundamentação histórica do monumento homenageia os trabalhadores da Chesf e sua primeira diretoria em celebração ao aniversário de dez anos da Companhia, estando localizada no Parque Belvedere. O monumento é formado por um busto de Antônio José Alves de Souza[13], primeiro presidente da Chesf, conta ainda com quatro medalhões com as faces dos seus primeiros diretores administrativos, comercial e técnico.

No monumento, encontra-se a frase: "A fé, a tenacidade, o sacrifício e a união tornaram realidade o anseio de várias gerações", "Ao presidente e aos diretores da CHESF, as homenagens dos que colaboraram na obra de Paulo Afonso, 15-03-48 a 15-03-58".

Diante do que foi apresentado, ao longo deste capítulo, acerca do desenvolvimento histórico da cidade de Paulo Afonso, o papel e a relevância da Chesf, como também dos lugares contribuintes no entendimento da história da cidade nesse pretérito contexto, a discussão subsequente da próxima seção, explanará sobre essas representações no presente, além de outras imagens locais, como foco deste problema de investigação, a fim de alinhar a importância na percepção dessas rugosidades e imagens, bem como, as narrativas de diferentes agentes sociais que reafirmam as mesmas como síntese na consolidação da cidade de Paulo Afonso como a Terra da Energia.

[13] Lima (2017) apresenta uma curiosidade sobre o monumento, Alves de Souza faleceu em Paulo Afonso vítima de um infarto em 1961, sua família levou o corpo para ser sepultado no Rio de Janeiro, os funcionários solicitaram enterrar seu coração no jardim do Parque Belvedere em um espaço em forma de coração existente no pé de seu busto, enterrando seu coração, registraram a seguinte frase: *Dr. Antônio Alves de Souza – "O coração que o matou é a sua permanência na paisagem a que deu vida".*

4 AFIRMAÇÃO E PERCEPÇÃO DOS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS DE PAULO AFONSO-BA

4.1 Lugares afirmados pela história e pela literatura: rugosidades e imagens locais

Conforme Callai (2002), o espaço é formado ao longo de diversos processos na consolidação da sociedade atual, e tais relações sociais que fizeram parte desses processos materializaram conteúdos que se tornaram históricos e que podem ser observados visualmente por nossos olhares, onde destaca que se existe uma materialização concreta no espaço, cabe à Geografia analisar e interpretar essa realidade sem nos restringirmos apenas à aparência física.

A análise e interpretação da paisagem pauloafonsina nos convidam ao encontro com diferentes lugares, cada um com suas particularidades e significações em diferentes aspectos espaciais e temporais que representam à história da cidade. Além disso, as produções literárias sobre Paulo Afonso, retratam histórias que consolidaram à historiografia local através de determinados conteúdos, como as rugosidades e imagens locais, atrelado em elementos do empírico. Conforme já apresenta Lima (2007, p.5):

> Muito tem sido pesquisado, estudado, discutido e analisado sobre os primórdios da história pauloafonsina, sendo o resultado amplamente registrado em fotografias e filmagens e ainda em várias publicações, panfletos, folhetos, livros, revistas, jornais, teses e ensaios, principalmente quando os dados versam sobre o poderio elétrico das usinas da CHESF que com suas turbinas, geram energia para o Nordeste e parte do Sudeste.

Figura 23: Caixa d'Água Relógio.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

O artefato representa a cultura imaterial na paisagem, através do som que é emitido, nessa abordagem, tudo o que perpetua e representa a vivência do homem na sociedade é cultura, seja por meio das diferentes formas e funções, significados, objetos e imaginários na qual a paisagem e o lugar nos convidam a interpretar. O som, ouvido ainda nos dias de hoje em horário específico, representa a entrada e a saída dos trabalhadores no canteiro de obras do Complexo Hidroelétrico durante décadas atrás, atribuindo ao mesmo seu valor enquanto cultura.

Figura 24: Monumento aos Trabalhadores.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

O monumento representa o trabalhador sertanejo, o “cassaco”, homens que vieram de diferentes regiões em busca de melhores condições de vida no empreendimento que se instalava, e que dedicaram a construir com outros agentes à história de Paulo Afonso e da Chesf. A praça em que está localizada recebe o nome simbólico de Praça do Trabalhador, o monumento foi inaugurado em 1º de maio de 1960, trazendo mais significados ao lugar.

Comumente, os monumentos e outros marcos inseridos na paisagem, considerados expressivos e de grande relevância, sintetizam o contexto histórico de um local e de um povo por meio da interpretação do observador em seu imaginário, como o Monumento Obelisco e o Monumento o Touro e a Sucuri, simbolizados pela força do homem e da natureza. No entanto, outros lugares se passam por despercebidos na leitura e interpretação das paisagens, onde, seus contextos, podem representar outras formas de como entender à historiografia urbana e cultural construída, como os importantes agentes pioneiros na construção da história pauloafonsina.

Figura 25: Monumento Obelisco, à esquerda; e Monumento o Touro e a Sucuri, à direita.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

Antônio José Alves de Souza, primeiro presidente da Chesf, ficou encarregado de estruturar uma empresa e com ela consolidar Paulo Afonso como berço da Chesf e da "Redenção do Nordeste". Representado como pioneiro e de gerar o progresso em pleno Sertão nordestino, seu busto encontra-se localizado no Parque Belvedere, no Acampamento Chesf.

Figura 26: Monumento 1º Decênio da Chesf.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

Na paisagem urbana pauloafonsina, outros espaços públicos atualmente são lugares que merecem destaque como a Praça das Mangueiras (centro da cidade) e o Parque Belvedere (Acampamento Chesf). Como projetos urbanísticos e áreas de lazer, além de serem atrativos e considerados pontos turísticos, atribuindo um valor estético para a cidade, carregam contextos histórico-geográficos e são lugares estratégicos e fundamentais para compreensão da história que fundou Paulo Afonso e perpetuaram na consolidação da cidade hoje conhecida.

Figura 27: Praça das Mangueiras e Parque Belvedere.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

A Praça das Mangueiras, localizada no centro da cidade de Paulo Afonso, já foi local da Guarita Principal de acesso ao acampamento e para o canteiro de obras da Chesf, atribuindo assim, um valor simbólico, como também, hoje é ponto de acesso que interliga as principais avenidas da cidade, Av. Apolônio Sales e Av. Getúlio Vargas, e áreas da Chesf. O Parque Belvedere, outro local turístico, encontra-se inserido dentro do Acampamento da Chesf, próximo aos lagos artificias que se formaram na cidade e do Complexo Hidroelétrico.

Figura 28: Entrada do Complexo Hidroelétrico da Chesf.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

O Complexo Hidroelétrico, de acesso restrito, próximo ao Parque Belvedere, abriga as usinas PA I, PA II, PA III e Usina Piloto, distante dali, encontra-se outras duas usinas que pertencem ao Complexo de Paulo Afonso: Usina Apolônio Sales (Moxotó), nas proximidades do distrito de Barragem Leste, distrito da cidade de Delmiro Gouveia-AL; e Usina PA IV, próxima da simbólica Ponte Dom Pedro II, popularmente conhecida como Ponte Metálica, encravada nos cânions do Rio São Francisco, na divisa dos estados da Bahia e de Alagoas.

Outra imagem local que merece destaque como símbolo da consolidação da Companhia no setor elétrico brasileiro são as torres de linhas de transmissão, através das quais é transportada a energia elétrica produzida, representam um importante símbolo presente na história da Companhia e inserida na cidade. A torre simbólica, inserida próxima ao Memorial Chesf (figura 29), caracteriza, um elemento funcional que percorrendo quilômetros de distância, leva a energia produzida tão necessária a outras populações e regiões longínquas.

Embora atualmente esse tipo de geração de energia esteja cada vez mais substituída por outros meios de produção mais limpa e de baixo custo, como exemplo a energia eólica e solar, essas instalações conferem características de uma rugosidade no espaço presente na paisagem atual e que fez parte na construção da história pauloafonsina. Na figura a seguir, uma torre de transmissão simbólica, instalada próximo ao Memorial da Chesf em Paulo Afonso.

Figura 29: Torre de transmissão, próxima ao Memorial Chesf.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

O Paredão da PA IV, popularmente conhecido e citado anteriormente, compreende um artefato histórico na consolidação de parte da paisagem da cidade. Suporte das barragens e do represamento que na cidade se formou, é formado por um amontoado de pedras que reforçam a segurança das barragens, regularmente fiscalizadas, constituindo e formando a Ilha de Paulo Afonso, separada dos demais bairros que fazem parte do território pauloafonsino.

Figura 30: Paredão da Usina Paulo Afonso IV.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

A Igreja de São Francisco de Assis[14], foi a primeira construção religiosa da cidade, construída pelos operários no Acampamento da Chesf em 1949, atendendo a população católica de trabalhadores que passaram a morar no distrito de Paulo Afonso em razão da construção das usinas. Sua estrutura é composta de pedras da própria região, retirada das obras de construção da primeira usina e de sua barragem, estando localizada numa pequena colina.

Figura 31: Igreja de São Francisco de Assis.

Fonte: Registro fotográfico do autor, 2022.

Inaugurada em 17 de fevereiro de 1950, localizada no Acampamento da Chesf e fazendo parte da cultura e história do município, é um dos pontos turísticos da cidade de Paulo Afonso. Conhecida também como "Igrejinha de Pedra", foi tombada em 4 de outubro de 2015, considerada patrimônio histórico, cultural e arquitetônico de Paulo Afonso, obrigando que seja mantida suas características originais, preservando a história cultural e religiosa da cidade. São Francisco de Assis, é padroeiro da cidade, conforme as tradições da Igreja Católica.

Entendemos que, as rugosidades, juntamente com as imagens locais, são características únicas e singulares que representam à história de um lugar e de um povo. Na Geografia, os recortes espaciais e temporais, respondem, cronologicamente, a um contexto, atrelado aquilo que representa uma sociedade, o espaço e o tempo, por meio dos atores sociais, que em conjunto, deixam suas marcas como registros em um elo existente entre o passado e o presente.

[14] Para mais informações, consultar a página da Diocese de Paulo Afonso: https://diocesedepauloafonso.com.br/2022/02/17/72-anos-da-igreja-sao-francisco-de-assis-em-paulo-afonso/

4.2 Os lugares percebidos enquanto imagens-síntese da cidade

A cidade baiana de Paulo Afonso, possui imagens representativas bem visíveis ao homem consolidada em sua paisagem urbana, moldada pela cultura como um elemento fundamental no tempo-espaço, construída e desenvolvida a partir das relações sociais que se realizam de forma concreta nesse processo. Assim, não há como pensar em cultura, sem pensar em elementos significativos e simbólicos dos lugares encontrados na cidade de Paulo Afonso em um sentido profundo.

Neste último subcapítulo, observaremos as imagens consideradas síntese da cidade como identidades culturais interpretadas como lugares de memória, através da coleta de narrativas e subjetividades individuais de personalidades da cidade a partir de suas vivências e experiências, onde cada participante pôde interpretar da sua maneira pessoal e sentimental, com a sua opinião formada acerca do assunto determinado pela pesquisa.

De acordo com Paiva (2008, p.261), as narrativas são compreendidas por diversos significados e atributos que lhe conferem um sentido singular e específico na experiência dos envolvidos, onde o investigador trabalhará acima de afirmações e percepções:

> Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc. (...)

Os entrevistados compõem dois grupos, os que fizeram parte da história pauloafonsina e os que atualmente trabalham com os aspectos históricos e geográficos, sejam através do turismo, da cultura e do ensino, esses, diferentes atores sociais da esfera local que em suas afirmações corroboraram com o contexto cultural da cidade em ser reconhecida como a Terra da Energia, entre eles, diretores, responsáveis por instituições culturais da cidade, guias e agentes de turismo, professores em exercício e aposentados, escritores, palestrantes e chesfianos. O questionário foi aplicado durante os meses de outubro e novembro de 2022, abaixo, algumas narrativas coletadas baseadas nas perguntas.

Iniciaremos as narrativas com a primeira pergunta referente ao sentido simbólico da Cachoeira de Paulo Afonso, hoje, modificada pelos planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso. Para alguns, o progresso para a geração de energia elétrica e o desenvolvimento foi fundamental à cidade, o que acarretou a diminuição da força da cachoeira:

> *Infelizmente o progresso que é tão necessário para o nosso desenvolvimento condicionou a cachoeira para as épocas de chuvas no rio São Francisco e temos uma cachoeira sem funcionar em seu leito principal e natural* (relato do entrevistado B).

> *A imagem de Paulo Afonso, com o advento do complexo hidroelétrico, foi e ainda é atrelada à abundância de água e, consequentemente, à geração de energia. As cachoeiras, embora forjadas num projeto planejado, artificial, representa simbolicamente a força, a beleza e o desbravamento dessa região, tendo em vista todas as agruras advindas dessa aventura empreendedora. No entanto, na lógica do desenvolvimento, hoje não se vê iniciativas que pensem de maneira ordenada e múltipla as possibilidades do município. O símbolo se enfraqueceu diante da realidade de limitação vigente* (relato do entrevistado K).

A segunda pergunta é referente a paisagem de Paulo Afonso como exemplo da interação do homem e seu meio, foi perguntado acerca das principais transformações que a Companhia registrou na paisagem pauloafonsina. Segundo algumas narrativas, a interferência humana alterou e transformou os principais aspectos naturais da cidade:

> *Com certeza. A Cachoeira que se reduziu a uma pequena queda d´água, lagos artificiais nas áreas do acampamento Chesf, o Canal da PA IV, um paredão de pedra que corta a cidade ladeando este canal, um polêmico muro de pedra, depois da cerca, dividindo a cidade em Chesf com inúmeros privilégios e Poty com inúmeras necessidades sociais etc.* (relato do entrevistado F).

> *Foram muitas e gigantescas as transformações. A preocupação da Chesf na década de 1950 foi desviar o rio, construir o paredão do reservatório com 1.500 metros de extensão para represar as águas e mover as turbinas das três primeiras usinas e, consequentemente, isolar a cachoeira. Em seguida, na década de 70, construiu outro reservatório, acima do primeiro, onde foi implantada a usina Apolônio Sales. Na mesma década, foi escavado um canal de desvio no entorno da cidade para acumular água para a Usina Paulo Afonso IV, transformando a cidade numa ilha* (relato do entrevistado I).

A terceira pergunta foi destinada a saber o que os entrevistados entendiam como paisagem cultural no contexto da cidade de Paulo Afonso. Conforme o entendimento de alguns participantes envolvidos, a paisagem cultural estaria associada às usinas e a cachoeira:

> *A construção das usinas implantou uma paisagem cultural atípica da região, como barragens, reservatórios, túneis, vertedouros, etc. Tudo isso foi associada a paisagem natural existente* (relato do entrevistado A).

> *Paisagem cultural é tudo que se apresenta como modificação planejada. São as intervenções antinaturais que convivem com o natural (sem a interferência direta humana). Enfim, o que se tornou a cidade mediante todas as interferências planejadas por um grupo autorizado a intervir inicialmente e pelas consequentes modificações seguintes geradas pela sociedade que aqui se instalou* (relato do entrevistado K).

Foi questionado acerca da representatividade e da importância de Delmiro Gouveia e a primeira usina hidrelétrica do Nordeste (Usina Angiquinho), a respeito de seu pioneirismo em aproveitar as águas da Cachoeira de Paulo Afonso. Conforme alguns entrevistados relataram:

> *Delmiro Gouveia foi muito mais que um visionário, por enxergar num sertão castigado pela seca e pelo atraso econômico e eivado de injustiças sociais, a possibilidade de gerar emprego e produzir energia elétrica para a sua fábrica de produção têxtil, isso, com a construção da Usina de Angiquinho. Destarte, gerou-se um embrião para que o Governo Federal enxergasse na Cachoeira de Paulo Afonso a possibilidade de gerar energia para todo o Nordeste. A partir daí, nasce também a*

> *possibilidade de Emancipação Política do Município de Paulo Afonso e a sua marcha de cidade que se desenvolve pela geração de energia elétrica* (relato do entrevistado F).

> *Delmiro Gouveia foi o visionário que, contrariando o que se pensava na época, enxergou muito além da vocação primária da região. Acreditou que ela tinha potencial para ser um verdadeiro oásis dentro da lógica seca do nosso sertão. A primeira usina levada a cabo, a Angiquinho, provou para os céticos a viabilidade de não apenas gerar energia, mas disseminá-las para outras regiões* (relato do entrevistado K).

Relacionado a emancipação política da cidade, em 1958, e as segregações espaciais envolvendo o Acampamento Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty, foi perguntado como esse contexto se reflete atualmente na cidade de Paulo Afonso. De acordo com algumas narrativas:

> *Podemos citar um exemplo bem simples que foi o "Muro da Vergonha", que tinha como objetivo resguardar o Complexo e que separava os engenheiros e os peões de obra. O lado de dentro podemos observar casas de alto padrão, ruas arborizadas e largas. Já no lado de fora, casas simples, ruas sem planejamento. Mesmo hoje a cidade sendo uma só, ainda há essa separação simbólica* (relato do entrevistado C).

> *A Chesf nunca aceitou que os "cassacos", como ela chamava os peões que prestavam serviços nas escavações dos tuneis das usinas de Paulo Afonso, construíssem favelas, barracos e palhoças no lado de fora do seu evoluído acampamento. Mesmo assim, contrariando os chefões da empresa, surgiu a Vila Poty com um emaranhado de barracos, palhoças e casebres cobertos com sacos vazios de cimento Poty. Veio a Emancipação de Paulo Afonso em 28 de julho de 1958 e, com ela, a primeira gestão e a cidade foi deixando de ser periferia e se tornando organizada e acolhedora* (relato do entrevistado I).

Dando continuidade, foi perguntado na concepção dos participantes, como seria Paulo Afonso na atualidade sem a instalação da Chesf em seu território, e como poderíamos imaginá-la antes e depois da criação e implantação da Companhia na cidade:

> *Seria nada, a não ser um caminho de passagem entre as cidades de Santo Antônio de Glória e Jeremoabo. 1 – Antes da companhia, só tinha o rio, alguns currais e era o ponto de passagem entre as duas cidades. 2 – Depois da construção da Usina de Paulo Afonso I, houveram mudanças em todos os aspectos, transformando a realidade do Sertão Nordestino, gerando emprego, trabalho, renda e mudando de vez a paisagem, trazendo transformações econômicas, sociais, culturais, gerando energia e trazendo o progresso. A construção da usina de Paulo Afonso era a única grande obra existente no país em 1948* (relato do entrevistado E).

> *Antes, um distrito do Município de Santo Antônio da Glória, sem emprego, atrasado, sem escolas, sem hospitais e de um povo que sobrevivia da agricultura de sequeiros. Após a Chesf, tudo mudou, surgiram empregos, a cidade passou a ter uma visibilidade nacional e hoje está entre as principais da Bahia, sem a Chesf, a realidade seria outra* (relato do entrevistado F).

Em seguida, foi questionado se um dos motivos do desenvolvimento econômico e populacional da cidade de Paulo Afonso, em uma escala local e regional, estaria relacionado ao desempenho da Chesf. Alguns destacaram, além da geração de energia elétrica, as oportunidades de emprego, os *royalties* inseridos na economia e o impulso no turismo local:

> *Sim, Paulo Afonso cresceu em razão da Chesf, emancipou-se, e tornou-se uma cidade desenvolvida com as oportunidades de emprego e posteriormente com os royalties dessa empresa que ajudaram no progresso e tornaram Paulo Afonso a Redenção do Nordeste e também uma cidade turística* (relato do entrevistado F).

> *A implantação da Chesf gerou desenvolvimento econômico, social e populacional. Ocorreram períodos em que haviam mais de 20 mil trabalhadores na Chesf e nas empresas prestadoras de serviços como Mendes Junior, Cetenco, Sacol, Cpal, Etizel, Servix e outras. Essa explosão de obras e serviços fez a cidade crescer 30 anos em cinco. A circulação de moeda era gigante e aquecia as vendas no comércio e nas feiras. Além disso ainda existia a PL que era a "Participação dos Lucros" que a Chesf pagava aos seus mais de 10 mil funcionários a cada ano. Nesse sentido, nos meses de férias, Décimo Terceiro, PL e Contas de funcionários de empreiteiras, "a cidade nadava dinheiro", o povo construía novas casas, novas lojas e o poder público começava a buscar recursos e obras para o município* (relato do entrevistado I).

Como enfoque deste trabalho, foi perguntado a respeito da importância das rugosidades e das imagens locais, a exemplo dos monumentos e marcos presentes na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia. Segundo algumas narrativas, essas imagens contam e memorizam histórias na paisagem:

> *Os monumentos de uma cidade é um dos meios que o povo tem para contar e perpetuar sua história, são os instrumentos que vão contar para as gerações vindouras, o que aconteceu de tão relevante naquele espaço geográfico, que devem ficarem registrados para sempre na história, contado os fatos em todos os seus aspectos econômicos, sociais, geográficos, humanos, meio ambiente, cultural, trabalho, lazer, bem-estar e de turismo daquele povo que constitui aquela sociedade e naquele período* (relato do entrevistado E).

> *Os monumentos têm a função importante de contar uma história do ontem e do hoje, pra quem já conhece a história traz lembranças e reforça a importância de ser pauloafonsino e quem não conhece os fatos, passa a conhece-los.* (relato da entrevistada J).

Na última pergunta, foi perguntado aos entrevistados, quais os lugares simbólicos que para eles sintetizam o contexto histórico da cidade de Paulo Afonso, seguido de suas justificativas pela escolha desses lugares na compreensão e na realidade pauloafonsina. Para alguns dos participantes:

> *A Usina Angiquinho que funcionou até 1913, como obra precursora na história das usinas de Paulo Afonso; a igreja de São Francisco, erguida por pioneiros da Chesf para homenagear o santo que deu nome ao rio e fortalecer a fé dos sertanejos; a igreja de Fátima, padroeira de Paulo Afonso e mãe dos seus devotos filhos; a Ponte Metálica que atravessa o cânion do rio entre os estados de Alagoas e Bahia, unindo todo o Brasil a Paulo Afonso e o complexo Paulo Afonso 1, 2 e 3 que deu início às grandes construções de hidrelétricas do nosso município* (relato do entrevistado I).

> *O conjunto das usinas costuma representar com mais ênfase e força a realidade histórica do município, em razão da geração e distribuição de energia. Mas há a Praça dos Trabalhadores, que homenageia os pioneiros, o Touro e a Sucuri, que aponta a força do desbravamento, o Parque das Mangueiras, ponto onde os protestos políticos e de reivindicação por direitos trabalhistas eram comuns, etc* (relato do entrevistado K).

As narrativas coletadas, além de corroborarem na afirmação da cidade em seu reconhecimento como a Terra da Energia, conferem também, um olhar centrado ao turismo local, desempenhando um importante fator no desenvolvimento turístico, sendo, Paulo Afonso, destino turístico na Bahia e na região do Vale do São Francisco, juntamente com as cidades circunvizinhas. Adentrando a esta realidade, podemos relacionar a ligação entre turismo e cultura, trabalhado entre a Secretaria de Turismo, Indústria e Comércio – SETIC e a Secretaria de Cultura e Esportes - SECULTE da cidade, associando turismo e cultura local.

O Turismo e a Geografia possuem relações indissociáveis, logo, o espaço geográfico é moldado frente aos interesses da ação humana para a implantação e desenvolvimento de um espaço turístico. Para análise da influência do turismo local, os aspectos turísticos exercem um importante vetor no desenvolvimento econômico e no reconhecimento da cidade, as belezas naturais da simbólica Cachoeira de Paulo Afonso nos períodos de cheias e os cânions do Rio São Francisco, são os principais cartões postais da cidade, juntamente com o Complexo Hidroelétrico da Chesf.

Figura 32: *Folders* turísticos como valorização do turismo da cidade.

Fonte: Acervo SETIC. Registro fotográfico do autor, 2022.

A Terra da Energia é representada, também, por outros destinos turísticos que merecem destaque como o turismo de aventura de inúmeras trilhas, da Estação Ecológica Raso da Catarina e da Serra do Umbuzeiro; o turismo cultural, como a Rota do Cangaço, Museu Casa da Maria Bonita e o Complexo de Sítios Arqueológicos; o turismo religioso como a Igreja de São Francisco de Assis, e outras paisagens e lugares como lagos artificias, parques e balneários, impulsionados por projetos de valorização turística que aquecem a economia local e que atribuem diversos sentidos turísticos para a cidade de Paulo Afonso.

A partir das considerações do capítulo, podemos ponderar a importância que o processo histórico-geográfico representa e resgata os primórdios que antecederam à cidade de Paulo Afonso, frente as novas realidades consolidadas na cidade. Tais reflexões são fruto de contribuições de homens que acreditaram no potencial hidrelétrico da cachoeira, em meio as dificuldades da época, tornando Paulo Afonso e a Companhia a ser reconhecida pela produção de energia elétrica.

Entretanto, a mesma já representava nas primeiras expedições no Rio São Francisco, progresso e desenvolvimento econômico ao Povoado Forquilha, atualmente Paulo Afonso, capaz de registrar grandes transformações naturais e sociais, reafirmadas por atores sociais do passado e do presente, onde o homem e a natureza se unem, gerando progresso em pleno Sertão nordestino. Consolidada como a Terra da Energia, Paulo Afonso não está estabelecida apenas pelo Complexo Hidroelétrico da Chesf, mas também direcionada a outros destinos turísticos implantado por ações de diferentes agentes e gestores municipais da cidade.

Cabe ressaltar, que turismo e cultura dialogam diretamente na ocupação do espaço (enquanto categoria de análise geográfica), suas relações sociais desempenham importantes contribuições por meio dos marcos significativos na organização do espaço pauloafonsino, ocorridos enquanto formas materializadas dos eventos históricos da ação humana. Além disso, paisagens e lugares, como meios de comunicação e de representação, são singularidades como resultado da apropriação da técnica do homem ao longo das relações passadas, devendo ser apreciadas atenciosamente através do pertencimento e da valorização pelos habitantes e pelos turistas, alinhados na cultura local.

Este último subcapítulo, buscou acrescentar a relevância que o turismo exerce atualmente em Paulo Afonso, interpretado pela existência de um conjunto de circunstâncias históricas e geográficas, composto pelas suas belezas naturais e pela interferência do homem na realidade da cidade. Assim, através dos lugares-síntese e da afirmação e percepção de narrativas, podemos contextualizar considerações a respeito da realidade urbana e cultural, da história e do povo pauloafonsino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou compreender o contexto das representações imagéticas inseridas na paisagem urbana e nos lugares de Paulo Afonso, em particular, partindo de um viés histórico na análise geográfica das rugosidades e das imagens locais, consideradas singulares na paisagem cultural, que conferem e sintetizam a cidade a ser reconhecida como a Terra da Energia, pelo protagonismo exercido pela Chesf no território que hoje está situado a cidade de Paulo Afonso.

Em síntese, o capítulo 2, *Fundamentos Teórico-Conceituais*, iniciou apresentando o sentido teórico do trabalho, pautado nas categorias de análise geográfica, paisagem e lugar, subsidiando, logo após, o capítulo 3 e o recorte espacial pesquisado e o título que lhe confere a ser reconhecida, *Paulo Afonso-BA: A Consolidação da Terra da Energia*, constituindo à historiografia de Paulo Afonso e da Chesf como transformadora de sua paisagem e de sua história, seguida da leitura e interpretação de seus lugares históricos e geográficos no passado. A partir do capítulo 4, intitulado *Afirmação e Percepção dos Lugares Histórico-Geográficos de Paulo Afonso-BA*, atrelado ao contexto atual da cidade, podemos compreender os lugares considerados sínteses de sua história, trabalhados através da afirmação e percepção de diferentes agentes sociais da cidade de Paulo Afonso.

A pesquisa exploratória e o levantamento bibliográfico foram fundamentais ao longo da produção em busca dos pressupostos teórico-conceituais e do conhecimento histórico da cidade de Paulo Afonso e da Companhia, além da pesquisa de campo de imagens atuais e históricas em instituições culturais locais e da coleta de narrativas de personalidades que trabalharam e trabalham com o contexto histórico na afirmação e percepção da cidade de Paulo Afonso consolidada como a Terra da Energia.

Com isso, concluímos que é impossível trabalhar o contexto histórico da cidade de Paulo Afonso e não citar à Chesf, como principal transformadora nas diferentes ordens naturais, políticas, econômicas e socioculturais da cidade, e as relações indissociáveis que perpetuaram entre o homem e a natureza, sintetizadas pelas rugosidades e imagens materializadas na paisagem.

Com os pressupostos fundamentais do capítulo 2, podemos afirmar as contribuições que cercam a intrínseca relação entre o homem e o seu meio, através dos aspectos historiográficos que circundam a paisagem urbana e cultural, em especial pelas formas simbólicas, carregadas de sentidos e significados no espaço das cidades que desempenham um importante valor na compreensão da história.

Assim, como o capítulo 3, com o objeto de estudo entre o desenvolvimento histórico entre a cidade de Paulo Afonso e a Companhia, que deixaram marcos singulares e representativos, símbolo da presença do homem do passado, hoje, objeto de compreensão do homem do presente.

O propósito do capítulo 4, confere a consolidada cidade de Paulo Afonso, atualmente, fundamentada nas rugosidades e imagens locais, consideradas pontos de apoio para compreensão das singularidades da paisagem pauloafonsina, associadas à cultura material local e atrelada ao sentido turístico, alcançando um forte vetor no desenvolvimento do turismo, reiterado pelos participantes do questionário aplicado.

O trabalho buscou contribuir na valorização histórica e cultural da cidade de Paulo Afonso, acrescentada como mais uma produção direcionada à história que versa acerca da realidade pauloafonsina, como uma produção bibliográfica e acadêmica, porém, direcionada aos sentidos simbólicos atribuídos pela Geografia Cultural, discutida no ambiente acadêmico, contribuindo na produção do conhecimento acerca da cidade.

Assim, o trabalho contribuiu também, auxiliando na capacidade e no espírito de pesquisa e de investigação do autor, conferindo o percurso metodológico e o método trabalhado e os resultados que puderam ser alcançados em estudo no campo da pesquisa acadêmica no âmbito da ciência geográfica.

O trabalho oportunizou a iniciação à pesquisa por parte do autor no âmbito do conhecimento geográfico e suas fundamentações teóricas e metodológicas, embasadas no campo de estudo pesquisado e suas contribuições à história local, contribuindo na produção do conhecimento dentro do universo acadêmico, assim, fortalecendo os estudos referente às ciências humanas e seus contextos culturais advindo das relações entre o homem e o seu meio na dimensão tempo-espaço.

Apesar de o percurso metodológico do trabalho não ser direcionado ao ensino de Geografia, o mesmo pôde alcançar dimensões importantes ao longo da formação acadêmica do autor, como futuro professor da educação básica, consolidando na pesquisa, a iniciação cientifica e à docência em Geografia. No âmbito escolar local, foi desenvolvido parte do contexto da pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso, como fruto de um artigo acadêmico destinado ao ensino de Geografia, intitulado *Ensino de Geografia e Leituras de Paisagens: A Noção de Rugosidades junto à cidade de Paulo Afonso-BA*, alcançando resultados satisfatórios no reconhecimento e pertencimento da valorização cultural da cidade no sentido educacional, destacando considerações e reflexões sobre paisagens culturais, fruto da iniciação à docência e da prática pedagógica.

REFERÊNCIAS

BRAGA, R. M. **O Espaço Geográfico: Um Esforço de Definição.** GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 22, pp. 65 – 72, 2007.

CAETANO, J. N.; BEZZI. M. L. **Reflexões na Geografia Cultural: A Materialidade e a Imaterialidade da Cultura.** Soc. & Nat.; Uberlândia, 2011.

CALLAI, Helena Copetti. **Ensino de geografia, práticas e textualizações no cotidiano.** In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). 2ª. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. **CHESF 70 Anos de História.** Rio de Janeiro, 2018.

CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. **Paulo Afonso I: Imagens de uma epopéia**. Rio de Janeiro, 2008.

CHESF – COMPANHIA HIDRO ELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO. **Complexo Paulo Afonso**. Disponível em: https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/ComplexoPauloAfonso.aspx. Acesso em: 11 de março de 2022.

CORRÊA, R. L. **Denis Cosgrove – A Paisagem e as Imagens.** Espaço e Cultura (UERJ), Rio de Janeiro, n.29, p.7-21, Jan./Jun. de 2011.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e Temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. v. 1. 353p.

CORRÊA, R. L. A Geografia Cultural e o Urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à Geografia Cultural.** – 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011, 224p.

CORRÊA, R. L. **Uma sistematização da análise de monumentos na Geografia.** Terr@ Plural, Ponta Grossa, v. 1, p. 9-22, 2007.

COSTA, Otavio Jose Lemos. **Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares.** Espaço e Cultura (UERJ), Rio de Janeiro, 2003.

DIOCESE DE PAULO AFONSO. **72 anos da igreja São Francisco de Assis em Paulo Afonso.** Disponível em: https://diocesedepauloafonso.com.br/2022/02/17/72-anos-da-igreja-sao-francisco-de-assis-em-paulo-afonso/. Acesso em: 19 de setembro de 2022.

PORTAL DOMÍNIO PÚBLICO. **A Cachoeira de Paulo Afonso – Castro Alves.** Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000015.pdf. Acesso em: 2 de março de 2022.

FERREIRA, C. C.; SIMÕES, N. N. **A Evolução do Pensamento Geográfico.** Portugal: Gradiva, 1986.

FERREIRA, José Ivaldo B. **O direito que emerge da água: as barragens de Paulo Afonso e a invenção dos *royalties*.** Dissertação de Mestrado. UNEB, Paulo Afonso – Bahia, 2012.

FORTUNA, C. J. C. G. **As Cidades e as Identidades: Narrativas, Patrimônio e Memória**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 33, p. 127-141, 1997.

FORTUNA, C. J. C. G. **Destradicionalização e Imagem da Cidade: O caso Évora.** In: FORTUNA, Carlos. (Org.). Cidade, Cultura e Globalização. Ensaios de Sociologia. v. , p. 231-257. Oeiras, 1997.

GALDINO, Antônio. **Cânion do rio São Francisco. Há um rio que continua passando em nossas vidas.** Paulo Afonso, 06/04/21. Disponível em: https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/paisagens-sertanejas/536211. Acesso em: 12 de março de 2022.

GALDINO, Antônio. **D. Pedro II, um dos primeiros turistas de aventura na Cachoeira de Paulo Afonso.** Paulo Afonso, 17/02/21. Disponível em: https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/turismo/523316. Acesso em: 06 de março de 2022.

GALDINO, Antônio. **De Forquilha a Paulo Afonso: Histórias e Memórias de Pioneiros.** Paulo Afonso/BA: Editora Fonte Viva, 2017. 456p.

GALDINO, Antônio. **Em 28 de Julho Paulo Afonso completa 61 anos de emancipação política.** Paulo Afonso, 19/07/19. Disponível em: https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/especiais/385410/1. Acesso em: 12 de março de 2022.

GALDINO, Antônio. **Há 73 anos, em 15 de março de 1948, nascia a Chesf para a redenção do Nordeste.** Paulo Afonso, 15/03/21. Disponível em: https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/colunistas/530226. Acesso em: 12 de março de 2022.

GALDINO, Antônio. **Paulo Afonso, berço da Chesf, redenção do Nordeste, há 66 anos.** Paulo Afonso, 16/01/21. Disponível em: https://www.folhasertaneja.com.br/noticias/colunistas/515279. Acesso em: 12 de março de 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4.ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

HOLZER, Werther. **O Lugar na Geografia Humanista.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, n.7, p. 67-78, 1999.

IGBE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE Cidades.** Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/paulo-afonso/panorama. Acesso em: 10 de março de 2022.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** – 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA DE OLIVEIRA, Antonio Carlos. **A Cidade de Paulo Afonso, 1948-1985: As espacializações do trabalho, do controle e das lutas.** Dissertação de Mestrado. UFBA, Salvador, 2017.

LIMA, João de Sousa. **Paulo Afonso e a Vila Poty: A história não contada.** Paulo Afonso: Fonte Viva, 2017.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** Arte e Comunicação. Tradução de Maria Cristina Tavares Afonso. Edições 70, Lisboa, 2005.

MACHADO, M. S.; MACHADO, T. A. **Considerações sobre as Categorias Analíticas do Espaço Geográfico em Milton Santos**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018.

MALTA, Sérgio. **Produção do Espaço Urbano-Regional na Área das Hidrelétricas do Submédio São Francisco.** Tese de Doutorado. UFPE, Recife, 2008.

MALTA, Sérgio; MUCCINI, S. **Período Pioneiro da Hidrelétrica de Paulo Afonso-BA: uma contribuição à historiografia de base local e regional.** Rios Eletrônica (FASETE), v. 1, p. 77-87, 2007.

MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução.** 7. ed. – 3. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

MORAIS, M. L. **A Relação entre o Espaço Urbano, Simbolismo e Monumentos: O Caso da "Praça Brasil", em Volta Redonda/RJ.** Revista Continentes (UFRRJ), V. 5, P. 162-175, 2016.

NAME, Leo. **O Conceito de Paisagem na Geografia e sua Relação com o Conceito de Cultura**. GeoTextos, vol. 6, n.2, dez. Salvador, 2010.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Modernização e Educação Escolar no Nordeste Brasileiro: as escolas da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – Chesf (1949-2000).** Tese de Doutorado. UFPE, Recife, 2019.

ORTIGOZA, S. A. G. **Paisagem: Síntese das Heranças da Relação da Sociedade com o Espaço.** Unesp/Rio Claro, 2012.

PADILHA, M. N. **Geografia do Turismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2018. v. 1. 292p.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **A pesquisa narrativa: uma introdução.** Revista Brasileira de Linguística Aplicada [online]. 2008, v. 8, n. 2, pp. 261-266.

PMPA – PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULO AFONSO. **História da Cidade.** Disponível em: http://www.pauloafonso.ba.gov.br/novo/?p=noticias&i=4004. Acesso em: 05 de março de 2022.

PMPA – PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULO AFONSO. **Antiga sirene da Chesf passa por revisão e volta funcionar.** Disponível em:

http://www.pauloafonso.ba.gov.br/novo/?p=noticias&i=7632#. Acesso em: 13 de abril de 2022.

REIS, Roberto Ricardo do Amaral. **Paulo Afonso e o Sertão Baiano: Sua Geografia e seu Povo.** – 1ª ed. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2004.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. Ed. 2. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado - Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia.** Hucitec. São Paulo, 1988.

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias do Conceito de Paisagem na Geografia**. Editora UFPR: Curitiba, 2003.

SILVA, K. C.; VIEIRA, R. de S. **Sertão, Cultura e Rurbanização em Delmiro Gouveia, Alagoas.** Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido, v. 1, p. 39-60, 2014.

SILVA, Kleber Costa da. **Introdução à Noção de Descrição no Ensino de Geografia.** Recife: Agbook; Clube de Autores, 2021.

SILVA, M. A. S. **Geografia Cultural: caminhos e perspectivas**. 1. ed. Curitiba: InterSaberes, 2019.

SOUZA, André Luis Oliveira Pereira de. **Paulo Afonso: um muro, duas cidades**. UFS, São Cristóvão, 2003.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico.** – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar – A Perspectiva da Experiência.** Tradução de Lívia de Oliveira. – São Paulo: DIFEL Difusão Editorial S. A., 1983.

VIEIRA, Rogéria de Souza. **O Sertão Rurbanizado de Delmiro Gouveia-AL: Um Olhar para a Paisagem como Fundamento ao Ensino de Geografia.** Delmiro Gouveia, 2014.

VIEIRA, Rogéria de Souza. **Património Cultural como Recurso Turístico: Estudo de Caso em Delmiro Gouveia – Alagoas (Brasil).** Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra UC, Coimbra, 2016.

APÊNDICE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome:_____
Ocupação: _____
Naturalidade: _____

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

_____
_____
_____
_____

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?

_____
_____
_____
_____

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

_____
_____
_____
_____

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

_____
_____
_____
_____

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

_____
_____
_____
_____

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

_____
_____
_____
_____

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

_____
_____
_____
_____

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

_____
_____
_____
_____

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

_____
_____
_____
_____

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

_____

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: JOSÉ REGINALDO DOS SANTOS
Ocupação: PROFISSIONAL OPERACIONAL
Naturalidade: DELMIRO GOUVEIA-AL

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?
R. Representa como um atrativo turística da cidade

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?
R Sim. Porque a CHESF transformou boa parte da paisagem natural, modificando-a com uma outro tipo de vegetação e implementando o paisagismo no local

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?
R- A construção das usinas implantou uma paisagem cultural atípica da região, como barragem, reservatórios, turnéis, vertedouros, etc. Tudo isso foi associada a paisagem natural existente.

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?
R- Delmiro Gouveia representou a alavancagem industrial do nordeste com a construção da usina hidrelétrica da Angiquinho e a sua fábrica de linhas na vila de Pedra, hoje Delmiro Gouveia, contribuindo com a construção da futura CHESF.

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

R. Ainda hoje, depois de varios anos da derrubada do muro que separava a Vila operaria da cidade, ainda existe pessoas que dividem paulo Afonso como os bairros chesf e Vila Poty.

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

R. Provavelmente a cidade de paulo Afonso não existiria, pois a mesma surgiu devido a instalação da chesf na região

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

Sim, porque a CHESF criou milhares de postos de trabalho na região, daí surgiu o comercio local da cidade, alem de ser uma empresa de alma social desde a sua constituição, contribuindo assim como vetor do desenvolvimento da cidade.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

Representa a audacia da engenharia e dos cassacos que construiram a CHESF. Podemos citar alguns monumentos como o Touro e a Sucuri, monumento dos trabalhadores com o martelete, o obelisco, etc.

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

R - O touro e Sucuri que representa o homem dominando o rio, o touro representa o rio, a força da natureza e a sucuri, representa a tecnologia que vencem o rio, (ou a força da natureza)

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

José Reginaldo dos Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: JOÃO DE SOUSA LIMA
Ocupação: PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
Naturalidade: SÃO JOSÉ DO EGITO / PE

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?
INFELIZMENTE O PROGRESSO QUE É TÃO NECESSÁRIO PARA O NOSSO DESENVOLVIMENTO CONDICIONOU A CACHOEIRA PARA AS ÉPOCAS DE CHUVAS NO RIO SÃO FRANCISCO E TEMOS UMA CACHOEIRA SEM FUNCIONAR EM SEU LEITO PRINCIPAL E NATURAL.

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?
ALGUNS COISAS FORAM MODIFICADAS, CASO MAIS FORTE COMO EXEMPLO TEMOS A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO.

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?
A PAISAGEM CULTURAL É A INTERAÇÃO DO AMBIENTE E OS COSTUMES HUMANOS, ONDE SE PRESERVAM AS GEOGRAFIAS E AS TRADIÇÕES FOLCLÓRICAS DE UM POVO, DE UMA COMUNIDADE

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?
A ELE DEVEMOS O INÍCIO DO PROGRESSO DO NORDESTE ENQUANTO PIONEIRO NA GERAÇÃO DE ENERGIA ELÉTRICA.

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

O EXEMPLO MAIOR QUE O "MURO DA VERGONHA" PERMANECEU POR MUITOS ANOS AINDA DEPOIS DA EMANCIPAÇÃO, LIMITANDO O ACESSO AS COISAS PRIMORDIAIS AOS MORADORES DA VILA POTY. NO ACAMPAMENTO FICAVA A IGREJA, BANCO, CORREIOS, FEIRA, CINEMAS, CLUBES...

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

A CHESF E A GERAÇÃO DE ENERGIA TRAZ O PROGRESSO PARA A REGIÃO... O DESENVOLVIMENTO ACONTECEU JUSTAMENTE PELA PARTICIPAÇÃO DA CHESF NA REGIÃO SE BEM QUE O QUE DELMIRO GOUVEIA DEIXOU COMO LEGADO JÁ INCENTIVAR OUTRAS INSTITUIÇÕES

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

PRINCIPALMENTE PELA GERAÇÃO DE MILHARES DE EMPREGOS.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

TODO MONUMENTO ENQUANTO CRIAÇÃO ARTISTICA É DE SUMA IMPORTANCIA PARA REVELAR NOVOS TALENTOS E TAMBEM HOMENAGEAR OS TRABALHADORES QUE TAO IMPORTANTE FORAM PARA NOSSA HISTORIA

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

O MAIS IMPORTANTE E A PRESERVAÇÃO DOS FATOS ATRAVES DA HISTORIA ORAL, QUE RESGUARDAM OS DEPOIMENTOS DOS HOMENS E MULHERES NOSSAS HISTORIAS

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

João de Sousa Lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: Richardson Souto dos Santos
Ocupação: Guia de Turismo
Naturalidade: São Paulo

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

1- Hoje a Cachoeira de Paulo Afonso, hoje serve de exemplo de que essas mudanças de paisagens afeta todo o ecossistema em volta. Ela acaba perdendo sua beleza natural de imponência que a fazia ser um atrativo turístico principal para o município, agora sendo só um complemento do passeio feito dentro do Complexo.

2- Sim com certeza. Tendo como transformação:

Vegetação Caatinga: Com a implantação de espécies nativas de outras regiões junto ao bioma caatinga:

Cânion: Retiradas de rochas, construções e desmatamento;

Lagos artificiais: Vários lagos artificiais foram feitos para ajudar no microclima da cidade;

Urbanismo: Construções sem planejamento.

3- Com a chegada da Chesf, o que era uma simples tapera se transforma em município e sofre com as alterações em sua estrutura natural. Casas, ruas, automóveis e toda a interferência na paisagem que essa modernidade trouxe.

4- O papel de Delmiro foi muito importante, pois foi graças a suas ideias precursoras na época, ele desperta nas autoridades todo potencial que a cachoeira tinha a proporcionar aos seus moradores próximos. Tanto que foi através da sua ideia que se implantou um tempo depois esse grande Complexo Hidrelétrico em Paulo Afonso.

5- Podemos citar um exemplo bem simples que foi o "Muro da Vergonha", que tinha como objetivo resguardar o Complexo e que separava os engenheiros e os peões de obra. O lado de dentro podemos observar casas de alto padrão, ruas arborizadas e largas. Já no lado de fora, casas simples, ruas sem planejamentos. Mesmo hoje a cidade sendo uma só, ainda há essa separação simbólica.

6- Eu acredito não seria uma cidade tão promissora como é hoje, mas sim uma cidade comum como os municípios vizinhos.

7- Com certeza, pois gerou empregos e renda não só para a cidade como toda região. Além de um crescimento em sua infraestrutura que hoje é apontada como uma cidade em crescimento e que se destaca na Décima região baiana.

8- Eles representam a memória e esforço feito pelos operários que deram a vida para a construção do Complexo que tornou Paulo Afonso conhecida como a Terra da Energia.

9- Monumento Touro e a Sucuri, Monumento do Trabalhador, Belvedere, Igreja de São Francisco de Assis, Memorial Chesf, Obelisco, Modelo reduzido, Casa de Hóspedes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: Joselma Rodrigues Vieira da Silva
Ocupação: Agente de Viagens (JR Turismo)
Naturalidade: P. Afonso / BA

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

Atualmente a cachoeira de Paulo Afonso é um patrimonio natural imaterial devido a pouco vazão do Rio São Francisco. Porem o seu brilho como marco historico na região ainda atrai turistas na historia contada

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?

Antes da chesf a cidade era desnivelada, existia varios lagos, riachos e lagoas que em epoca de chuvas inundavam, a construção de barragem tornou a cidade de Paulo Afonso uma ilha, e muitos terrenos foram Aplanados

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

~~A visita~~ As Usinas é a principal paisagem cultural da cidade, pois a cachoeira tambem faz parte dessa paisagem e seguido disso vem os acampamentos e estruras que foram marco na historia

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

Delmiro Gouveia teve um papel de grande relevancia na economia do Sertão e por ser o primeiro a conquistar a cachoeira de Paulo Afonso como concessão para geração de energia no estado de Alagoas deve ser mensionado nos livros do Ensino fundamental quando se trata da historia do Nordeste

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

Depois da derrubada no Muro, muitas conquistas vieram, porém ainda existe muros na vida de muitos moradores.

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

Sem a CHESF Paulo Afonso ainda seria um povoado de difícil acesso a água, talvez inóspito.

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

A Chesf foi um Marco na engenharia nacional, o povoado passou a ser cidade e a energia se tornou o ouro da região.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

A importância de deixar um legado como energia hidroelétrica, que as futuras gerações entenderão o porque do desenvolvimento e nascimento da cidade, mesmo que ele deixe de gerar energia hidroelétrica ela será inspiração para todas outras que virão no Brasil.

9- Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

Praça do Trabalhador, Igreja São Francisco, Vestígios dos muros, prédios de Pedra, barragem e praias, porque são os Marco da historia da NOVA Paulo Afonso.

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

Joelma Rodrigues Vieira da Silva

(75) 98862-1444

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: JOSE ANTONIO DE SOUZA
Ocupação; Empresário, Guia de Turismo e Agente de Viagem, Professor, Bacharel em Direito, licenciado em Geografia, Escritor, Poeta, e Palestrante.
Naturalidade: Paulo Afonso – BA.

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

R - A modificação feita na paisagem natural, é o preço que se pagou pelo o desenvolvimento, pelo o progresso e pela geração de energia elétrica. O rio foi desvaindo do seu leito natural, e foi obrigado a passar por onde o homem determinou, para que fosse gerado energia. Entretanto diferentemente de SETE QUEDA E ILHA SOLTEIRA (SP) que as cachoeiras foram submersas, a CACHOEIRA DE PAULO AFONSO, é a primeira cachoeira programável do mundo. Tendo água excedente, ela volta a ter sua beleza natural.

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem Pauloafonsina?

R – Sim! A interferência humana, alterou completamente a paisagem natural. O rio foi barrado e desviado do seu leito natural, por outro lado foram criados artificialmente 21 (vinte e um lagos) que modificou as áreas secas da caatinga, transformando a paisagem urbana com a instalação do complexo de Usinas hidrelétricas da CHESF. Num raio de 60Km são 05 grandes represas e 07 Usinas hidrelétricas. Na divisa da Bahia com Pernambuco, Represa de Itaparica "USINA LUIS GONZAGA" em Paulo Afonso são 05 (cinco) usinas 04 (quatro) de caverna e 01 (uma) de superfície e abaixo de PAULO AFONSO I, II, III, IV e a USINA APOLONIO SALES na barragem de Moxotó entre Bahia e Alagoas, seguindo aparece a USINA DE XINGÓ na divisa de Alagoas com Sergipe.

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

R – A paisagem cultural de Paulo Afonso nada, mas é do que a mistura de povos, de pessoas, de culturas diferentes, costumes diferentes dos mais diferentes Estados Nordestinos, de outras regiões brasileiras e hoje de até outros países, que contribuíram para que a cultura do povo Paulo Afonsino fosse diferente do baiano de Salvador e do sul da Bahia. Somos sim! Um baiano diferente dos demais baianos por conta dessa miscigenação cultural.

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

R – Delmiro Gouveia foi o maior nordestino da história. Em apenas 54 anos de vida, ele conseguiu fazer pelo o nordeste, o que ninguém consegui fazer até hoje. A Usina de Anjiquinho foi a primeira usina hidrelétrica do Nordeste, porém é a segunda do Brasil, pois a primeira usina hidrelétrica brasileira é a Usina hidrelétrica de Marmelo em Juiz de Fora – MG. Entretanto gerava apenas 4 Mwh de energia, para alimentar uma tecelagem doméstica. Já Anjiquinho gerava 1.100 Mwh de energia para alimentar uma tecelagem industrial. Delmiro Gouveia construiu o primeiro Shopping Center da América latina, do Brasil, de Pernambuco, e do Recife. O "MERCADO COELHO CINTRA" conhecido hoje como o "QUARTEL DO DERBY". Construiu o primeiro hotel a nível internacional do Recife, onde funcional o memorial de medicina de Pernambuco, ao lado do "Quartel do Derby". A fábrica da Tacaruna em Recife, também pertenceu a Delmiro Gouveia. A abertura da Avenida Conde da Boa Vista em Recife no trecho da Rua Gervásio Pires até a praça do Derby, bem como a Estrada Nova de Camaragibe, conhecida com "Avenida Caxangá) também teve a participação de Delmiro Gouveia.

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

R – Em parte sim! Pois quando a empresa chegou aqui, nada existia a não ser o RIO SÃO FRANCISCO. Aqui só tinha as cidades de Santo Antônio de Glória - BA (1886) e Jeremoabo – BA (1831). Então foi construída um Vila, com estrutura de uma cidade, onde existia um muro de pedra, protegendo o patrimônio da CHESF bem com também seus funcionários que eram os moradores. Vieram para cá mais de 23.000 pessoas das mais variadas espécies. E aí sim tinha que se ter controle. O poder público por aqui nem existia, quem não morava na Vila da CHESF, dos restos de madeiras e dos sacos vazios de cimento da marca POTY, foram construindo fora da área da companhia, as casas de taipas, que deram origem a VILA POTY e somente 10 anos depois é que foi surgir a cidade de Paulo Afonso. Muita gente diz que era o "MURO DA VERGONHA" porém são pessoas sem estudos e sem conhecimento da história.

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

R – Seria nada, a não ser um caminho de passagem entre as cidades de Santo Antônio de Glória e Jeremoabo. 1 – Antes da companhia, só tinha o rio, alguns currais e era o ponto de passagem entre as duas cidades. 2 – Depois da construção da Usina de Paulo Afonso I, houveram mudanças em todos os aspectos, transformando a realidade do Sertão Nordestino, gerando emprego, trabalho, renda e mudando de vez a paisagem, trazendo transformações econômicas, sociais,

culturais, gerando energia e trazendo o progresso. A construção da usina de Paulo Afonso era a única grande obra existente no país em 1948.

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

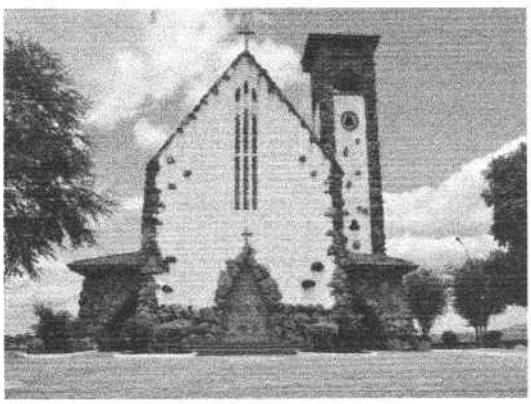
R – Porque a geração de energia elétrica na usina de Paulo Afonso I, foi o fator decisivo para o desenvolvimento do Estado da Bahia, da Região Nordeste e o Brasil. A energia elétrica gerada aqui foi a principal fonte de geração da riqueza, do desenvolvimento e do progresso, lógico aproveitando às águas do São Francisco e a ideia de Delmiro Gouveia (cearense) que inspirou o projeto de Apolônio Sales (pernambucano).

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

R – Os monumentos de uma cidade é um dos meios que o povo tem para contar e perpetuar sua história, são os instrumentos que vão contar para as gerações vindouras, o que aconteceu de tão relevante naquele espaço geográfico, que devem ficarem registrados para sempre na história, contado os fatos em todos os seus aspectos econômicos, sociais, geográficos, humanos, meio ambiente, cultural, trabalho, lazer, bem-estar e de turismo daquele povo que constitui aquela sociedade e naquele período.

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

R – 1 – A igreja de São Francisco (Igreja de Pedra), pois ela tem uma representatividade de FÉ. Quando os trabalhadores chegaram em 1948 para fazerem a grande obra, lá no subjetivo, lá no íntimo de cada um fizeram uma promessa ao criador: Se o criador permitisse escava mais de 100m abaixo do solo (total são 145m), das primeiras escavações eles tirariam as pedras para fazer uma "CAPELINHA", mas fizeram uma bela igreja. A igreja é toda na pedra, não tem um pedaço de ferro na sua estrutura. Ela foi construída no estilo romano, as paredes são largas para poder aguentar o peso da estrutura, o telhado é no estilo suíço, para que a água não pese sobre o telhado, as portas dela são as tábuas dos 10 dez mandamentos de Moisés. Ela é uma igreja católica, mas não é só dos católicos, pois ela não representa a "RELIGIÃO" ela é uma igreja ecumênica, representa a "FÉ" e mais que isso: Cada trabalhador deu um dia de sua mão de obra para quebrar as pedras para que ela fosse erguida. E ela não poderia ter outro nome, a não ser "IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS" pois a companhia leva o nome de São Francisco, e o Rio é São Francisco.



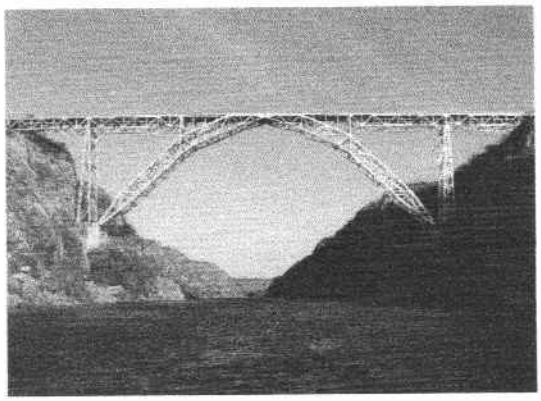
2 – BOI E A COBRA OU O TOURO E A SUCURI – Castro Alves nunca esteve aqui, ele só viu a cachoeira por pintura e por postagens. Ela pega um papel e escreve:

O TOURO E A SUCURI
(Castro Alves)
Assim dir-se-ia que a caudal gigante
Larga sucuruiaba do infinito
Co'as escamas das ondas coruscantes
Ferrara o negro touro de granito!...
Horrido, insano, triste, lacerante
Sobe do abismo um pavoroso grito...
E medonha a suar a rocha brava
As pontas negras na serpente crava!

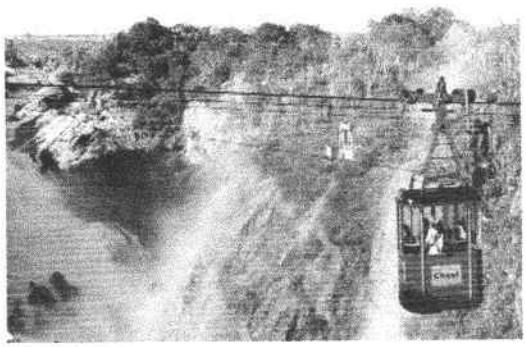
Na verdade, na natureza a cobra ela engole o touro, e em cima do poema de Castro Alves, o escultor Diocleciano Martins de Oliveira, que era um desembargador de justiça da Bahia, faz a escultura do Boi e a Cobra. Na verdade, é um simbolismo, é o embate entre 02 (duas) forças a "NATUREZA e a CIENCIA" o "RIO e o HOMEM". Quando jogamos o satélite em cima do rio, o mesmo parece uma serpente negra, serpenteando os paredões de arenitos do nordeste. Aparece o homem, a engenharia, que conseguiu dominar o rio, desvaindo do seu leito natural e o obrigando a passar por onde ele projetou para gerar energia, e isso em 02 (dois) níveis diferentes: Paulo Afonso I, II e II e Paulo Afonso IV.

3 – A PONTE METÁLICA - A Ponte Dom Pedro II (Ponte Metálica, como é conhecida), construída na década de 50, é uma maravilha da engenharia, toda em metal encravada no belo canyon do Velho Chico. Tornou-se um ícone da cidade de Paulo Afonso. É uma estrutura de aço construída sobre o Rio São Francisco na cidade de Paulo Afonso, na Bahia para ligar a Delmiro Gouveia, em Alagoas, cuja não é a única função da ponte. Sua pista é usada também como "base de lançamento" pelos praticantes do bungee jump (maior bungee jump da América e o 3º maior do mundo!), do base jump e do rope swing e rapel. Com um vão de 86 metros - altura equivalente a um prédio de 29 andares - é um lugar perfeito para saltos espetaculares em direção ao "Velho Chico" e uma bela visão do Canyon. Paulo Afonso é o único lugar do país em que dá para fazer um salto de bungee jump com mais de 25 metros de queda livre e ainda mergulhar em um rio no fim da descida. Até pouco tempo atrás, Paulo Afonso só era conhecida por seu complexo de hidrelétricas, o mais antigo do Brasil. Agora, quer seguir o exemplo de cidades como Brotas, no interior de São Paulo, e se transformar num grande centro de turismo de aventura. Uma vez por

ano, a cidade baiana promove o Eco Esportes Radicais, festival que reúne a nata dos praticantes no Brasil. A cidade, que fica na divisa com Alagoas, a 460 quilômetros de Salvador.



4 – TELEFERICO OU BONDINHO - A cerca de 80 metros de altura, o bondinho, que tem capacidade para oito pessoas, percorria uma extensão de 360 metros, ligando a cidade de Paulo Afonso, localizada na margem direita do Rio São Francisco, ao município de Delmiro Gouveia, em Alagoas, localizado na outra margem. Durante o trajeto, tem-se uma visão da Cachoeira de Paulo Afonso, das Tomadas de Água das Usinas Paulo Afonso I, II e III e da Ponte Metálica que liga os Estados da Bahia e Alagoas, bem como da Furna do Morcego (esconderijo do Cangaceiro Lampião).
O bondinho de Paulo Afonso, que já foi usado para transportar os funcionários da CHESF (Companhia Hidro Elétrica do São Francisco), transformou num ponto turístico da cidade de Paulo Afonso-BA. O Bondinho já foi palco de esportes radicais, sendo transmitido para todo mundo pelos canais de televisão do País.



5 – CASA DE MARIA BONITA - A casa onde nasceu Maria Gomes de Oliveira, a cangaceira MARIA BONITA, a rainha do cangaço, está situada no Povoado Malhada da Caiçara, zona rural do município, há 38 km do centro de Paulo Afonso/BA, guardando a mesma linha arquitetônica (casa de reboco). Lá funciona o "MUSEU CASA DE MARIA BONITA", aberto à visitação pública.

6 – MONUMENTO DO TRABALHADOR - Monumento do Trabalhador e sua fonte, existente na Avenida Getúlio Vargas. Além de ser um monumento muito importante para a história do município de Paulo Afonso, representando os pioneiros "cassacos" que se dedicaram para a construção da Chesf desde os idos de 1948 quando a hidrelétrica se instalou na região. Este monumento é uma homenagem aos que trabalharam na perfuração das rochas, abrindo caminho para a construção da usina e é representado por dois marteleteiros. O monumento foi ali instalado nos idos de 1960, por iniciativa do o vereador Carlos Alberto Alves, da Câmara Municipal de Paulo Afonso, também chesfiano, piloto de aeronaves da empresa. Também foi de sua autoria os projetos de leis que criaram o Brasão e a Bandeira do município de Paulo Afonso.

O Monumento ao Trabalhador foi criado pelo importante artista plástico pernambucano, Corbiniano Lins, que morreu aos 94 anos, no Recife.

''A homenagem está na frase "Aos que tornaram Paulo Afonso a redenção do Nordeste".

DETALHE:

O Monumento do trabalhador não tem nada a ver com o nome da cidade. É comum ouvir as pessoas e até guia de turismo dizer que: aqueles trabalhadores eram "PAULO" e "AFONSO". Isso é uma inverdade. Ali são 02 (dois) trabalhadores que morreram na perfuração do teto a caverna da usina de PA III, quando o talude arriou e eles vieram a perderam a vida.

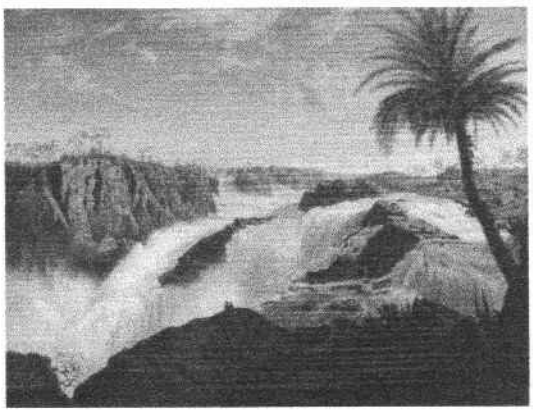
ORIGEM DO NOME PAULO AFONSO:

O nome da cidade é uma homenagem ao sertanista PAULO DE VIVEIROS AFONSO, que recebeu, em 1725, uma sesmaria na margem esquerda do rio São Francisco, mas não se conformando com as terras que recebeu da Capitania de Pernambuco, hoje atual ESTADO DAS ALAGOAS, ocupou também parte da margem direita e fundou um arraial que mais tarde foi chamado de Tapera de Paulo Afonso. Tapera que em tupi Guarany significa "OCA" ou casa dos índios, casa de Paulo Afonso, antes disso as belezas da cachoeira de Paulo Afonso, eram chamadas de Forquilha, Sumidouro e Cachoeira Grande, pois que lá caia, já seriam encontrados, não haveria possibilidade de encontrar nem os ossos, já se colocava no atestado de óbito "MORTE PRESUMIDA". A partir de 1725, as pessoas passaram a dizer que iam visitar a "CACHOEIRA DE PAULO AFONSO" daí surgiu o nome da cidade de "PAULO AFONSO".

7 – PRAÇA OU PARQUE DO BELVEDERE – Belvedere é uma palavra italiana que significa "BELA VISTA" ela foi construída em 1958 para a inauguração da Usina de PA I, justamente 10 anos depois de terem sido iniciadas as obras e está localizada na montante de onde pode ser observado os 04 (quatros) da federação BAHIA, PERNAMBUCO, ALAGOAS E SERGIPE. Foi um presente dos funcionários para o Engenheiro Antônio Jose Alves de Souza, em 1961 ele veio a falecer de problemas cardíacos. Queria que o seu corpo fosse enterrado aqui em Paulo Afonso, mas a família não concordou porque ele era do Rio de Janeiro. Então ele determinou no dia que eu morrer, meu corpo pode levar para o Rio de Janeiro, mas meu coração. Mandem abrir o meu peito retirem meu coração e o deixem enterrado em Paulo Afonso, A família obedeceu ao pedido, mandou retirar o coração, colocou numa caixa de bronze, mandou enterrar no pé do seu busto, desenharam o formato de um coração e colocaram uma placa "O CORAÇÃO QUE O MATOU É A SUA PERMANENCIA NA PAISGEM A QUE DEU VIDA". Parque do belvedere encontra-se um belíssimo jardim, lago artificial, fonte luminosa, estacionamento, parque infantil, espaço para eventos, além de um sistema de iluminação especial, é um excelente point de encontro da família paulafonsina e dos turistas.

8 – PLACA QUE REGISTRA A PASSAGEM DE DOM PEDRO II EM PAULO AFONSO – Em 1859, d. Pedro II – acompanhado pela imperatriz d. Teresa Cristina e por uma comitiva – fez uma viagem às províncias do norte. Entre os objetivos do imperador, estava o de conhecer a região e o curso do rio São Francisco, que nasce na Serra da Canastra, em Minas Gerais, e deságua no oceano Atlântico, em Piaçabuçu, Alagoas. Importante via de transporte de mercadorias desde os tempos coloniais, o rio poderia cumprir a função de ligar as províncias do sul, especialmente Minas Gerais e Rio de Janeiro, às do Norte, sobretudo Bahia e Pernambuco.

A monumentalidade das diversas quedas d'água que formam a cachoeira de Paulo Afonso, no norte da Bahia, entusiasmou o imperador, que escreveu em seu diário de viagem: "É belíssimo o ponto que se descobrem 7 cachoeiras, que se reúnem na grande que não se pode descobrir daí, e algumas grandes fervendo a água em caixão de encontro à montanha que parece querer subir por ela acima; o arco-íris produzido pela poeira da água completava esta cena majestosa". A admiração foi tanta que, ao voltar da viagem, d. Pedro II pediu ao fotógrafo Auguste Stahl que registrasse a paisagem. A foto foi feita apenas um ano depois, em 1860. E foi a partir dela que o pintor alemão Germano Wahnschaffe produziu o óleo abaixo.

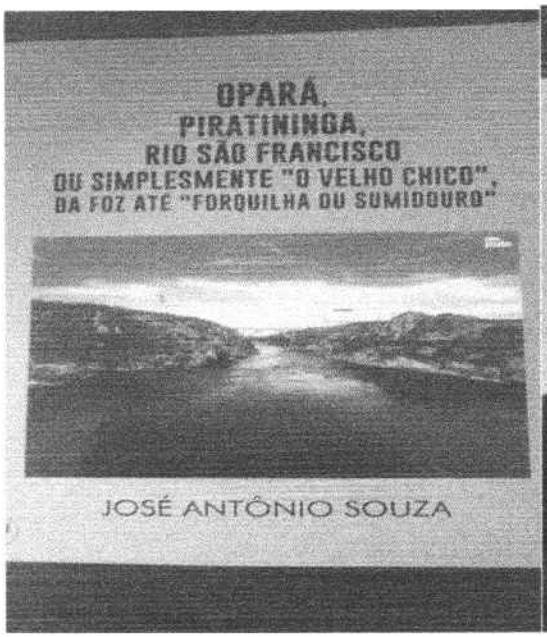


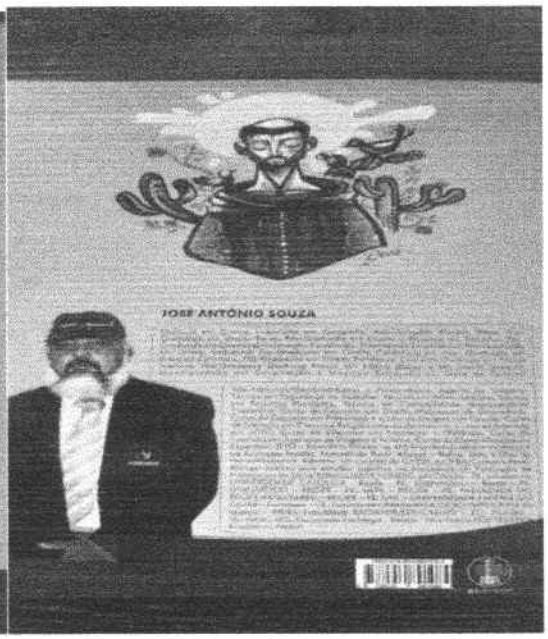
Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

Paulo Afonso, 30 de outubro de 2022.

JOSE ANTONIO DE SOUZA

Fonte de Pesquisa:





UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: Edson José Barreto dos Anjos
Ocupação: Professor
Naturalidade: Miguel Calmon - Bahia

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

O homem interferiu no fluxo normal do Rio São Francisco em nome da engenharia e da geração e produção de energia elétrica. Modificou a paisagem e transformou a Cachoeira de Paulo Afonso num filete tênue de água. Enquanto o progresso agradece, a natureza padece, e os apreciadores do belo e do natural perderam a magia da cachoeira com sua majestosidade e pompa.

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?

Com certeza. A Cachoeira que se reduziu a uma pequena queda d´água, lagos artificiais nas áreas do acampamento Chesf, o Canal da PA IV, um paredão de pedra que corta a cidade ladeando este canal, um polêmico muro de pedra, depois da cerca, dividindo a cidade em Chesf com inúmeros privilégios e Poty com inúmeras necessidades sociais etc.

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

O homem é um ser dotada de inteligência e inquieto, o que o torna apto a interferir na natureza, quando ele a modifica para as suas necessidades de ordem social, contemplativa, econômica, de sobrevivência e outros se dá um processo de paisagem cultural, que por vezes, agride o meio ambiente.

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

Delmiro Gouveia foi muito mais que um visionário, por enxergar num sertão castigado pela seca e pelo atraso econômico e eivado de injustiças sociais, a possibilidade de gerar emprego e produzir energia elétrica

para a sua fábrica de produção têxtil, isso, com a construção da Usina de Angiquinho. Destarte, gerou-se um embrião para que o Governo Federal enxergasse na Cachoeira de Paulo Afonso a possibilidade de gerar energia para todo o Nordeste. A partir daí, nasce também a possibilidade de Emancipação Política do Município de Paulo Afonso e a sua marcha de cidade que se desenvolve pela geração de energia elétrica.

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

Todo processo histórico deixa marcas na humanidade, com a Chesf em Paulo Afonso não foi diferente. Ainda hoje há evidências políticas, econômicas e sociais. Inúmeros prefeitos e empresários carregaram consigo o rótulo de serem chesfianos, portanto de serem experimentados e competentes. Os alunos que estudaram nas escolas da Chesf também são rotulados de serem melhores que os que frequentaram escolas públicas e privadas. Filhos de Chesfianos tiveram oportunidades de se formarem em universidade fora de Paulo Afonso e serem profissionais de êxito, assim, as marcas históricas ficam, privilégios para chesfianos em detrimento de alguns que são oriundos da Vila Poty.

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

Antes, um distrito do Município de Santo Antônio da Glória, sem emprego, atrasado, sem escolas, sem hospitais e de um povo que sobrevivia da agricultura de sequeiros. Após a Chesf, tudo mudou, surgiram empregos, a cidade passou a ter uma visibilidade nacional e hoje está entre as principais da Bahia, sem a Chesf, a realidade seria outra.

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

Sim, Paulo Afonso cresceu em razão da Chesf, emancipou-se, e tornou-se uma cidade desenvolvidas com as oportunidades de emprego e posteriormente com os royalties dessa empresa que ajudaram no progresso e tornaram Paulo Afonso a Redenção do Nordeste e também uma cidade turística.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história queconsolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

Monumentos tais como Marteleteiros, o Touro e a Sucuri, A mulher sobre o cavalo, Maria Bonita, a Carranca, Castro Alves e as correntes, o Obelisco dentre outros são legados artísticos que contam a história de Paulo Afonso, a Capital da Energia e a Redenção do Nordeste sob o crivo de seus autores, portanto há uma importância do ponto de vista interpretativo e histórico de algo configurado pelo olhar do artista e da arte.

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

A Cachoeira de Paulo Afonso e as Usinas, pois demonstram que o homem dominou a natureza para trazer o progresso. O Raso da Catarina por ser de origem indígena. Museu Casa de Maria Bonita, pois ali nasceu a Rainha do Cangaço no povoado Malhada da Caiçara. O rios São Francisco, que nos traz riquezas no sentido poético e econômico. A Praça das Mangueiras, pois ali surgiram os protestos de eletricitários em busca de seus direitos e melhores condições de vida.

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

Edson José Barreto dos Anjos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: **ANTÔNIO VITÓRIO DE SOUZA**
Ocupação: RECEPCIONISTA DA CHESF APOSENTADO
Naturalidade: _Riacho do Navio – Betânia – PE

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

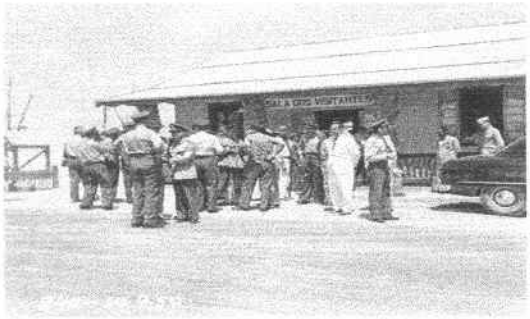
R - **Boas lembranças e muitas saudades, pois quando a gente começou a levar os turistas para ver a cachoeira era uma maravilha, muita água passando por elas, tinha o bondinho de madeira atravessando sobre a cachoeira do Véu da Noiva e do Croata, para que pudéssemos chegar até a cachoeira principal de Paulo Afonso. Era um espetáculo, ver os chuviscos das águas da cachoeira. Entretanto já na década de 70, foram construídas pelo O Eng. Amaury Alves de Menezes as pontes de acesso a ILHA DO URUBU E A CACHOEIRA principal de Paulo Afonso. E o bondinho de madeira foi retirado, e foi colocado um teleférico mais moderno, passando de Paulo Afonso na Bahia, para o outro lado do rio em Delmiro Gouveia – AL.**

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?

R – Sim! Quando a empresa chegou aqui nada existia a não ser o rio passando no seu leito natural, foi construída A VILA DA CHESF com uma infraestrutura de uma cidade. Casa para engenheiros, casa para técnicos, casa para o pessoal administrativo, casa para os operários, apartamento para os operários solteiros, escola, ginásio, padaria, supermercado, mercados, hospital, igreja, clube dos operários (COPA), clube dos engenheiros (CPA), posto de puericultura, praças, restaurante, açougue, padaria, fazenda para criação de animais para o abate e fornecimento de leite para os filhos dos funcionários. Foi criado também O CFPPA (Centro de formação de Profissionais de Paulo Afonso – conhecido como antiga Escolinha), que por muitos anos formou os melhores técnicos em eletricidade da América Latina, já que a empresa precisava de técnicos especializados. Foram construídos 21 (vinte e um) lagos, todos artificias, com objetivo de melhorar a temperatura do ambiente, a umidade relativa do ar e dar opção de laser aos funcionários.

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

R – A sala dos Visitantes quando a empresa se instalou em Paulo Afonso, havia uma desconfiança do povo brasileiro, aonde era que o Governo Brasileiro ia colocar milhões de cruzeiros (moeda da época) em uma usina hidroelétrica encravada 145 metros abaixo do solo. A empresa então encontrou uma solução, que foi abrir as obras, para apreciação da população brasileira, iniciando-se assim às VISITAS AO COMPLEXO DE USINAS DA CHESF na cidade de Paulo Afonso – Bahia. Atendiam não só os visitantes, mais autoridades e funcionários, funcionando nesse prédio histórico na entrada da companhia. E ali foi instalado O SPHA – Serviço de Hospedagem e Alimentação.



4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

R – **Delmiro Gouveia foi o maior nordestino que já existiu. Um homem com uma visão muito além do seu tempo. Foi um visionário, um empreendedor, que por necessidade de energia elétrica para movimentar sua fabrica da Vila da Pedra em Delmiro Gouveia, teve a ideia de construir a primeira usina hidrelétrica do Nordeste Brasileiro. A primeira usina hidrelétrica do Brasil, foi a Usina hidrelétrica de Marmelo em Juiz e Fora – MG, mas gerava apenas 4MWh de energia para alimentar uma tecelagem doméstica, a usina de Anjiquinho encrava no paredão da cachoeira de Paulo Afonso para alimentar uma tecelagem industrial e gerava 1.200 MWh de energia elétrica.**

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

R – Não! Com a emancipação politica da cidade de Paulo Afonso e os términos das obras foi dado fim a essa conversa de segregação da VILA DA CHESF e a VILA POTY. Hoje não mais existe isso e qualquer pessoa pode circular até a guarita do Capuxu, sem nenhuma restrição.

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

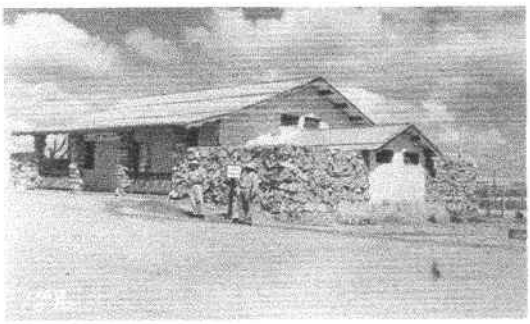
R – Acho que sem a construção das Usinas hidrelétricas de Paulo Afonso, a cidade não existiria e só seria um distrito de Santo Antônio de Glória.

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

R – Sim! Aqui não tinha nada e nem pessoas moravam por aqui, e com a CHESF as pessoas vieram para cá em busca de trabalho e de melhores condições de vida. Com esse fluxo migratória vieram os problemas de ordem social, como: saúde, educação, segurança pública, habitação, moradia, abastecimento e comércio. Começaram então proliferar os bares, restaurantes e cabarés. Trazendo o desenvolvimento e aumento, econômico, social, e populacional de Paulo Afonso. As pessoas viam na OBRA DA REDENÇÃO DO NORDESTE uma forma de trabalharem, ter famílias e mudarem de vida.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

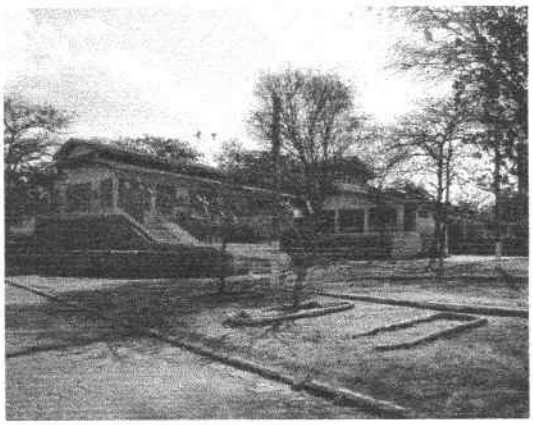
R – 1 - **A SALA DOS VISITANTES quando a empresa se instalou em Paulo Afonso, havia uma desconfiança do povo brasileiro, aonde era que o Governo Brasileiro ia colocar milhões de cruzeiros (moeda da época) em uma usina hidroelétrica encravada 145 metros abaixo do solo. A empresa então encontrou uma solução, que foi abrir as obras, para apreciação da população brasileira, iniciando-se assim às VISITAS AO COMPLEXO DE USINAS DA CHESF na cidade de Paulo Afonso – Bahia. Atendiam não só os visitantes, mais autoridades e funcionários, funcionando nesse prédio histórico na entrada da companhia. E ali foi instalado O SPHA – Serviço de Hospedagem e alimentação. Dentre os recepcionistas daquela época ainda estão vivos o Sr. Antônio Vitório de Souza e Pedro Ribeiro. A partir de 1984 esse trabalho passou a ser feito pelos Guias de Turismo. Na podemos esquecer também Dona Socorro Lima (Chefe), os recepcionistas: Jose Carlos, João Vieira, Sebastião e Francisco que tocava na BANDA DA CHESF.**



2 – CASA DE HÓSPEDES – A primeira edificação de Paulo Afonso, ainda da década de 1940 que conjuntamente com a Casa da Diretoria da Chesf, estão ainda em pé. Era lá que se hospedavam os engenheiros e técnico que vinham trabalhar na construção de PA - I.

3 – CASA DA DIRETORIA – Um patrimônio de Paulo Afonso, localizada no bairro General Dutra foi durante muito tempo o local de hospedagem de autoridades, do presidente e diretores da CHESF.

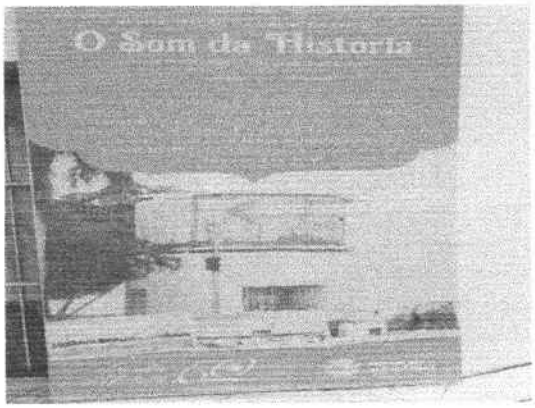
4- <u>RESTAURANTE DA CHESF</u> – Restaurante da Chesf, que chegou a ser negociado para ser um Centro Cultural de Paulo Afonso, foi cedido ao Ministério do Trabalho e, totalmente derrubado, deu lugar a instalações desse órgão e a outro prédio da Receita Federal. Mas durante muitos nos foi utilizado para fazer e fornecer as refeições aos trabalhadores da CHESF.



9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

R – 1 – A CAIXA D´ÁGUA - Também é um patrimônio da cidade de Paulo Afonso, era preciso tratar a armazenar água para garantir o consumo e as necessidades das pessoas que moravam na VILA DA CHESF.

2 – A SIRENE DA CHESF – Possuindo um sonido histórico agudo, por várias décadas marcou os horários de entrada e saída dos trabalhadores que construíram o complexo da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (Chesf), em Paulo Afonso – BA. Ficou desativada por mais de 20 anos, a antiga sirene, patrimônio histórico e cultural da cidade, foi restaurada pela prefeitura e recolocada no seu local de origem: a caixa d'água da Praça das Mangueiras. O retorno de seu funcionamento foi no dia 15 de março, data comemorativa aos 70 anos da Chesf. Diariamente quatro sinais sonoros de 1 minuto, cada, serão emitidos no horário comercial: às 8h, 12h, 14h e 18h.



3 – A BANDA DE MÚSICA DA CHESF – Composta por varios funciona´riso da CHESF a banda de musica era comanda pelo o meaestro Expedito Aguair e alegarva as festa e desfiles da cidade de Paulo Afonso, dentre o seus membros tinha Sr. FRANCISCO (que fazia parte do grupo de recepcionistas) e tambem era musíco. Na banda ele tocava "tuba" e "trombone de vara"

4 – USINA PILOTO - o Ministério da Agricultura, pela exposição dos motivos nº. 598, de 23 de maio de 1944 autorizou a instalação da Usina Piloto com 2.500 KW em Paulo Afonso. Era energia necessária para abastecer a obra da construção da usina de PA I, promovendo o trabalho e o desenvolvimento. Quando a CHESF foi fundada já estava sendo construída aqui em Paulo Afonso a usina a chamada usina Piloto, que era uma usina, que tinha como objetivo fornecer energia para aqui, e as cidades de perto mais próximas. SÓ QUE quando a companhia começou com o serviço teve que fazer as casas e dá iluminação e a usina piloto foi terminada e passou pra CHESF pra

alimentar aqui a necessidade da CHESF pra obra então essa energia gerada na usina Piloto seria para iluminação das ruas, nas construções das casas e movimentaras máquinas, e as escavadeiras.

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

Paulo Afonso, 03 de Novembro de 2022.

Antonio Ubiratan de Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: Luiz José da Silva
Ocupação: Professor - UNIRIOS
Naturalidade: Pão de Açúcar - AL

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

O significado está, apenas, na memória, uma vez que raríssimas vezes o pauloafonsino tem a oportunidade de vê-la, conforme manobra do homem, quando há chuvas torrenciais, ou seja, ela é vista como um espaço vazio aludindo as reminiscências.

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?

São muitas as modificações as quais inviabilizam uma leitura arquitetônica: o restaurante da Chesf, a padaria, o supermercado, por exemplo, simplesmente foram demolidos, sem ao menos avisar e/ou promover uma consulta pública. Por sua vez, a população , também, contribuiu com a destruição. É só fazer um comparativo da Vila Operária (imediações do COPA) e o bairro Amary Alves de Menezes (o famoso "bairro", como foi e ainda é chamado) , para se perceber as profundas alterações.

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

Entendo que o passado não deve ser destruído, ou seja, pode e deve ser tombado e preservado. Nós, organizadores da Semana do Modernismo, fomos responsáveis por um movimento de resistência em prol do prédio o qual funciona o Raso da Catarina (localizado atrás da agência Banco do Nordeste , antiga sede da Prefeitura de Paulo Afonso), pois havia ordem para que fosse demolido. Claro! Foram lutas intensas, com direito a acampamento, etc.

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

A importância de Delmiro Gouveia para Paulo Afonso e para a região é relevante, sendo o responsável para a descoberta e para o desenvolvimento. Sem dúvida, um grande empreendedor, visionário. Preservar a Usina Angiquinho é oxigenar a nossa memória e ressignificar a pujança desta região.

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

Os resquícios perduram, havendo, ainda, um muro psicológico o qual sinaliza os dois lados, constatados em exemplos em atitudes": foi filho ou foi neto da mamãe CHESF", " esposa de tal médico" (não tem nome, para enaltecer o machismo e o poderio econômico), por exemplo.

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

Imagino Paulo Afonso como ainda distrito de Glória

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

Sim. Além de oferecer emprego , colocou Paulo Afonso nos olofotes do Brasil e do mundo.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

Excelentes, pois nos faz reviver e sinalizar para as gerações futuras a nossa história.

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

Igreja São Francisco, Balneário, Belvedere, CPA, Modelo Reduzido, O TOURO E A SUCURI.

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

Luiz José da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: Aníbal Alves Nunes
Ocupação: aposentado
Naturalidade: Sertânia-PE

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

O significado absoluto, magistral, fantástico e admirado até por Dom Pedro II, não existe mais. Foi literalmente destruído pela Chesf. As águas do "Velho Chico" foram represadas desde a construção da usina hidrelétrica de Três Marias, em Minas, até Xingó e hoje, daquela imponente cachoeira que recebia turistas do mundo inteiro, não de ouve nem o plic ploc de algumas gotas. O município perdeu muitas rendas do turismo, enfraquecimento do comércio, desemprego em massa no setor e, principalmente, o seu mais exuberante cartão postal. A cachoeira.

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?

Foram muitas e gigantescas as transformações. A preocupação da Chesf na década de 1950 foi desviar o rio, construir o paredão do reservatório com 1.500 metros de extensão para represar as águas e mover as turbinas das três primeiras usinas e, consequentemente, isolar a cachoeira. Em seguida, na década de 70, construiu outro reservatório, acima do primeiro, onde foi implantada a usina Apolônio Sales. Na mesma década, foi escavado um canal de desvio no entorno da cidade para acumular água para a Usina Paulo Afonso IV, transformando a cidade numa ilha.

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

A cachoeira de Paulo Afonso era o nosso bem maior. Era a nossa principal paisagem cultural, onde havia uma interação entre nossos artistas, cantores, dançarinos e turistas com o turbilhão e barulho das águas na cachoeira.

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

O empresário Delmiro Augusto da Cruz Gouveia foi o maior visionário que se teve conhecimento no início do século nas bandas do Nordeste. O homem que construiu o primeiro shopping center do Nordeste. O "Mercado do Derby em Recife" onde funciona hoje o Quartel General da Polícia Militar de Pernambuco. Delmiro Gouveia vislumbrou na cachoeira de Paulo Afonso, a oportunidade de construir uma pequena usina para a sua Fábrica de Linhas Estrela. Assim fez nascer a Usina Angiquinho. Um empreendimento que serviu tanto para abastecer sua fábrica de linhas na cidade da Pedra, quanto como modelo para a implantação das usinas hidrelétricas no nordeste.

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

A Chesf nunca aceitou que os "cassacos", como ela chamava os peões que prestavam serviços nas escavações dos tuneis das usinas de Paulo Afonso, construíssem favelas, barracos e palhoças no lado de fora do seu evoluído acampamento. Mesmo assim, contrariando os chefões da empresa, surgiu a Vila Poty com um emaranhado de barracos, palhoças e casebres cobertos com sacos vazios de cimento Poty. Veio a Emancipação de Paulo Afonso em 28 de julho de 1958 e, com ela, a primeira gestão e a cidade foi deixando de ser periferia e se tornando organizada e acolhedora.

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

Antes da Chesf, só havia a Fazenda Tapera, atual Bairro Centenário. Era um dos lugares onde se faziam pousos de boiadas trazidas do recôncavo baiano com destino a outros estados do Nordeste. Se não tivesse ocorrido a implantação das obras da Chesf em 1948, Paulo Afonso ainda seria uma cidade pequena e sem muito desenvolvimento.

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

A implantação da Chesf gerou desenvolvimento econômico, social e populacional. Ocorreram períodos em que haviam mais de 20 mil trabalhadores na Chesf e nas empresas prestadoras de serviços como Mendes Junior, Cetenco, Sacol, Cpal, Etizel, Servix e outras. Essa explosão de obras e serviços fez a cidade crescer 30 anos em cinco. A circulação de moeda era gigante e aquecia as vendas no comércio e nas feiras. Além disso ainda existia a PL que era a "Participação dos Lucros" que a Chesf pagava aos seus mais de 10 mil funcionários a cada ano. Nesse sentido, nos meses de férias, Décimo Terceiro, PL e Contas de funcionários de empreiteiras, "a cidade nadava dinheiro", o povo construía novas casas, novas lojas e o poder público começava a buscar recursos e obras para o município.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

Os monumentos "O Touro e a Sucuri", "Os marteleteiros", "Torre de Energia" e outros, são elementos que marcam partes da nossa história: O touro e a sucuri, por exemplo, foi a melhor representatividade do homem (o touro) dominando a serpente (o rio). Os marteleteiros foi a melhor expressão de homenagem aos "cassacos" que a Chesf tanto necessitou deles para abrir os tuneis do desenvolvimento. A torre da Chesf ao lado do Memorial, simboliza a força da energia no crescimento da indústria e produção do Nordeste.

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

A Usina Angiquinho que funcionou até 1913, como obra precursora na história das usinas de Paulo Afonso; a igreja de São Francisco, erguida por pioneiros da Chesf para homenagear o santo que deu nome ao rio e fortalecer a fé dos sertanejos; a igreja de Fátima, padroeira de Paulo Afonso e mãe dos seus devotos filhos; a Ponte Metálica que atravessa o cânion do rio entre os estados de Alagoas e Bahia, unindo todo o Brasil a Paulo Afonso e o complexo Paulo Afonso 1, 2 e 3 que deu início às grandes construções de hidrelétricas do nosso município.

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

Aníbal Alves Nunes

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: Jovelina Elfaria Ramalho da Silva
Ocupação: Professora (aposentada)
Naturalidade: Rio de Janeiro – Hoje Bahia

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?
Hoje a Cachoeira de Paulo Afonso é um ponto turístico, sem fugir a sua principal atividade de gerar energia elétrica

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?
- Mudança do curso natural do rio São Francisco (desvios, construção do canal que cerca a cidade), praças, monumentos, igrejas (a São Francisco), pontos turísticos.

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?
Alguns monumentos como forma de homenagem aos que construíram a cidade e estão na história do lugar. Academia de letras, bibliotecas etc, museus etc.

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?
Entendo que sem a inteligência de Delmiro e sua visão de futuro talvez tivéssemos outro desfecho para a nossa história de Paulo Afonso. Delmiro foi a peça principal do quebra-cabeça, célula mater.

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

Sim, ainda existe o ranço do acampamento e vez por outra se fala do acampamento como se o muro ainda dividisse as duas realidades. A parte do acampamento é mais estruturada, arborizada, diferente da geografia da cidade

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

Antes da CHESF apenas um povoado Porquilha onde servia de pouso para os transeuntes que conduziam boiadas - Depois da CHESF uma das cidades mais bonitas e desenvolvida do sertão baiano.

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

Sem a CHESF, nossa cidade não seria o que é hoje tanto no fator econômico quanto populacional ela foi a grande motivadora de pessoas de todo o Nordeste e até do exterior, virem em busca de trabalho e uma vida melhor.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

Os monumentos têm a função importante de contar uma história do ontem e do hoje, pra quem já conhece a história traz lembranças e reforça a importância de ser paulafonsino e quem não conhece os fatos, passa a conhecê-los.

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

A praça da rua Getúlio Vargas, com um monumento aos trabalhadores; a praça do Touro e a Sucuri simbolizando a ação do homem sobre o rio, a pequena Usina de Delmiro Gouveia onde tudo começou.

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

Lovelina Maria Ramalho da Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: Gecildo Queiroz Lima
Ocupação: Escritor, professor
Naturalidade: Paulo Afonso (BA)

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

A imagem de Paulo Afonso, com o advento do complexo hidroelétrico, foi e ainda é atrelada à abundância de água e, consequentemente, à geração de energia. As cachoeiras, embora forjadas num projeto planejado, artificial, representa simbolicamente a força, a beleza e o desbravamento dessa região, tendo em vista todas as agruras advindas dessa aventura empreendedora. No entanto, na lógica do desenvolvimento, hoje não se vê iniciativas que pensem de maneira ordenada e múltipla as possibilidades do município. O símbolo se enfraqueceu diante da realidade de limitação vigente.

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?

O território que hoje chamamos de Paulo Afonso, historicamente, na perspectiva nacional, não se destacava econômica e politicamente. A Chesf, no âmbito restrito do seu alcance, por meio dos idealizadores, dos pioneiros, dos trabalhadores, com seu gigantesco canteiro de obras, alterou praticamente tudo em termos de infraestrutura. Possibilitou o acesso à agua abundante, pavimentou vias, organizou vilas, investiu em escolas e saneamento, possibilitou o nascimento do embrião de desenvolvimento que se tornaria emancipado como cidade e não apenas como distrito da Cidade de Nova Glória.

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

Paisagem cultural é tudo que se apresenta como modificação planejada. São as intervenções antinaturais que convivem com o natural (sem a interferência direta humana). Enfim, o que se tornou a cidade mediante todas as interferências planejadas por um grupo autorizado a intervir inicialmente e pelas consequentes modificações seguintes geradas pela sociedade que aqui se instalou.

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

Delmiro Gouveia foi o visionário que, contrariando o que se pensava na época, enxergou muito além da vocação primária da região. Acreditou que ela tinha potencial para ser um verdadeiro oásis dentro da lógica seca do nosso sertão. A primeira usina levada a cabo, a Angiquinho, provou para os céticos a viabilidade de não apenas gerar energia, mas disseminá-las para outras regiões.

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

Paulo Afonso, administrativa e politicamente, se emancipou, mas, como é comum, manteve a divisão social, reproduzindo quase todas as práticas desenvolvimentistas do Brasil na época. Embora essas divisões não sejam tão visíveis, estruturadas para esse fim, como no passado, hoje ainda temos sinais de uma visão de desenvolvimento que privilegia clãs, grupos políticos, empresas, que divide mais que agrega os diversos estratos da sociedade pauloafonsina.

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

Mesmo sendo claro que a Chesf desconsiderou vieses de justiça social, de cuidado com populações tradicionais e questões ambientais, é indiscutível que essa região não seria o que hoje é sem a intervenção da empresa. Do ponto de vista do desenvolvimento estrutural, arquitetônico, político, de geração de emprego, de possibilitar que a emancipação de uma cidade fosse possível, os benefícios são evidentes. É provável que Paulo Afonso, sem a Chesf, mantivesse, na perspectiva geral, uma característica predominantemente rural por muito tempo.

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

A chegada da Chesf, do ponto de vista econômico, modificou a maneira como tudo funcionava. A precariedade do comércio passou a ser combatida. Tudo o que carregava a marca de modernidade na perspectiva econômica e comercial, tendo como ponte principal a cidade de Recife, capital de Pernambuco, centro nervoso das decisões da empresa, começou a aportar na cidade de Paulo Afonso. Colocando-a como referência de desenvolvimento na região.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história que consolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

Todo os elementos que contam a história do município solidificam suas bases, suas raízes. Geram mais pertencimento. Embora ainda ache que se trate pouco da trajetória histórica do município em escolas, por exemplo, os nossos símbolos em forma de monumentos têm um papel relevante e não deixam as falhas naturais da memória apagar os elementos fundantes da nossa história.

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

O conjunto das usinas costuma representar com mais ênfase e força a realidade histórica do município, em razão da geração e distribuição de energia. Mas há a Praça dos Trabalhadores, que homenageia os pioneiros, o Touro e a Sucuri, que aponta a força do desbravamento, o Parque das Mangueiras, ponto onde os protestos políticos e de reivindicação por direitos trabalhistas eram comuns, etc.

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

Gecildo Queiroz Lima

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – LICENCIATURA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RUGOSIDADES E IMAGENS DA CIDADE DE PAULO AFONSO-BA: OS LUGARES HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS COMO SÍNTESES DE CONSOLIDAÇÃO DA TERRA DA ENERGIA

Autoria: Taítalo Eduardo Gomes Gentil
Orientador: Me. Kleber Costa da Silva

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA COM PERSONALIDADES DE PAULO AFONSO-BA

Nome: Roberto Ricardo do Amaral
Ocupação: professor aposentado
Naturalidade: Santo Amaro da Purificação, Recôncavo baiano

1 - Qual o significado simbólico, hoje, da Cachoeira de Paulo Afonso, como uma paisagem natural modificada para os planos de desenvolvimento para a época pensado para Paulo Afonso?

Do ponto de vista simbólico e em se tratando de "uma paisagem natural" a presença *da cachoeira de Paulo Afonso*, será sempre o mesmo: porque trata-se de um evento geográfico importante que marca essa região ou área. Astronomicamente é identificada pelas coordenadas geográficas, localizadas: (Entre os *paralelos de: 9 graus, 39' e 27" e o de: 9 graus, 21' e 10" de latitude Sul), além dos meridianos de: 37 graus, 59' e o de: 52" de longitude Oeste (o mesmo do Município)). Assim esta cachoeira, sempre foi e continuará sendo, um acidente físico e geográfico assentado nessa paisagem.*
Entretanto, com referência à segunda parte, ou complemento da primeira pergunta... "*modificada para os planos de desenvolvimento (para a época), pensado para Paulo Afonso* é necessário lembrar que: este ponto físico e geográfico, possui um viés econômico, porque se presta como um equipamento (mesmo sendo cedido pela natureza) de exploração econômica, gerando, emprego e renda, sendo parte importante do ciclo turístico do município e região. Não há, como desvincular a queda d´água, da cachoeira de Paulo Afonso, dos demais pontos turísticos. Ela é assim por dizer, o ponto mais visitado, semelhante as cataratas do Iguaçu, localizada entre: o Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná no Brasil, e o Parque Nacional Iguazú, em Misions na Argentina.

2 - Podemos representar a paisagem de Paulo Afonso como exemplo de uma paisagem modificada pelo homem. Quais as principais transformações que a Chesf registrou na paisagem pauloafonsina?

Para responder essa pergunta, é necessário sabermos que sobre a natureza existem dois tipos de paisagem: a natural e a humana, onde se estabelecem os ecúmenos. Todas as localidades habitadas, são assim por dizer, do ponto de vista geográfico, um espaço cultural ou um ecúmeno, seja esta localidade, um lugarejo, uma vila, uma cidade, uma metrópole regional, uma megalópole ou mesmo, um espaço resultante de um evento de conurbação.
Para a parte complementar: Quais as principais transformações que a Chesf, registrou na paisagem pauloafonsina, podemos dizer que: Antes de mais nada, é preciso esclarecer que: a Chesf, a (*Companhia Hidro Elétrica do Vale do São Francisco)* não é em si, apenas uma simples empresa criada para produzir energia de origem hidrelétrica! Não... Este foi um projeto de desenvolvimento regional, que depois de executado, tirou uma grande região com 1.558.000 km² do esquecimento e do obscurantismo, sendo que desse total, ou seja: **982 563,3** km² corresponde ao Semi-árido. Reabilitou uma população de despossuídos e desempregado, dando a todos a oportunidade de superar suas dificuldades, através do emprego e renda, tal e qual, como já vinha ocorrendo em outras regiões brasileiras. A presença das turbinas da Chesf reunidas nas suas oito usinas (apenas no vale do São Francisco), transformaram as condições humanas do Nordeste brasileiro, disponibilizando energia a maioria dos moradores e permitindo a instalação de diferentes indústrias, aumentando a auto-estima do seu povo e assentado as bases para o desenvolvimento regional.

3 - O que o(a) senhor(a) entende como paisagem cultural em Paulo Afonso?

Primeiramente, é necessário salientar que, paisagem cultural corresponde a todo espaço modificado pelo homem, no intuito de atender suas necessidades. Com esse propósito, esse ecúmeno, ou seja: esse espaço habitado, foi alterado para acomodar o ser humano que aí

existente.
Quanto a paisagem cultural de Paulo Afonso, além dos equipamentos urbanos, que envolve arruamento e calçamento, há de ser considerado as praças, os parques e os jardins. Temos alguns pontos que são frequentemente visitados, a exemplo do Belvedere junto ao lago das usinas I, II e III, da ilha do Urubu, da pracinha da igreja de Nossa Senhora de Fátima e muitas outras praças e jardins espalhadas pela cidade, todas elas dotadas de equipamento de entretenimento e convivência. Não podemos esquecer que Paulo Afonso oferece aos seus visitantes, alguns pontos turísticos a exemplo das suas corredeiras, do cânon que começa a ser visto a partir dessa cachoeira, indo até muito próximo a usina de Xingó, entre Alagoas e Sergipe. São também bastante visitados, o raso da Catarina, um dos pontos mais áridos do sertão nordestino, e a serra do Umbuzeiro com altitude acima de 200 metros do nível do mar. Apenas como complemento, é necessário lembrar, que todos os serviços criados para servir a população, devem ser considerados. As escolas em todos os níveis, os postos de saúde e hospitais, o setor de segurança pública, suas atividades econômicas etc. Tudo isto, pode ser representado pelo conceito de urbanismo, ou seja, todo o planejamento e traçado, que deu origem a todo ecúmeno e que continua a substanciá-lo no seu crescimento.

4 - Qual o papel de Delmiro Gouveia e a Usina Angiquinho, como o primeiro empreendimento construído para aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso, sendo sua ideia precursora para a criação e a instalação da Chesf em Paulo Afonso?

A presença de Delmiro Augusto da Cruz Gouveia no sertão alagoano, ocorreu a partir de novembro de 1902, como que, para dar a sua vida, um novo significado. Vindo por influência do então governador de Alagoas na época, o senhor Euclides Vieira Malta, se instalou na comunidade da Pedra, próximo à cachoeira de Paulo Afonso, localizada, em um ponto, entre os estados de Alagoas e Bahia. Delmiro trabalhava com compras e vendas de peles e por isso necessitava, vês por outra, fazer viagens. Numa dessas viagens à Europa, ficou conhecendo a realidade das usinas hidrelétricas. Ao regressar ao Brasil, contou com a colaboração do engenheiro italiano, Luigi Borella, para ajuda-lo a construir uma usina, em um dos locais da cachoeira de Paulo Afonso. Inaugurada em 26 de janeiro de 1913. Todo esse esforço, para ter condições de fornecer energia para uma moderna fábrica de linhas que Delmiro pretendia edificar, utilizando para isso o algodão regional, denominado "Seridó", de fibra curta, contudo de maior resistência. A usina hidrelétrica e a fábrica de linha, tornaram-se realidade com um detalhe: a qualidade das linhas "Estrela", ganhou mercado, incomodando a grande fabricante de linhas da Inglaterra, a "Cotton Machine", que utilizava basicamente um algodão indiano. Delmiro Gouveia, tinha desafetos, e não eram poucos. No dia 10 de outubro de 1917, este cidadão de origem cearense, veio a ser assassinado, não se sabe bem a motivação, se política ou econômica. Mesmo depois da sua morte, a usina de Angiquinho, continuou funcionando, até o ano de 1960, quando então, foi adquirida pela Chesf, a **Companhia Hidro Elétrica do São Francisco**. Já sua fábrica de linhas, tempos depois foi adquirida e segundo conta, parte do seu maquinário foi jogado no cânon do São Francisco.
Respondendo à pergunta a partir desta sinopse, podemos afirmar que, seu exemplo empreendedor, serviu de modelo para as futuras gerações, encarnado, na figura do político pernambucano Apolônio Sales, o qual consegui com que o presidente Getúlio Vargas, incluísse em seu projeto de governo a edificação da Chesf, como um instrumento de desenvolvimento para uma região dominada pela seca e ocupada, em sua maioria por pessoas esquecidas ou despossuídas.

5 - A emancipação política de Paulo Afonso, em 1958, caminhou com as segregações espaciais existentes entre o Acampamento da Chesf e a Rua da Frente, na Vila Poty. Como esse contexto ainda se reflete nos dias de hoje?

Primeiramente é necessário que possamos entender a realidade daquele momento, de obras. A Chesf estava dando início a uma série de procedimentos, que ao seu final, teria em mãos uma empresa que deveria gerar energia, que certamente seria um dos caminhos para o desenvolvimento regional. Prosseguindo, é comum, que todos os canteiros de obras, sejam isolados por tapumes. Naquele momento, talvez, em função do tamanho do empreendimento, se fez opção por, ao invés de isolar todo o espaço com tapumes, isso foi realizado com cercas de arame farpado. Possivelmente, passado o tempo, as administrações do espaço da Chesf, ou foram adiando a retirada dessas cercas, ou possivelmente, negligenciaram na tomada dessa decisão.
A verdade, é que essa temporalidade e tomada de decisão estendida, começou a incomodar a população. Aquela que usualmente era transeuntes naquele espaço, assiduamente. Aqueles que, por necessidade civil, eram obrigados a ir e vir, justamente entre as localidades impedidas por aquela cerca, que inicialmente era um marco de definição para o espaço reservado às obras daquele momento.
Há um outro aspecto a ser observado no comportamento humano. A sociedade moderna, está incutida da noção de liberdade, uma das conquistas do estado democrático. Desse jeito, no momento atual não se aceita essa divisão. Como se uma sociedade, tivesse que ser obrigada a conviver separadas por uma simples cerca. Entretanto, sabemos que o tempo passa a ser um importante instrumento jurídico, corrigindo mesmo que tardiamente os desequilíbrios sociais.
Para concluir esse questionamento, esse é hoje um problema superado... mero detalhe histórico.

6 - Na visão do(a) senhor(a), como seria Paulo Afonso hoje, sem a instalação da Chesf em seu território? Como poderíamos imaginar Paulo Afonso antes e depois da Companhia?

A Chesf, a Companhia Hidro Elétrica do São Francisco, que foi instalada numa região completamente esquecida, pelo isolamento continental, é também vítima de um clima causticante, e pela ação das autoridades. A Presença dessa Empresa, foi uma solução, a médio e longo prazo para esse espaço desafortunado do território regional brasileiro. Acreditamos que as ações do governo, nos três níveis, possam paulatinamente estimular esse desenvolvimento, principalmente com base nas ações educativas.

7 - Para o(a) senhor(a), a Chesf desempenhou um importante fator no desenvolvimento econômico e populacional de Paulo Afonso? Por quê?

Sim. Basta voltarmos no tempo, quando Paulo Afonso, antiga "Forquilha", não passava de um ponto turístico do município de Glória. Neste tempo, seu espaço era ocupado por pastagens de gado bovino e caprinos, não passando de um mero ambiente anexo ao pequeno ecúmeno de Gloria, o município sede.

8 - Qual a importância dos monumentos inseridos na cidade como imagens representativas da história queconsolida Paulo Afonso como a Terra da Energia?

Os monumentos têm sim, um significado de representatividade.
Quando fotografamos a escultura do Boi e a Cobra... certamente chega ao nosso entendimento a ideia de que aquele escultor, aquele artista, através seu trabalho procurou passar uma mensagem: a de que, o homem (representado pelo boi,) conseguiu, através de muita luta, dominar o rio (representado pela cobra).
Da mesma forma, ao lermos atentamente o poema de Castro Alves na Ilha do Urubu, onde nos é oferecido um outro bom exemplo...um dos trechos do poema de Castro Alves, "A Cachoeira de Paulo Afonso" onde o poeta, através desse texto, procurou manifestar, as dificuldades que as águas do rio enfrentaram, através do tempo, para se acomodar na paisagem e cavar seu leito. Da mesma maneira, cada estátua, cada monumento tem seu significado e representa a luta do homem em sobreviver na paisagem modificada.

9 - Quais os lugares simbólicos que sintetizam e que consolidam à história de Paulo Afonso? Por quê?

a {A Cachoeira de Paulo Afonso;
b {A Usina de Angiquinho, reminiscência da época do industrial Delmiro Gouveia;
c {A Usina Piloto;
d {A Ponte D. Pedro II;
e {A Ponte de Serviço onde foi filmada a morte da personagem, "Nazaré" da novela: "Senhora do Destino, apresentada pela Rede Globo, entre 2004 e 2005;
f {O Cânon do Rio São Francisco;
g {As Usinas I, II, III, IV e Moxotó. (Apolônio Sales);
h {O conjunto de diques (ou as resistentes paredes) que sevem de barramento para o grande volume da água que são utilizados na geração hidrelétrica;
i {A Ilha do Urubu;
j {O Espaço de Belvedere;
k {A Estátua do Boi e a Cobra;
l {A Estátua do Trabalhador.
Podemos anda contabilizar, afora a Cachoeira de Paulo Afonso e do Cânon do São Francisco, outros pontos físicos elaborados pela natureza ao longo de muitos anos, são esses:
a {O próprio curso do Rio São Francisco, entre sua nascente e foz ou embocadura;
b {Reserva Ecológica do Raso da Catarina;
c {Serra do Umbuzeiro.
Existem ainda alguns pontos de cunho cultural e religioso, os quais foram sendo adicionados ao ciclo turístico de nosso município, pois é um fato, que a historicidade de qualquer ecúmeno, é formada através do tempo, iniciando-se com seus primeiros ocupantes. A partir daí, os eventos vão acontecendo e os valores culturais vão sendo documentados, acordo com a aceitação dos seus habitantes. Em nossa cidade alguns locais passaram a ser comumente frequentados a exemplo:
a {O Balneário Prainha, ponto de encontro para refeições, principalmente aos finais de semana e feriados;
b {Museu Casa Maria Bonita;
c {Algumas igrejas... sendo as mais visitadas a igreja do São Francisco e a igreja Matriz.
Para finalizar, não podemos esquecer as diferentes "Pinturas Rupestres" descobertas (localizadas), em diferentes pontos, chamados de "Sítios Arqueológicos", alguns datados de mais de nove mil anos.
A justificativa para especificar este acervo e pontos importantes é garantida pelo contesto da própria história

Eu, assino abaixo, concordando com a publicação das respostas deste questionário junto ao Trabalho de Conclusão de Curso do discente Taítalo Eduardo Gomes Gentil, para fins acadêmicos e de produção do conhecimento.

Roberto Ricardo do Amaral